

**REVISTA**  
D O  
**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO**  
D O  
**RIO GRANDE DO NORTE**

**Volumes — LVI — LVII — LVIII**

**Anos: 1964 — 1965 — 1966**



— 1971 —

**EDITORA PONGETTI**

**Rio de Janeiro — GB.**

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

## Diretoria e Comissões Permanentes

— 1963 a 1966 —

Presidente — Dr. Enélio Lima Petrovich.

1.º Vice-Presidente — Des. Antônio Soares de Araújo

2.º Vice-Presidente — Des. Silvino Bezerra Neto

1.º Secretário — Dr. Manoel Rodrigues de Melo

2.º Secretário — Prof. Manoel Jácome de Lima

Secretário-Adjunto — Dr. Romulo Chaves Wanderley

Orador — Historiador Luís da Câmara Cascudo

Vice-Orador — Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros

Tesoureiro — Dr. Manoel Varela de Albuquerque

Tesoureiro-Adjunto — Dr. Boanerges Januário Soares de Araújo

Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo — Dr. João Epitácio  
Fernandes Pimenta

Diretor-Adjunto — Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão.

## C O M I S S Õ E S

### *Fazenda e Orçamento —*

Dr. Francisco Ivo Cavalcanti

Dr. Manoel Varela Santiago Sobrinho

Des. João Vicente da Costa

### *Estatutos e Redação da Revista*

Drs. Luís da Câmara Cascudo

Tarcísio da Natividade Medeiros

Boanerges J. Soares de Araújo

### **N o t a —**

A Diretoria acima tomou posse a 25 de agosto de 1963, com a renúncia do Presidente Dr. Aldo Fernandes Rapôso de Melo e concluiu o seu mandato a 29 de março de 1965, quando, a 3 de abril do mesmo ano, em sessão de assembléia geral, após a leitura do relatório da presidência, foi reeleita, para dirigir os destinos da instituição até 29 de março de 1967, com a substituição, apenas, por motivo de saúde, do Dr. João Epitácio Fernandes Pimenta, pelo escritor João Carlos de Vasconcelos, no cargo de Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo.

## UMA JUSTIFICATIVA

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte volta a ser editada, depois de 5 anos, pois o último número foi impresso em 1965, referente ao ano de 1963 (volume LV), com o auxílio do Departamento Estadual de Imprensa, ainda no Governo Aluizio Alves.

Agora, graças à imprescindível ajuda do CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, que consignou uma dotação, estamos publicando, neste comêço de 1971, mais um número da Revista, correspondente aos anos de 1964, 1965 e 1966.

Assim, nas páginas a seguir, existe vasta e valiosa colaboração de nossos confrades, contendo registros históricos, além das atas das sessões realizadas durante os dois primeiros anos aludidos, deixando, porém, para o próximo número, as de 1966. Visou-se, com isso, uma distribuição melhor e mais equitativa da matéria. Quanto ao necrológio dos ilustres consócios que já partiram para a caminhada eterna, será também publicado no número seguinte.

Ressalte-se, neste ensejo, que a Comissão de Estatutos e Redação da Revista, composta pelos historiadores Luís da Câmara Cascudo, Tarcísio da Natividade Medeiros e Boanerges Januário Soares de Araújo, vem, com zêlo, se interessando pela maior divulgação das pesquisas e dos trabalhos de alto valor cultural.

É nosso propósito, ainda no decorrer de 1971, editar o número LIX, e outros subsequentes, para o que contamos com o prestígio e a participação efetiva dos eminentes sócios da tradicional instituição, de outros inte-

ressados pelos estudos históricos e, sobretudo, com a colaboração do Conselho Federal de Cultura.

Com êste registro — apenas uma justificativa — queremos, afinal, expressar, com destaque, o nosso agradecimento ao referido Conselho, que, através de seus ilustrados membros, nos deu condições para que viesse a lume esta edição — volumes ns. LVI, LVII e LVIII — da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a mais antiga instituição cultural do Estado.

Natal, 6 de Janeiro de 1971

— Dia dos Reis Magos —

**Enélio Lima Petrovich**

# LOURIVAL AÇUCENA

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

(Sócio Benemérito)

## NASCIMENTO E MORTE

### O NOME LOURIVAL

#### I

Nasceu na cidade do Natal a 17 de outubro de 1827 e batizou-se quatro dias depois: —

Aos vinte e hum dias de outubro de mil oitocentos e vinte e sete nesta Matriz, o P. Salvador Maria da Trindade, de minha licença, batizou e poz os Santos Oleos a JOAQUIM, branco, nascido nesta freguesia, filho legítimo de Manoel Joaquim Sucena e Maria Pacífica, naturais desta freguesia. Foi padrinho, o capitão José Alexandre Gomes de Melo. E para constar fiz este termo que assino. (a) FELICIANO JOSÉ DORNELLAS, Vigario Colado.

Nasceu no atual prédio n.º 96 da Rua Ulisses Caldas onde está a "Farmácia Natal". Naquele tempo a casa tinha entrada somente para a Rua da Palha, a Vigário Bartolomeu de nossos dias. Não teve Madrinha. O padrinho era filho do coronel de Milícias José Alexandre Gomes de Melo, dono de Pitimbu e proprietário do primeiro sobrado particular que se construiu na cidade, o

de n.º 601, na esquina da Rua da Conceição com a Coronel Cascudo. Sede do Museu de História.

Lourival Açucena faleceu quase oitenta anos depois: —

Aos vinte e oito de março de mil novecentos e sete neste distrito e paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação, e município do Natal, Estado do Rio Grande do Norte, compareceu em seu cartório Joaquim Lourival Soares da Câmara, e exibindo atestado do subdelegado do primeiro distrito, capitão Afonso Magalhães da Silva, declarou: — Que hoje, a uma hora da manhã, faleceu nesta cidade, seu Pai, JOAQUIM LOURIVAL DE MELO AÇUCENA, com oitenta anos de idade, casado, digo, viúvo, empregado público, natural e residente neste distrito, tendo deixado oito filhos e que vai ser sepultado no Cemitério Público desta capital. Do que para constar, eu, Miguel Leandro do Nascimento, oficial privativo do registo, mandei lavrar este termo, que assino com o declarante. a) Miguel Leandro do Nascimento. (a) Joaquim Lourival Soares da Câmara.

O nome primitivo era Joaquim Eduvirges de Melo Açucena. De onde provinha o "Lourival"?...

Um dos seus trinta e dois filhos, o mesmo declarante de sua morte no Cartório, informou-me que em 1855 o Pai representara o papel do Capitão Falcoll no drama O DESERTOR FRANCÊS, de Antônio Xavier Ferreira de Azevedo, e os amigos deram para chamá-lo teimosamente de Lourival e a sonora e linda alcunha pegara de vez.

Aceito a explicação do saudoso Professor Panqueca (1849-1920) mas recuso a data. Justamente em 1855 falecia o tenente Manoel Joaquim, Pai de Joaquim, e não seria possível que pisasse palco enlutado e chorando saudades de um amigo diletíssimo. E mesmo há outro argumento e êste irrespondível.

Encontrei no arquivo do finado Ateneu Norte Rio-grandense, na época em que fui seu Diretor, um velhís-

simo livro de matrícula. Há sete registros (são dezesseis ao todo) referentes ao Poeta.

De 1842, 1843, 1844 e 1845 assinava JOAQUIM HEDUVIRGES DE MELO AÇUCENA. São três matrículas de Latim e uma de Geometria. Em 1846 deparou JOAQUIM LOURIVAL DE MELO AÇUCENA, repetido em 1847, ambos na cadeira latina e em 1848 na Filosofia.

Assim em 1846 era Lourival quem só o seria em 1855.

Não invalida a antecipação cronológica a possibilidade do rapazinho de dezenove anos buliçosos haver vivido o papel do Capitão Falcoll, o Lourival a quem daria vulgarização feliz. Podia, perfeitamente, ter havido no Natal uma representação do DESERTOR FRANCÊS em 1846 e daí nascido o prestigioso Lourival.

o:o:o:o:o:o:o

## OS PAIS DE LOURIVAL

### I I

O Pai de Lourival Açucena, tenente de Milícias Manoel Joaquim Açucena, ou Sucena como mais comumente aparece, era natalense, sacudido, forte, valentão, doido por uma briga e possuindo uma coleção de cacêtes, cada um com o nome de quem havia sido surrado.

Era bom tocador de violão, cantador de modinhas, namorado das noites de luar e comedor de peixe frito com azeite de dendê nas madrugadas românticas.

Na época anterior ao movimento da Independência já era "brasileiro e patriota", andando de espada e entrando no barulho com toda vontade.

Veza por outra passava a noite inteira andando pelas ruas pequenas de pequenina cidade. Sabia as estórias miúdas e muitos segredos, que pedem horas escuras como paisagem indispensável à sua efetivação.

Seu Pai, José Gomes de Oliveira, era também boêmio, notívago, com uma duela de menos. Casara com d. Joana Maria Damasceno, de família respeitável do Ceará e não lhe dera boa vida. Terminou seus dias no Amazonas para onde viajara querendo ficar rico e apenas levou carne aos mosquitos associados às maleitas.

O Chefe da família era o Capitão André Mateus da Costa, irmão de José Gomes de Oliveira, Comandante do Forte dos Reis Magos em 20 de Maio de 1799. Este André tivera vida difícil. Como Furriel fôra a 12 de agosto de 1786, para a vila de Estremoz ser Mestre-Escola e se houve bem, sendo promovido a Sargento a 7 de março de 1788. Fôra o protetor do irmão. Faleceu no Natal a 27 de junho de 1800.

O Pai do futuro poeta podia ter nascido ao redor deste último ano do século XVIII.

Não sei como Manoel Joaquim turbulento famanaz, e também romântico, encontrou a jovem Maria Pacífica de Jesus, filha de José Januário Pessoa e Florência Joaquina de Melo. O casal morava em S. Gonçalo. Manoel Joaquim, apaixonado até a medula dos ossos, ia visitar a namorada todos os sábados. Atravessava o Rio Potengi a nado com a roupa feito trouxa na cabeça, e batia a pé os trinta quilômetros que o separava do suspirado amor. Custavam-lhe 60 quilômetros a pé e duas travessias natatórias do Rio Grande as alegrias de verificar de perto se era amado pela menina Maria Pacífica de Jesus.

Casou na cidade do Natal a 12 de fevereiro de 1822. O Brasil era ainda português. A noiva tinha dezesseis anos.

Arranjou um emprêgo sério apenas pelo alvará de 12 de março de 1833. Porteiro da Secretaria da Presidência. Em 1847 ganhava 300\$000 por ano.

Devemos ao tenente Manoel Joaquim Açucena dois favores. O primeiro é ser Pai de Lourival e o segundo é ter divulgado e participado do primeiro FANDANGO que houve na cidade do Natal. O folguedo ocorreu entre 1812 e 1816. Manoel Joaquim seria muito moço para ser "Capitão". Teria tido um papel menor. Mas recorde que se casou em 1822. Podia ter dançado e cantado quatro a seis anos antes, perfeitamente.

Com seu primo Francisco Eloi, colega de emprêgo e de fuzarca (foi o "Pilôto") fêz sucesso até à morte. Reuniram mesmo um grupo de amadores que estudavam os papéis seriamente, ensaiando a música e a representação com todo rigor. Antônio José de Moura Filho, o grande elegante da terra, Gustavo Silva, cujos versos ainda são cantados nos PASTORIS, Carlos Pinheiro de



Vasconcelos, João Elísio Emerenciano, Francisco Gomes e Luís Alvares de França ao lado de Manoel Joaquim, eram os rapazes que davam ao Natal a nota álaure de uma boêmia metódica e sentimental, comendo peixadas na Redinha, indo a Genipabu ouvir Miguel Vieira de Melo, o famoso Miguelzinho da Gamela, celebrado poeta aleijado e paralítico. Deste grupo saiu o FANDANGO. Saiu a LAPINHA. Saíram os divertimentos onde a música se unia à dança e aos versos, com passagens fatais em Vênus vaga e Baco acolhedor.

Neste tempo a rua movimentada e feliz era a RUA DO FOGO, hoje a pacata Rua Padre Pinto.

Manoel Joaquim deve ter falecido entre janeiro e abril de 1855 porque a 13 dêste último mês é nomeado Joaquim José Tôrres, seu sucessor.

O Professor Panqueca informava que seu avô paterno falecera em Pontanegra, Pirangí, Genipabu, Redinha, enfim numa praia, velho e ainda animado, arranhando o violão e rosnando modinhas molengas com acento faceiro e sexual que o ilustre filho herdou magistralmente.

Maria Pacífica de Melo Açucena, com 82 anos, antiga Professôra primária, faleceu a 16 de maio de 1888, traumatizada pelo pensamento melancólico de saber que o filho querido, rei dos sereneiros, inocente como água da fonte, estava prêso no Forte dos Reis Magos.

---

## COMÊÇO E AÇÃO

### III

Henrique Castriciano publicou n'A REPUBLICA (julho-agosto de 1907) uma excelente série de artigos sobre LOURIVAL AÇUCENA E SEU TEMPO, resumindo informações preciosas no tempo e espaço e mesmo lembranças pessoais do grande boêmio falecido naquele ano. Diz que Lourival estudara francês, latim, história, retórica, etc. e sabia bem algumas dessas disciplinas.

Certamente estudou-as com êle mesmo no velho costume do autodidatismo brasileiro. NO ATENEU NORTE RIOGRANDENSE encontrei suas matrículas de 1842 a

1848 apenas referentes ao Latim, Geometria e Filosofia. Nem Francês, nem História (que não havia naquele tempo) e nem Retórica.

Lembro que, filho de professôra, tinha mestra em casa

Em 1839, menino de doze anos, o Pai levou-o ao Presidente da Província, dom Manoel d'Assis Mascarenhas para fazê-lo ouvir o filho cantar modinhas e chulas e tocar violão. Dom Manoel ficou encantado da precocidade com que o filho do peixe aprendera a nadar.

Com 21 anos é violão aclamado e uma das melhores vozes masculinas da cidade. Faz parte das serenatas e, como todo católico que se preza de ter boa garganta, é cantor sacro na Semana Santa. Recebeu aplausos e de tal forma orgulhava os admiradores que o Pai levou-o ao Recife em 1848 para cantar na Igreja do Corpo Santo onde o Padre Grego dominava com sua famosa voz de tenor. Lourival Açucena cantou e o Padre Grego disse-lhe, numa vênia sorridente: — “Você veio ao Recife para rasgar-me a carta de cantor!”

Era amabilidade porque a carta continuou firme e válida mas Lourival Açucena voltou consagrado indiscutivelmente.

Em 1852 enamorou-se de d. Antônia Cândida de Albuquerque e nomearam-no Praticante nos Correios com dezesseis mil reis mensais. Era tanto dinheiro que se casou no mesmo ano, numa festa cheia de violões e alegrias que resistiram aos três cantares de todos os galos da cidade.

No ano seguinte, 1853, consegue fazer parte da Tesouraria da Fazenda Provincial, deixando o Correio com seus saudosos 16\$000 mensais.

Em 1855 teria representado O DESERTOR FRANCÊS mas, como provei, já era Lourival Açucena desde 1846. O pai faleceu neste ano, entristecendo-o profundamente. Juntos tocavam violão e cantavam e o velho amava fazer uma segunda voz, contracantando as modinhas do filho, popularizado na cidade.

Consolida a fama de cantor nas festas religiosas e de supremo chefe das serenatas e reuniões urbanas, suburbanas e rurais. Verseja com facilidade, glosa motes e põe música nas suas composições dedicadas às morenas que se impressionam com sua voz quente, sensual e mali-

ciosa, varando a noite enluarada, acordando os amôres grandes e pequenos

Bebe e sabe beber. Canta uma noite inteira sem enrouquecer. É o mais conhecido, aplaudido, convidado, indispensável conviva da cidade e vizinhanças. Não há festa sem êle que já constituía júbilo e animação mesmo sozinho. Com o violão, valia meia dúzia de cantores.

Em 1859 há o inesquecível episódio que os velhos natalenses contavam, babando de saudades impossíveis de reconstituição e forma.

Toma posse o 23.º Presidente da Província, Dr. João José de Oliveira Junqueira, em outubro e governaria até abril de 1860. Tinha 29 anos e já presidira o Piauí. Seria Deputado Geral, Senador do Império, duas vèzes Ministro da Guerra. Era baiano legítimo, amador de violões, modinhas, ceias, alegrias, naturalidade. Se o fato se deu numa Semana Santa certamente não foi em 1859 e sim 1860. Certo é que Lourival fugiu da repartição e foi cantar numa festa religiosa na Matriz de Estremoz convidado pelo Pe. Luís da Fonseca e Silva, "Padre Coringa", vigário do Ceará-Mirim. Estava entoando as solfas mais impressionantes quando deu com os olhos no Presidente que o fitava, admirado. Ficou certo de que seria demitido. Finda a cerimônia, Oliveira Junqueira, mandou-o chamar, fê-lo cantar boa parte do seu repertório, colocou-o na sua mesa e na manhã seguinte anunciou oficialmente: — "O Senhor Lourival está nomeado Oficial Maior da Tesouraria Provincial"!

E nomeou-o realmente Oficial Maior pelo título de 9 de abril de 1860. Ficou ganhando 75\$134 por mês. Uma fortuna...

A voz que lhe dera o emprêgo encarregou-se de

---

## ELEITOR DE PARÓQUIA — UM DRAMA DE 1863

### I V

Desde 1857 Lourival Açucena era Capitão da Guarda Nacional e Eleitor de Paróquia. Significava alguma coisa de sério para os candidatos à deputação provincial e geral e ao Senado do Império.

Até 1881 o eleitorado do Brasil dividia-se nestas duas classes: os eleitores primários que votavam nos eleitores de Paróquias e êstes, em número reduzido, nos candidatos aos cargos Legislativos, município, província e nação.

Estava o capitão Lourival ganhando 75\$000 por mês, pai de filhos, Oficial-Maior, conhecido, popular, aplaudido. Sonhou em ser deputado provincial.

Sucedeu que o Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti veio solicitar-lhe o voto para a 10.<sup>a</sup> legislatura geral, 1857-1860. Adivinhando ou percebendo o desejo do Poeta prometeu incluí-lo na chapa para o 13.<sup>o</sup> biênio, 1860-1861. Lourival votou no Dr. Amaro e êste viajou, eleito, para a Côrte.

Veio a eleição provincial para a Assembléia e Lourival debalde procurou seu nome entre os futuros legislferantes. Coisa nenhuma! Ficou decepcionado e furioso.

Logo bateu a hora da eleição geral para a 11.<sup>a</sup> legislatura 1861-1864, e o Dr. Amaro Bezerra era naturalmente candidato ao pôsto de sacrifício. Qual será o deputado que deixe espontâneamente de ser?

O Dr. Pedro Gomes Leão Veloso era o 25.<sup>o</sup> Presidente da Província já tendo governado Espírito Santo, Alagoas, Maranhão e presidira Piauí, Pará, duas vêzes o Ceará, Deputado Geral por Sergipe e Bahia, Senador do Império, Ministro de Estado, Conselheiro Imperial. Foi um dos grandes administradores da Província. Enfrentou gravíssima crise financeira, cortando as despesas supérfluas e o funcionalismo era pago às gôtas. Lourival admirava Leão Veloso a quem dedicara um poema peditério com refrão latino, **Eheu, fame pereo, ah, morro de fome.**

O Presidente foi pedir o voto de Lourival para o Dr. Amaro Bezerra e o Poeta recusou, dizendo-se traído e abandonado por uma falsidão cruel. Debalde Veloso procurou demovê-lo mas Lourival estava de ferro-e-fogo com o grande Dr. Amaro. Explicou o Presidente que o Poeta não fôra incluído na Assembléia Provincial por uma questão de decôro e protocolo. Não soava em bom tom ver-se deputado de violão ao peito, garganteando amôres à luz do luar.

— “O meu crime é cantar, Excelência? respondeu:

— pois é melhor cantar que rincar e sabeis que não se faz outra coisa na Assembléia!”.

O “nobre Veloso” como o chamava Lourival no poema, demitiu o Oficial Maior da Tesouraria Provincial a título de economia mas realmente por um castigo do seu inesperado revide. Outros afirmam que Lourival pedira demissão, ato pouco crível. Não abriria mão do emprego num impulso sem consequência. **Veloso cortou-o.**

A vingança de Lourival foi escrever e musicar a chula A POLÍTICA, 1862, fazendo-a correr nordeste e Brasil naqueles versos simples e claros que todos entendiam e divulgaram. Foi uma de suas composições mais felizes.

Você pergunta, Iaiá  
Por que deixei a política?

Foi a melhor sátira do Poeta e a impressão deramou-se desfavoravelmente ao Presidente que em 1863 nomeou Lourival Comandante do Destacamento da Guarda Nacional, convocado para servir na capital.

É deste 1863 um “drama” com o título, “BRASIL, O DESPOTISMO E A INDEPENDÊNCIA” representado diante da Matriz num grande palco. Pelo assunto seria num 7 de setembro. Creio pouco tratar-se de “drama”. Naquele tempo um mero recitativo patriótico ganhava esta denominação. Com o nome de DESPOTISMO E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL existe um poema esdrúxulo e estupefaciente para os nossos entendimentos e que bem poderia ser obra-prima natalense em 1863: —

Do Despotismo  
O gênio sórdido  
E o bafo mórbido  
Sofre o Brasil,  
No seu valente  
Pulso atlético  
Suporta tétrico  
Duro grilhão  
Alto decreto  
Da Providência!

Mas o Professor Panqueca descrevia-me a representação, movimentando-se três figuras entre elas o DES-

POTISMO que o evocador achava muito parecido com o Professor Maximus Neumayer, um judeu alemão, pequenino e barbudo, que morava no Natal no tempo da primeira guerra européia.

Finalmente em 1864 o Dr. Olinto José Meira, 26.º Presidente da Província, nomeou Lourival para o cargo de Amanuense da Secretaria do Govêrno, degrau inicial numa longa escada burocrática que o boêmio, sem desanimar, recomeçou a subir.

## VIDA LEGÍTIMA

### V

Viúvo, Lourival Açucena convola núpcias com Dona Flora Carlinda de Vasconcelos em 1865.

Em 1867-1868 foi Oficial de Gabinete do Doutor Gustavo Adolfo de Sá, 28.º Presidente da Província, o primeiro médico que governou o Rio Grande do Norte. Este Gustavo Adolfo, baiano, criou a Biblioteca Provincial num salão do Ateneu em 1868 e que durou até 1909. Diga-se de passagem que lhe devemos a fundação da Banda de Música no Batalhão de Polícia. Era letrado, enérgico e desabusado. Adversário para êle não tinha direito a respirar. Quando chegou a notícia de sua exoneração, os Conservadores atiraram a maior girândola de foguetões de que há notícias. Meia hora de trovoadas pipocante, aturdindo os natalenses com aquêlê fim-demundo estalador.

Lourival elogiava muito Gustavo Adolfo e morreu sendo seu admirador. Ingrato é que êle jamais fôra. O Presidente promovera-o na Secretaria e gostava de suas modinhas e chulas, repinicaças e excitadoras.

Apenas em abril de 1877 assumiu o 37.º Presidente da Província, Dr. José Nicolau Tolentino de Carvalho que deixou o govêrno em março de 1878. Tolentino foi fervoroso ouvinte das prosas de Lourival, amador de suas poesias e apaixonado pelo violão plangente.

Revoltou-se com a injustiça de 1861. Deliberou fazê-lo livre de repartição e rotina burocrática. Mandou-o examinar pôr uma junta médica e o serventuário provou ter

mais de vinte e cinco anos de serviço público, descontando mentalmente as serenatas e fugas naturais para os bródios nas cercanias convidativas.

Um Ato de 19 de janeiro de 1878 aposentava Lou-  
rival Açucena como Chefe de Secção da Secretaria. Ti-  
nha 51 anos de idade e ia receber 108\$000 por mês.

Publicou um sonêto palaciano e laudatório como se  
o fizera no século XVIII a um Vice-Rei:

Do valente Poti a pátria amada,  
A Tolentino ilustre, agradecida,  
Aos Céus implora lhe eternize a vida,  
Renome excelso, glória sublimada!

Desde 1874 verseja laudes à sua musa cabocla, Sil-  
vânia, que êle chamava poeticamente "Porangaba", úl-  
timo amor, infecundo em filhos mas ubérrimo nas  
inspirações:

Curupira se afugenta,  
Manitó esquece a taba,  
Mas minh'alma não esquece  
O amor de Porangaba.

E ainda em 1898:

Minha gentil Porangaba,  
Imagem, visão querida,  
Só teu amor me conforta  
Nos agros transes da vida!

E no ECHO MIGUELINO (12 de novembro de 1874)  
publicou uma charada "Porangaba" com fama teimosa  
de alguns anos, dedicando-a ao Dr. Henrique Câmara,  
médico, jornalista, sobrinho do coronel Bonifácio Câma-  
ra, e respeitado subchefe Saquarema.

Metete-se naturalmente na Questão Religiosa, escre-  
vendo contra Dom Vital e defendendo a irmandade ma-  
çônica à qual pertencia. Amigo do Vigário Bartolomeu  
e de Joaquim Fagundes, o fundador do ECHO MIGUE-  
LINO, divulgou produções que tiveram seus dias de  
aplausos, especialmente um PADRE NOSSO, a 29 de  
setembro de 1874, transcrito pela imprensa dos "Filhos  
da Viúva", e que êle assinara, **Por um Maçom**.

Lá dêsse trono excelso e radiante,  
Onde justo exercéis o poder vosso,  
Compassivo atendei as nossas preces,  
Divino Criador, ó PADRE NOSSO!

Os Bispos D. Vital e D. Antônio,  
Êstes homens fatais, êstes dois réus,  
Torcendo a santa lei de vosso Filho  
Conspiram contra vós QUE ESTAIS NOS CEUS!

E por aí vai. Mas não deixava de louvar o Deus-Menino nas Lapinhas, dedicar poemas à Nossa Senhora d'Apresentação e assistir, de joelhos, a MISSA DE GALLO, com a velha contrição dos veteranos na fé.

Arreatado, impulsivo, declamatório, teatral, era romântico, sensível, sincero nos afetos, incapaz de uma vilania, uma mentira chistosa para maldizer, uma atitude intencional que prejudicasse alguém.

Vivia, despejadamente, seu temperamento.

---

## A FIGURA NO ESPAÇO

### VI

Henrique Castriciano que o conheceu descreve-lhe figura e espírito: —

“Lourival era de regular estatura, olhos castanhos vivíssimos, boa cabeça de artista emoldurada de longos e anelados cachos, nariz bocagiano, sempre com um sorriso brejeiro e fugaz.

Não tinha bem firme o andar, por haver, numa das mil travessuras de que foi autor quando criança, quebrado uma perna e um braço, defeito que, aliás, passava despercebido.

Conversador inesgotável, de trato delicado, afetivo, generoso, era contudo, irascível, não raro usava expressões grosseiras, cortadas de palavras ásperas e plebéias.

Retrógrado, votava ódio à arraia-miúda; dizia que tinha muita pena de todo homem que desejava morrer pelo Povo porque, quase sempre, acabava vitimado pelo mesmo povo. E citava, pachorrentamente, os mártires da Revolução Francesa.



Sistemáticamente fugia de fazer censuras ao governo e se alguém, na roda em que êle conversava, descia a analisar a orientação política do tempo, cortava a palestra gracejando: — “Não estamos na altura de falar dos mais altos cidadãos de Atenas!...”

Possuía fidelíssima, assombrosa memória; sabia de cor a história antiga, inúmeras comédias e, estrofe por estrofe, os LUSÍADAS, de Camões.

Era uma crônica viva da terra. Isso explica, além de outros requisitos pessoais, o fato de ser êle amigo de pessoas gradas que visitavam a Província, especialmente dos presidentes, que lhe concediam tôdas as regalias.

Fazia amiudadas leituras das obras de Magalhães, de Macedo, o romancista brasileiro do tempo; de Eugênio Sue e de Bocage, seu autor favorito.

Dormia poucoíssimo. Às vêzes levantava-se e levava horas e horas discutindo nervosamente a sós. Nesses instantes de crise moral aguda, não raro afinava o violão e saía para a rua, onde às dezenas os boêmios da época divagavam ao clarão do luar. Voltava pela manhã satisfeitíssimo: tinha, com os pândegos, enchido bem a noite...

Gozando saúde de ferro, durante cinquenta anos cheiou, por assim dizer, tôdas as patuscadas da Cidade; não se fazia festa sem êle.

E ai dos que o interrompiam quando, afinado o instrumento, vibrava a aguda voz metálica, de uma singular expressão, traindo a mais sensual e esquisita sensibilidade.

Uma vez, já velho, deixou inopinadamente o violão, ao perceber que certa môça conversava perto, no momento em que êle, todo cuidado, entoava dengoso descanto.

Pediú uns biscoitos e ofereceu-os com esta frase, à gentil palradora: — V. Exa. vá comendo êsses biscoitinhos, enquanto eu acabo...

E ninguém se zangava: tinha o dom de fazer das suas sem magoar ninguém.

Havia no poeta a preocupação de ser agradável, queria gozar e para isso, adaptava-se, quanto possível, ao ambiente social em que agia”.

Henrique Castriciano ressaltava o grande conversador que fôra Lourival. Era o maior, o mais envolvente

e poderoso pelos processos de evocação. Seu Pai assistira a revolução de 1817 e participara dos motins da Independência. Conhecerá de perto tôdas as figuras que a História fazia graves e eternas.

O Padre Dornellas que batizou Lourival e faleceu quando o poeta estava com 12 anos era um dos ex-ministros de André de Albuquerque. Vira, ouvira e palestrara com todos os Presidentes da Província desde 1839. Ainda viveu 18 anos no regime republicano na cidade transformada com as avenidas amplas e paralelas que iam até perto dos morros. O homem das velhas ruas sentimentais olhou a luminosidade da Cidade Nova e o Alecrim que começava a povoar-se. Sua espôsa, Flora Lourival, fôra em 1892 uma das primeiras moradoras.

Imagine-se o turbilhão de lembranças ressuscitadas pelo Lourival para ganhar afeição protetora dos Presidentes da Província, dos Chefes de Polícia que eram todos Juizes de Direito. O Pai trazia a história da cidade desde os fins do século XVIII. O filho comentava os episódios novos do século XIX.

Não deixou fotografia ou retrato, recordando-lhe os traços fisionômicos.

---

## COMISSÃO EM MACAU — PROCESSO E SENTENÇA

### V I I

O acontecimento mais comentado na vida de Lourival Açucena foi a sua administração da Mesa de Rendas de Macau que terminou em processo por desfalque, prisão, sentença, condenação e multa.

O Professor Panqueca e Henrique Castriciano indicam o ano de 1885 como tendo sido o da nomeação. Engano, certamente, porque em 1886 o administrador em Macau era o Prof. Elias Antônio Ferreira Souto que, mesmo demitido, por lá ficou até 1889, ensinando e mantendo o seu jornal O MACAUENSE, fundado justamente naquele 1886.

Debalde pesquisei onde era possível para obter documentação material. Debalde o Juiz de Direito de Ma-

cau Dr. João de Brito Dantas, revirou arquivos de sua Comarca. Nada foi encontrado e possivelmente o processo foi “sumido” para não deixar rastros amargos ao nome do poeta querido. Nada obtive na Coletoria de Rendas Estaduais e menos ainda no Departamento da Fazenda. Inútil foram as leituras dos relatórios dos Inspectores do Tesouro. Silêncio total. Falta de sorte minha ou ausência verdadeira dos registos funcionais.

Tenho, por dedução lógica, que Lourival Açucena foi para Macau em 1887 ou finais de 1886, depois de agôsto.

Era uma comissão para melhorar-lhe as finanças, aproveitando o domínio dos correligionários do Partido Conservador que estava no Poder. O Poeta, funcionário desiludido e displicente, seria um Chefe afetuoso e compreensivo mas inteiramente inútil no ponto de vista administrativo. E, como se viu, crédulo e confiado na honestidade de tôda a gente, tirando por êle próprio o desinterêsse financeiro pessoal. O Poeta foi, tôda a vida, de honestidade provada e completa como se usava naquele tempo em que os “hábeis” iam para a Cadeia e os honestos podiam viver sem zombarias à pobreza e modéstia individuais.

Em Macau, Lourival Açucena conquistou imediatamente a cidade. Arregimentou os boêmios, valorizou as vozes, despertou as modinhas, divulgou a utilidade dos luares, sacudiu serenatas vitoriosas e dirigiu ceias festivas e reuniões literárias. Quem ia negar a uma criatura destas a palma de uma popularidade graciosa e sincera?

Nos domínios da Mesa de Rendas é que o Senhor Administrador pouco cuidava.

Com o correr dos meses falava-se na bôca pequena que havia desfalque e possivelmente a denúncia veio ao Natal, aberta ou anônimamente. Um delegado do Inspector fez a verificação e apurou a falta de 600\$00! Uma fortuna. Bem a contragosto instaurou-se o processo, com as exigências legais e, apesar da defesa e solidariedade da população apiedada, evidenciou-se a responsabilidade do Poeta num total de um conto de réis, despesas do processado, multas e mais têrmos da Justiça. O Juiz de Direito, Dr. Manoel Barata de Oliveira, condenou Lourival Açucena a dois meses e dez dias de prisão

simples e multa, designando Natal para cumprimento da sentença que a todos encheu de tristeza.

O Juiz de Direito e autoridades foram levar o "réu" a bordo do navio que o conduziria ao Natal. Fizeram as mais calorosa recomendações ao comandante que, compreendendo a espécie que tinha diante dos olhos, balançou o braço de ré a proa e de bombordo a boreste, dizendo: — "O Sr. Lourival, tome conta dêste navio!.."

Lourival assumiu, moralmente, o comando e veio, em modinhas amorosas e chulas picantes, entretendo-se e alegrando tripulantes e passageiros até as águas do Potengi.

Foram recebê-lo os amigos fiéis que o acompanharam ao Quartel Militar. Não havia uma só pessoa que acreditasse na culpabilidade do Poeta no feio crime de peculato. Era, legítimamente, vítima da boa-fé, da confiança louca na honestidade alheia. Cercava-o o ambiente carinhoso de apoio e de consoladora distração afetiva. Várias famílias disputavam o direito de enviar as refeições do amado cantor das serenatas sempre lembradas. Na sua capa de baeta vermelha o violão estava perto do Poeta, sonorizando as horas mais melancólicas de depressão moral. "Pela manhã e à tarde os amigos enchiam o quarto do prisioneiro", derramando as alegrias mais vivas naquelas quatro paredes opressivas e confrangedoras.

Havia mesmo dedicações impressionantes. Uma turma de boêmios ia cantar diante das janelas gradeadas nas noites claras de lua cheia, homenagem linda ao soberano que o destino castigava com a prisão afrontosa. Não se dispersava uma serenata sem que uma modinha chorosa deixasse de ser cantada nas proximidades do Quartel, para que Lourival ouvisse a voz distante dos amigos que dêle não se esqueciam.

---

## PRISÃO NOS REIS MAGOS — O CAP. MANOEL LOURENÇO

### VIII

Capitão da Guarda Nacional, Lourival Açucena devia cumprir pena num Estado Maior. O natural é que fôsse para o quartel da Companhia de Linha, edifício domi-

nando a linda praça que o demônio Utilidade assassinou. Preferiu ficar no Forte dos Santos Reis Magos e os amigos influíram decisivamente.

Comandava o Forte o capitão honorário do Exército Manoel Lourenço da Silva, pernambucano de Goiana, Voluntário da Pátria da campanha do Paraguai, oficial da Imperial Ordem da Rosa, Mérito Militar e Campanha do Paraguai n.º 5. Era baixo, moreno, atarracado, com bigodes merovíngios e grande apreciador do violão e classes anexas. **Arcades ambo**, Lourival não podia escolher melhor. E eram camaradas antigos. A hospitalidade fraternal fez desaparecer qualquer imagem da prisão.

No dia 5 de janeiro de 1888 Lourival foi transferido para o Estado Maior do Corpo de Linha. Logo na véspera do onomástico do Forte, dia da festa! Escreveu uns versos e pregou-os numa porta. Os versos foram descobertos, lidos, decorados, aplaudidos e a fama obrigou A GAZETA DO NATAL (n.º 110, de 9 de março de 1889) a registar o episódio:

### “HONRA AO COMANDANTE DA FORTALEZA”

O capitão Joaquim Lourival foi no dia 5 de janeiro do ano próximo passado transferido da prisão da Fortaleza dos Santos Reis Magos para o Estado Maior do Corpo de Linha da Capital. No dia seguinte (6) em que se celebra ali a festa dos mesmos Santos foi achado por uma das pessoas que faziam parte da grande festa, um papel pregado na porta interna de um dos quartos do Estado Maior daquela fortaleza, com referência ao respectivo comandante, capitão Manoel Lourenço da Silva.

Há pessoas que os têm decorados. O Sr. Alferes Francisco de Paula Fernandes Barros os recita com muito chiste e entusiasmo. Ei-los:

1

O capitão  
Manoel Lourenço  
É um herói,  
É grande, imenso

2

Brilha ao seu lado  
Valente espada,  
Que defendeu  
A Pátria amada.

3

E essa espada  
D'altas batalhas  
Relampejou  
Entre as metralhas.

4

Mostrou na guerra  
Fera bravura  
Só tem na paz  
Honra e ternura!

5

O varão nobre  
Que manda aqui  
É de Goiana,  
Nasceu ali.

6

Amigo certo,  
Franco e leal,  
É de finezas  
Manancial.

7

Quem isto escreve  
Sabe o que diz,  
É um Poeta  
Prêso, infeliz.

Orem por êle  
 Aos Santos Reis  
 Qu'ê exator  
 Sem ter dez réis!

Também Camões  
 Por "crime" igual  
 Teve em Macau  
 Prisão fatal...

O comandante do Forte, indo à Cidade, foi ao Estado Maior do quartel cumprimentar o preso".

Mas Lourival conseguiu voltar para o Forte e Tircis retomou seu pôsto junto ao fiel Coridon.

Aos sábados e aos domingos os amigos, idos em botes, invadiam ruidosamente o Forte, sobraçando garrafas, segurando cestas com vitualhas, erguendo os violões alvoroçados. E as modinhas prediletas espalhavam-se, dominadoras e nostálgicas. Prisão encantadora, afora o sentimento íntimo acabrunhador.

A 16 de maio faleceu Dona Maria Pacífica, enchendo Lourival de amargura. A 21 o Juiz Municipal, Dr. Augusto Leopoldo Rapôso da Câmara, oficiou ao 46.º Presidente da Província, Dr. Antônio Francisco Pereira de Carvalho, informando que o réu cumprira a sentença tão fielmente quanto nela se continha. No mesmo 21 de maio de 1888, Augusto Leopoldo recebeu a resposta, original em meu arquivo: —

"Sua Exa. o Sr. Presidente da Província manda declarar a V.S. em resposta ao seu officio de hoje, que expediu ordem no sentido de ser pôsto em liberdade o cap. Joaquim Lourival de Melo Açucena, que se acha prêso na Fortaleza dos Santos Reis Magos, cumprindo a pena de dois meses e dez dias de prisão sim-

ples e multa que lhe foi imposta pelo Juiz de Direito da Comarca de Macau.

Deus guarde a V. Sa.

Servindo de Secretário o Oficial-Maior

(a) Antônio J. Barbosa Júnior”.

Lourival saiu para visitar o túmulo da mãe e retornou ao Forte. Estava com saudades do capitão Manoel Lourenço. Ficou mais quinze dias, seu hóspede. Depois, voltou para a vida do todo-o-dia.

O comandante do Forte, tão rico de bondade comunicativa como paupérrimo de moeda, faleceu na tarde de 14 de outubro de 1889. Os camaradas da guarnição militar e amigos enterraram-no com subscrição.

Recordo a figura dêsse capitão Manoel Lourenço da Silva, com suas medalhas, seu riso, seu violão cantando ao luar, entre os focinhos de ferro dos canhões silenciosos do velho Forte.

---

## O HOMEM NA CIDADE

### I X

Henrique Castriçiano fixa os derradeiros anos do poeta numa cidade que se transformava rapidamente nos costumes, na mentalidade, na fisionomia das ruas, na renovação dos entes que a habitavam.

“... entregue à ociosidade começou a exceder-se, dando-se a frequentes libações, esgotando-se em vigílias, que o seu envelhecido organismo não podia suportar. Faltava-lhe, além disso, o ambiente, o ambiente social dos anos da juventude: os antigos companheiros de boêmia iam desaparecendo aos poucos, levados pela morte e pelo cansaço.

Com o advento do nôvo regime, acentuou-se a mudança que, desde certo tempo, vinha se processando no meio natalense. Os costumes tornaram-se diferentes; a população, sedentária, fêz-se mais egoísta; acabaram-se os grandes **pic-nics**, as noitadas ao luar, os passeios coletivos à Redinha, ao Barro Vermelho, as festas católicas animadas, as serenatas langorosas.

O Poeta, sentindo-se isolado, começou a morrer. Nos



últimos anos era uma sombra de si mesmo. Trôpego, indeciso como um sonâmbulo, quase cego, fazia pena vê-lo, não raro chasqueado pelos imbecis, atravessando algumas ruas da cidade de que êle fôra antes a alma inquieta e de que era agora a alegria morta.

Vinham-lhe, então, fundos momentos de tristeza, instantes de angústia que êle afogava no vinho, entre impropérios, pobre coração de criança que, dentro de uma carcaça de mais de quinze lustros, teimava em não succumbir quando quase todos os da sua geração, haviam desertado, resignados e silenciosos”.

Ainda usava sob o lábio a pequenina “môsca”, a pêra dos antigos moços-cavaleiros. Velhinho, alquebrado, arrastando o andar, dizia para um dos seus amigos novos e fiéis, o poeta Deolindo Lima: — “Sabe o que quer dizer esta pêra? Não sabe? Quer dizer Conservador! Fidalgo! Inimigo da canalha, seu Deolindo, inimigo da canalha!”

E pela manhã ia ao Mercado Público, com o fraque de outrora, tamancos, muito grave.

Guardava a dignidade de letrado e de representante de eras passadas e nobres. Não se tornava imprudente, insistente em oferecer companhia ou fazer-se notado. Lembrava-se ter sido Capitão da Guarda Nacional, Eleitor de Paróquia, Juiz de Paz, Delegado de Polícia, Comandante do Destacamento em 1863, o poeta Laurênio, vate das ninfas, cantor da Matriz, colaborador do RECREIO em 1861 e do ECO MIGUELINO em 1874, as duas mais ilustres publicações literárias da antiguidade provinciana.

Nunca, porém, faltou ao derredor nos tempos últimos um certo respeito admirativo. O CONGRESSO LITERÁRIO olhou-o com simpatia, publicando-lhe os versos no prestigioso órgão. A OFICINA LITERÁRIA NORTE-RIOGRANDENSE escolhera seu nome para patrono de uma das cadeiras de que era titular o poeta Ivo Filho (Francisco Ivo Cavalcanti) que declamara um poema na ocasião do seu sepultamento. Trinta dias depois de sua morte a mesma OFICINA LITERÁRIA divulgava uma POLIANTEA dedicada à sua vida e sentido literário. E tornou-se mesmo a OFICINA LITERÁRIA LOURIVAL AÇUCENA. Fundada em 1936 a Academia Norte Riograndense de Letras, a poltrona n.º IV denominou-se LOURIVAL AÇUCENA e instalou-a,

com carinhosa evocação, Virgílio Trindade. No seu centenário, 1927, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte promoveu publicação de um volume de seus VERSOS (Tipografia d'A IMPRENSA", Natal, MCMXXVII, 94-pp, além de um estudo preliminar bibliográfico e notas) confiado a mim que aproveitei um caderno de poema de Lourival que me havia sido apresentado pelo filho do Poeta, o Professor Panqueca. O Instituto Histórico realizou uma sessão solene em que foi orador Honório Carrilho e após-se placa comemorativa no prédio em que nascera o homenageado, esquina das ruas Vigário Bartolomeu e Ulisses Caldas, correspondendo ao n.º 96 desta última. E visita ao túmulo no Cemitério do Alecrim.

---

## INSPIRAÇÕES

### X

Henrique Castriciano citou alguns autores familiares a Lourival Açucena, Eugênio Sue, Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, o amadíssimo Bocage, Adianto outros nomes. Fôra leitor amoroso de Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Junqueira Freire. Conhecia Camilo Castelo Branco, Rabelo da Silva e Guerra Junqueira. Não amava os épicos e a poética condoreira o aturdiu. Bocage sim, era o amado. Decorara-lhe quase um cento de sonetos, não os obscenos mas aquêles em que o idioma, inspiração e elegância dão esplendor e consistência perenes.

De Camões dava-se ao luxo de ter o LUSÍADAS de memória, todos os dez cantos sonoros, desde "As armas e os Barões assinalados" até o "Sem à dita de Aquiles ter inveja".

A mitologia greco-romana não tinha segredos para êle. Manejava-a com intimidade e certeza. Seus versos denunciavam esta aproximação mental.

O Prof. Panqueca possuía do Pai alguns livros, com sua assinatura, romances e o "Lendas e Narrativas" de Alexandre Herculano, o "Mártires da Liberdade" de Esquiros, um resumo didático da História do Brasil de Macedo e as Fábulas de Fedro em latim.

Dizia trechos de artigos políticos do seu tempo, dos jornalistas do Império, gente de quem ninguém recorda e que eram nomes invejados pela imortalidade indiscutida que os esperava.

Seus versos mostram que havia leitura outra nos arcades. Era Laurênio seu pseudônimo nos poetas que não mais podemos identificar. Os vários metros adotados são evidência de que bebera em fontes clássicas. Mas, espiritual e tècnicamente, não saiu jamais do século XVIII. Escrevia a ode, o acróstico, o soneto, o verso-branco com desenvoltura e precisão. Vêzes muitas sua Musa se tornou vulgar e pedestre, glosando os pequeninos motivos íntimos de predileções amorosas e humildes.

São chulas que entoava com sucesso local e possível proveito físico. Outras trazem o acento sentimental de lembrança nostálgica e penetrante: —

Copada mangueira  
Vistosa e faceira,  
Que do rio à beira  
Se vê florear.  
Me lembras o dia  
De amor e folia,  
Em que terno ouvia  
Marília cantar...

Ou em metro quadrado: —

Seu olhar, seu passo a riso  
Eu diviso,  
Quando essas brisas te embalam  
Suponho escutar-lhe o mêdo  
Um segrêdo  
Quando os favônios te falam...

Tôda a sensibilidade romântica ressoa: —

Auras perfumosas  
Festejai as rosas  
De côr purpurina  
Que a bela Aurecina  
Já olha p'ra mim!

E no famoso EULINA: —

Ave noturna, agoureira  
Não me apavora o teu canto.  
Mais desastres não receia  
Quem de amor desfaz-se em pranto.

E no DELÍQUIOS, de sabor sereneiro, imitando o ritmo das olvidadas varsovianas:

Donzela bela, Eucaris formosa,  
Brisa odorosa que afugenta a calma  
Ai! fuge, fuge, dos salões dourados  
Que mil cuidados me despertas n'alma!

E bem representativas de sua Musa são POLÍTICA, EU NÃO SEI PINTAR AMOR, PORANGABA, PIRRAÇAS DE AMOR, SONETO A JOAQUIM FAGUNDES, UMA PRECE POR TENÇÃO DO POETA BARBOSA DU BOCAGE, A UM SÍTIO, DEUS, PINTASILGO, FLOR ENTRE ESPINHOS, HA... CRÊ, MARÍLIA; QUEIXUMES, VARIEDADE, FORMOSA COMO UNS AMORES, EHEU, FAME PEREO, MENSAGEM, DESPOTISMO E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, ACRÓSTICO, QUI POTEST CAPERE CAPEAT, Laurênio e a Virgem do Deserto, e algumas glosas. Quase tôdas tiveram solfa e foram cantadas produções com destino de amor e folia no convívio inesquecível da "Sacra filha dos céus, doce Amizade".

---

## ATRAVÉS DA VIDA

### X I

Com 12 anos Lourival Açucena teve sua apresentação oficial ao Presidente da Província para cantar e tocar violão. Cantou e tocou até vésperas dos seus oitenta anos.

Era uma forma divulgadora da cultura literária de então compor versos para as serenatas e espalhar os nomes dos Poetas por meio daquela propaganda musical. O comum depois de feitos os versos era o Poeta diri-

gir-se a Lourival e dizer-lhe: — **Botai solfa!** Naturalmente centenas de produções se perderam por não serem fixadas senão na oralidade dos cantores e cópias manuscritas vindas de mão em mão nas famílias e devotos sereneiros.

Representam, na legitimidade de sua presença poética a tradição literária da Província até tornar-se Estado em 1889. Nenhum outro Poeta atravessou sem deformatar-se as várias fases da atividade mental norte-riograndense e veio até nossos dias vivo nalgumas modinhas e recordado nalgumas inspirações.

Quando o estudante João Manoel de Carvalho Júnior fundou O RECREIO (março-dezembro de 1861), a primeira publicação literária da Província no sentido cronológico, Lourival Açucena era um dos vates queridos, o mais dominador no âmbito social, popular, familiar. Dirigia as festas domésticas e estava entoando no côro das Matrizes nas solenidades litúrgicas, ouvido, aplaudido, citado.

Os poetas e os prosadores d'O RECREIO, João Manuel, Francisco Otílio Álvares da Silva, Pedro J. de Alcântara Deão, Dona Isabel Gondim que aí estreava a inspiração pequenina, Jesuíno Rodolfo do Rêgo Monteiro, esquecido hoje e então um dos aclamados da cidade, Manoel T. da Fonseca e Silva, Focio Joaquim do Rêgo Barros, solteirão enamorado, neste ano Comandante do Corpo de Polícia até 1885 quando faleceu, Fonseca Júnior, tiveram em Lourival um companheiro de atividade decisiva e fecunda. No mesmo 1862 verseja no ARREBOL com Adolfo Carlos Wanderley e Fonseca e Silva e naturalmente participou na turma do BARBEIRO que abriu fogo de barragem contra o Presidente Leão Velloso, tão pouco querido de Lourival. Em 1871 está com José Teófilo Barbosa escrevendo no PARASITA. José Teófilo tinha 19 anos e Lourival 44. Um ano depois a Maçonaria vivia período de guerra. José Gomes Ferreira fundaria (1873) A LUZ, exclusivamente dedicada aos assuntos da Arte Real e mesmo em 1874 O ESPÍRITA. José Teófilo, com Joaquim Fagundes, rapaz de 15 anos rebeldes e vibrantes, filho do Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes, predestinação romântica que se apagara em 1877, criara a 17 de novembro de 1872 a SOCIEDADE MIGUELINA, com a missão republicana

e heterodoxa que se tornou atuante no ECO MIGUELI-NO, publicado dois anos depois, julho a novembro de 1874.

Lourival está perfeitamente no meio do movimento publicando versos maçônicos, solidário com a campanha contra o Bispo D. Vital que suspendera de ordens o Vigário-Velho.

A virulência dos ataques afasta os católicos fiéis mas aí aparecem Francisco Herculano, Urbano Hermilo de Melo, uma poetisa fraquinha e simpática, Maria Balbina, "A Natalense". Lourival continua escrevendo em todos os jornalzinhos literários e ainda aproveita os plenilúnios para espalhar o quente lirismo tropical nos versos de amor e medo. E o PÂNDEGO, 1885, o vê repetindo cantos e sonhos numa impressionante fidelidade emocional. Apenas é de notar-se que a colaboração mais assídua está nas publicações direta ou indiretamente ligadas ao Partido Conservador, o "Saquarema".

Em 1894 nascia o Grêmio Literário LE MONDE MARCHE cuja revista OÁSIS viveu até 1904. Constituiu a "geração do OÁSIS", como havia a "geração da TRIBUNA" (1897-1904), a voz do CONGRESSO LITERÁRIO, documentários excelentes da existência intelectual dos grupos letrados no Natal.

Que distância de 1861... mas Lourival Açucena publica seus versos em ambas as revistas e não se sente afastado mentalmente dos rapazes que liam e pensavam tão diferentemente do cantor das Eulinas, Marílias e Aurecinas, desaparecidas no tempo.

Esta continuidade explicar-se-á pelo sentimento humano de Lourival, acompanhando, nos limites de sua topografia íntima, o desenvolvimento da cidade que se transformava rapidamente. O sentido espiritual de sua sensibilidade não era dirigido a um único horizonte. Seus companheiros de 1861 e 1874 desviaram-se para a política ou emudeceram, esgotadas as reservas temáticas que impulsionavam as ações culturais. Conserva a nitidez da presença, o colorido verista da sinceridade, dimensão humana que nêle, mesmo árcade, romântico, lírico setecentista, vivificava-se ao calor das serenatas e o anedotário renovava, aviventando os traços fisionômicos do velho boêmio, num milagre de atualização e simpatia.

## DOCUMENTO HUMANO

### X I I

Algumas dezenas de composições poéticas de Lourival Açucena desapareceram porque foram impressas em jornais que não mais existem nos colecionadores ou ficaram confiados à memória e esta deixou-as evaporar.

Não seriam melhores que as existentes no saldo do POESIAS (Natal, 1927), mas alguns haviam registado aspectos da cidade, fisionomias de pessoas importantes, episódios de interesse local que conviria recordar para uma impressão legítima do velho Natal. Aos estudiosos de Literatura êsses versos nada adiantariam para o retrato do Poeta mas os etnógrafos encontrariam rico material comprovador da vida normal e coletiva, hábitos, festas, peculiaridades, alegrias, pilherias.

Lourival Açucena escreveu muitos versos satíricos e êstes fotografariam os ângulos sociais desconhecidos na documentaria impressa, bem parca, que possuímos.

O Prof. Panqueca falava sempre da retentiva maravilhosa do seu Pai. Não era apenas saber de cor o LUSÍADAS mas centenas de poemas e uma porção incalculável de versos de Outeiros, bem inferiores, quadrinhas sôbre casos da terra, gracinhas velhas que dariam a visão de uma fotografia antiga, desbotada e recordadora dos temas fixados. Guardava também versos e versos dos poetas que o antecederam, muitos dos quais só conhecemos porque êle os trazia na ponta da língua, transmitindo-os aos amigos do século XX.

Sabemos presentemente o nome de quem doou o galo de bronze para a tôrre da Igreja de Sant'Antônio porque Lourival Açucena registara o caso nuns versinhos pobres e claros.

Caetano da Silva Sanches  
Governador Português,  
Foi quem aqui colocou-me  
Há mais de um século, talvez.

Cocorocó! Vou cantando  
A minha bela toada,  
Louvando com outros galos  
A serena madrugada!

Por todos os quatros ventos  
Me vereis sempre emproado,  
Não tenho gôgo e meu canto  
Solto bem atenorado!

Cá do alto lobrigando  
Traquinadas do Demônio  
Vos mandarei telegrama  
Da tôrre de Santo Antônio!...

Caetano da Silva Sanches, Governador da Capitania, administrou-a de 12 de agôsto de 1791, a 14 de março de 1800, dia em que faleceu, com um estupor, aos 55 anos de idade. Sepultou-se na Igreja de Sant'Antonio de quem, como todo português que se preza, era devoto.

Os versos de Lourival serão de 1878, ano em que foi inaugurado o Telégrafo Elétrico.

Em 1864 nasceu um tufo de arbustos no cimo da tôrre de St. Antônio. O Galo ficou cercado de vegetação. Neste tempo a coisa notável da cidade era o urubu-rei que o vigário Bartolomeu Fagundes possuia. Quase tôdas as tardes o URUBU-DO-VIGÁRIO voava para a tôrre e dava exhibição de atitudes heráldicas.

Neste ano cobriram a cúpula da tôrre com os azulejos que ainda existem. Antes dêste trabalho apareceu vindo não se sabe de onde, outro Urubu-Rei e deu para ficar empoleirado na tôrre da Matriz. Os natalenses, à falta de melhor distração, gostavam de olhar aquela parrelha de aves escuras pompeando no alto das duas tôrres religiosas.

Lourival Açucena escreveu um diálogo entre os dois Urubus. O forasteiro perguntava sôbre usos, costumes e gente da terra e o Urubu-do-Vigário dava notícia.

Dos tristes desvios  
De altivosas criaturas

Possivelmente era Lourival a única pessoa a saber de cor uma versalhada em 1845, comentando a "Queda do Brigadeiro", sucedida ao brigadeiro Venceslau de Oliveira Belo, nosso 12.º Presidente da Província, julho de 1844 a abril de 1845, tio materno do Duque de Ca-



xias, que andara às quedas na areia do Baldo, numa bôca de noite.

Nas horas primas da noite  
Um grito quebro se ouviu  
Quando na areia do Baldo  
O Brigadeiro caiu!

Já no escuro da mata  
A araponga retiniu,  
Quando na areia do Baldo  
O Brigadeiro caiu!

Estes versos podiam perfeitamente substituir as dispensáveis chulas que enxameiam o POESIAS, com a lembrança pobre das horas alegres que ninguém recordará onde foram vividas.

---

## VALORIZAR O COTIDIANO

### XIII

Os homens graves, chefes políticos, deputados gerais, orientadores da opinião pública, amigos de Ministros de Estado, Senadores do Império, recebidos por Sua Majestade o Imperador D. Pedro II não têm a vida presente, no sentido de Ortega y Gasset, do velho Lourival Açucena.

Moreira Brandão, Gomes da Silva, Octaviano Cabral, o coronel Bonifácio Câmara, o Padre João Manoel de Carvalho, o distante Tarquínio de Souza, o ruidoso Amaro Bezerra, têm uma coordenada inflexível no espaço. São limitados com interesses fixos. Uma personalidade de exuberância humana e sentimental como o Doutor Loló (Jerônimo Cabral Rapôso da Câmara) não escapa a possuir uma dimensão única. Dimensão como os pólos eternos: — Candidato versus eleitores. Mesmo o espirotooso Joaquim Guilherme de Souza Caldas é um político e seu humorismo é uma função partidária de agradar ou criticar correligionários ou adversários, as duas classes em que os olhos políticos dividem o mapa da humanidade contribuinte.

Lourival, evaporado o sonho de ser deputado provincial em 1860, retoma a função normal de produção para a boêmia e de técnicas para fugir da repartição. Fora dêste binômio não há problemas nem encargos para êle.

É um valorizador lírico da cozinha de outrora, buchada de carneiro, sarapatel de porco, panelada completa, peixe com mólho de côco, mão de vaca. Não se fala em feijoada, bifês à inglêsa, cozido à portuguesa, lombo ao forno. Não havia cerveja ou havia pouca e pouco apetecida. Bebia-se vinho, especialmente vinho tinto, vindo de Portugal em barricas e quartolas, com o ano da colheita desenhado a giz, honestamente. Bebe-se cachaça, aguardente destilada em alambique de barro, com sua coroa de aljôfares, uma daquelas de Papari que o deputado Amaro Bezerra levava para o Visconde de Mauá saborear, lentamente, como se fôra Kimmel.

O trivial, o cotidiano, o comum, angustiavam os grandes homens públicos de ontem e de agora. Acreditam que seja uma concessão à banalidade e uma confissão humilhante de prosaísmos dispensável. Quando a um etnógrafo, a um antropologista interessa a totalidade das ações humanas na rotina diária como material deduzivo de sua colaboração mental, e mais ainda, de sua própria mentalidade, aos "superiores" resta uma ilusão de que raciocínio e conduta são flôres aladas e sem raízes na terra comum, surgidos já concluídos e perfeitos da "inteligência" pessoal como Minerva apareceu, armada e total, da cabeça de Júpiter.

Este valor cotidiano, do banal, da rotina monótona, é muito mais decisivo e poderoso que as chamadas inspirações ou formas de talento inopinado. Tudo nasce, fisiologicamente, de processos normais, lentos como a evaporação ou imediatos como um parto. Tanto maior cuidado fôr dado ao "cotidiano" em nossas ações mais libertos estaremos das dolorosas surpresas, das ciladas irresistíveis do nosso palpitante subconsciente.

Lourival Açucena foi um dos raríssimos devotos do cotidiano, amando as alegrias miúdas e diárias, insignificantes em sua expressão material mas poderosíssima de energia inspiradora.

O poeta Jorges Fernandes contava-me que fôra empregado numa hodega perto do Mercado Público e na

venda havia outro caixeiro de nome Hermeto. Pela manhã, indo ou vindo, Lourival Açucena entrava solenemente e saudava o caixeiro, desengonçado e humilde, com uma frase declamada e teatral: — “Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês do Paraná!... “E o indicador apontava a garrafa da “caninha” matinal. Com esta associação de idéias entre o caixeirinho e o poderoso Presidente do Conselho de Ministros, Açucena satisfazia as duas necessidades imperiosas e obscuras do seu paladar e de sua inteligência. Evidenciava aos seus próprios ouvidos que era um letrado, lembrando nome ilustre na história política do Brasil, e podia, equilibrando a vontade interior, deglutir a “cana”, prêmio digno depois da exibição intelectual. Sem a primeira, não havia “valorização” à segunda. Assim, o austero Marquês do Paraná justificava, psicanaliticamente, a ingestão de um cálice matutino de cachaça.

---

## AMADOR TEATRAL

### X I V

A cidade do Natal já possuía teatro de amadores em setembro de 1841. Era um barracão de palha na Praça Dom Vital mas era teatro e **DISTRAÇÃO PROVEITOSA** como afirmava Matias Carlos de Vasconcelos Monteiro, presidente da **SOCIEDADE DO TEATRO NATALENSE**, dono do barracão que se incendiou, dando prejuízo para cima de 800\$000, uma riqueza! Açucena figura numa **SOCIEDADE RECREATIVA JUVENIL**, fundada em 1850. Tinha 23 anos. Neste conjunto estreou a primeira mulher que teve a suprema coragem de representar em público ante os severos burgueses do Natal, Maria Epifânia, falecida a 16 de julho de 1918, velhinha, mirrada mas viva, esperta, recordando o passado que era a história do amadorismo teatral na cidade.

Desde 1850 em diante Lourival não deixa o movimento teatral tomando parte nos grupos, indo ao palco viver os papéis declamatórios, deslumbrando a assistência com o palavreado estertórico das arrancadas dramáticas que traziam lágrimas e aplausos consagradores.

Estudei demoradamente o assunto na HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, (Cap. XXI, 172-188, Natal, 1947). Para lá encaminho os interessados curiosos.

Veio a RECREATIVA JUVENIL até 1862, seguindo-se a SOCIEDADE TEATRAL APOLO RIOGRANDENSE instalada em 16 de setembro de 1854 ao lado da TALIA NATALENSE, em 1856 e da SOCIEDADE DRAMÁTICA NATALENSE de 1868. Esta leva a CAMILA NO SUBTERRÂNEO OU OS SALTEADORES DE MONTENEGRO na noite de 25 de dezembro de 1868 no Barro Vermelho, com a presença do Presidente da Província Manoel José Marinho da Cunha.

Já no GRUPO DE JOAQUIM FAGUNDES, 1875, Açucena está retraído mas dois filhos seus trabalham, Pedro e Joaquim Lourival, o futuro Professor Panqueca. A primeira atriz já não é Maria Epifânia mas Honória Reis, uma revelação na época, encanto do público e inspiradora de Joaquim Fagundes então com 18 anos. Maria Epifânia e Honória Reis foram ambas conhecidas minhas e delas ouvi reminiscências do tempo passado.

Lourival Açucena foi um animador denodado de todos estes conjuntos. Ajudava-os nos ensaios, servia de "ponto", copiava as "partes", metia-se a ensaiador, gesticulando entusiasmado, numa intuição da arte que amava em sua própria essência.

Quando os autores brigavam com os atôres (quase sempre eram os mesmos, uns e outros) era êle o jacarim apaziguador, inventando ceias que aproximavam os desavindos e ressoldavam as confianças fraternais.

O amador-teatral na Província era uma reação cultural ao meio. Constituiu um protesto material ao ambiente soturno e morno da solidão intelectual. Aquêles rapazes procurando compreender os dramas e as almas distantes de personagens literários que viviam enredos acima do ritmo provinciano, as modificações de gesto, entonação de voz, gesticulação e andamento cênico, davam uma idéia da luta interior do sonho contra a monotonia da cidade semi-imóvel na sequência dos dias e das noites silenciosas. Traziam para os tablados improvisados os grandes conflitos do amor, do ciúme, da inveja e do ódio, as soluções psicológicas da renúncia, do perdão, da vingança ou do sonho, sacudidos na tempestade verbal dos períodos incandescentes e sonoros que davam arre-

pios ao auditório fiel e solidário com as altitudes sentimentais. Ser amador teatral era uma atitude mental de inteligência, um anseio de liberação, uma garantia de compreensão e alcance aos níveis mais altos da sensibilidade humana.

A tonalidade, cantada, da velha declamação dramática, os rugidos e cicios das vozes apaixonadas pelas figuras representadas, deixavam impressão funda no ator e no ouvinte. Muitos ficavam, inconscientemente, repetindo o matiz carregado das inflexões trágicas entendidas nos dramalhões trovejantes que causavam delírio. Podiam mesmo, querendo ou sem querer, passar o resto da existência vivendo o papel, como aquêlê personagem do HENRIQUE IV de Pirandello.

Lourival Açucena, pelo que dêle ouvi, conservava muito ademanes de origem puramente teatral. Um tanto de afetação sofisticadamente apenas prolongava no tempo gesto e voz evocadores do pensamento íntimo que desejava fazer demorado e consistente no espaço. Ainda ouvi um dêsses repercutores fiéis da emoção teatral, desajustada no momento da citação, o poeta Ferreira Itajubá, falecido em 1912.

Ô amadorismo teatral para Lourival Açucena fôra um dos elementos mais decisivos para a fixação interior de sua exaltação lírica e uma escola para a voz e o gesto expressivos no instante de sua exteriorização.

---

## O MAIS ANTIGO POETA

### X V

Lourival Açucena é o poeta mais antigo que conhecemos na história literária da Província. Único cujas produções atravessaram o tempo e ressoaram nos três primeiros lustros do século XX. Único a ter sido estudado com pormenor carinhoso, dando, num ambiente inteiramente diverso às expressões de sua inteligência, nome a uma sociedade literária e motivo aos artigos de H. Castriciano, exigentíssimo na eleição dos mesmos.

Teria sido documentário precioso se um repórter obtivesse do velho Poeta uma longa informação sôbre os

literatos do seu tempo. Era êle, na velhice orgulhosa, a testemunha viva do passado cultural do Rio Grande do Norte. Conhecera, vira, privara com os jornalistas políticos que constituíam a mais nobre e valorizada atividade intelectual na Província. Nem um repórter de outrora lembrou-se do registo incomparável. Perdemos para sempre notícias insubstituíveis do PRETERITA literário norte-rio-grandense. Seus versos mais velhos aparecem no RECREIO em 1861, a vigésima nona publicação que na espécie jornalística surgira na cidade do Natal. Não é impossível crer na ausência de uma colaboração de Lourival nos jornaizinhos anteriores, NATALENSE, 1860, em que figurava seu amigo Francisco Otílio Álvares da Silva, os órgãos do Partido Conservador, O BRADO NATALENSE, 1849, do dr. João Valentino Dantas Pinagé, O CONSTITUCIONAL NORTISTA, com os manos Cabrais em 1851, O CLARIM NATALENSE, 1851, a série de impressos recreativos que valiam passatempo e ousadia literária, CAMPONÊS, CARETA, CURUJÃO, JACARÉ, JURUPARI, MATRACA, MORCÊGO, MOSQUITO, ROSA, todos nascidos e mortos em 1852.

Uma figura nobre e tão digna da recordação e homenagem, o Dr. José Moreira Brandão Castelo Branco (1828-1895), bacharel em 1849, disputaria, com superioridade a prioridade cultural a Lourival se não tivesse dedicado à Política quase a totalidade de sua energia criadora. Moreira Brandão fundou oito jornais, o primeiro, ARGOS NATALENSES, em 1851 e o último, O CEARÁ-MIRIM, em 1877. Representou a imprensa liberal na legitimidade de sua independência, pureza e vibração ideal. Dez vezes Deputado Provincial, presidiu a Assembléia cinco sessões, Deputado Geral em 1864-66, 1878-81 e 1884-87, Diretor da Instrução Pública, 1858-59 e 1866, como reformador original e culto.

Não creio que Lourival Açucena tivesse muita aproximação com o austero e senhoril Moreira Brandão, levando aos jornais os versos capitosos que amava escrever.

Certo é que os nomes contemporâneos ao cantor de "Porangaba" desaparecem enrolados com a batalha eleitoral e ficam em nossa lembrança noutras estantes literárias; jornal, eloquência política, advocacia, administração. Verso, verso declamatório ou para ser cantado, trás

sempre Lourival Açucena, o árcade Laurênio, reivindicando paternidade indiscutida.

Ninguém mais recorda Moreira Brandão poeta. Nem os artigos do Dr. Francisco Gomes da Silva, Henrique Câmara, João Manoel, Joaquim Guilherme (Conservadores) e a turma Liberal, José Maria de Albuquerque Melo, Vicente Inácio Pereira, Manoel Januário Bezerra Montenegro e especialmente Joaquim Maria Carneiro Vilela, folhetinista gabadíssimo do LIBERAL DO NORTE (1868-1872). Tampouco resistiram os versos e dramas de Joaquim Fagundes, Francisco Otilio (merecedores de ressurreição e lembrança), José Teófilo, o jornalismo desabusado e virulento do Doutor Loló (Jerônimo Cabral Raposo da Câmara). Literariamente todos os jornais que passaram deveram a Lourival colaboração e ajuda fraternal.

Ninguém apareceu para oferecer-lhe concorrência. Já depois de 1889, voltando médico e famoso da Bahia, Manoel Segundo Wanderley é o nome que ano a ano conquista a sonoridade das aclamações populares. Trás a poesia condoreira que o Povo não conhecia mas estava no estado de perfeita recepção. Era o Poeta para a praça, retinindo as rimas na fixação dos motivos cívicos que entusiasmavam. Lourival era doutra escola, estro, classe e sentimento. Não podia competir. Foram, entretanto amigos. Dirigindo-se ao Segundo Wanderley em 19 de fevereiro de 1906 é que Lourival perguntava, amargurado e sem compreender a transformação de sua gente e de sua cidade:

Doutor Segundo,  
Vate profundo,  
Diga a razão,  
Dessa paixão,  
Dêsse rancor,  
Dêsse furor  
De verdugos insolentes  
Contra tantos inocentes?

Não vamos credenciar Lourival Açucena para maiores vãos. Indiscutível é que êle é o Poeta representativo do povo, do lirismo burguês e de fácil assimilação mental, a poesia corrente, útil, moeda viva cunhada para a circulação nas almas populares.

É o mais antigo, o veterano, o patriarca, o antepassado de existência real.

---

## O MAIS ANTIGO POETA

### X V I

Faltou ao Poeta o sentido do Social, dirá um crítico. Do Social e mesmo do Cotidiano. As figuras poderosas só o interessavam no ângulo imediato e prático de alguma utilidade pessoal. Nunca pela projeção doutrinária ou eleitoral. Vez por outra perpetrava um soneto encomiástico e de sabor acadêmico haloando um nome radiante no momento, Presidente da Província, Ministro de Estado ou o Marechal Deodoro. Era pagamento do pedágio para atravessar a situação e continuar tranquilo. Não lhe ficava nas veias o fermento da bajulação continuada e rendosa. Não frequentava as **rodas poderosas**. As "Rodas" eram os círculos de amigos reunidos, diàriamente em derredor do Chefe, ouvindo-o oracularmente, catucando-lhe a memória para o envio dos benefícios, servindo-lhe de caixa de ressonância, ampliadora e diària, sempre fiel à voz prestigiosa que ia mudando de garganta mas nunca de função. A "roda" era mais ou menos a mesma. Os Chefes mudavam. Lourival Açucena, com sua pobreza beirando indigência, andava longe dêsses centros de boa e má fortuna através do Tesouro Provincial. Chamava-os, pedante e sinceramente, **os altos Cidadãos de Atenas!**...

Por êle passam os grandes motivos envolvedores da inspiração, campanha contra a escravidão, a República, Democracia, Povo, Liberdade, o Imperador, etc.

Sua adesão aos "irmãos da flor da acácia" em 1874 fôra atitude de amigo junto ao Vigário Velho, Bartolomeu da Rocha Fagundes, e amizade ao "jovem natalense" Joaquim Fagundes. Os amôres fiéis e profundos eram outros, àqueles que tomaram sua vida, nervos e pensamentos, modinhas, serenata, violão, luar e ceia com os condutos, as expressões materiais e, intimamente, a seiva lírica, pendor irresistível que traduzia no canto a



sensação impressionadora ou a idéia de alguma permanência cerebral.

Viveu sempre no potencial poético, pronto para deflagrar em versos simples a emoção que o contagiara. Para êle valia dogma a ironia de Machado de Assis: — **Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular.** A diferença é que o particular não era o limite egoístico de sua pessoa na mera recepção de utilidade mas a valorização de atos humildes que davam consistência e forma às manifestações íntimas da vida.

José Mariano Filho evocando as serenatas do Recife no tempo de sua mocidade terminou numa frase melancólica: — **Já não há luar!**...

Não será possível compreender um luar, os arpejos do violão, o garganteado de uma modinha dentro de nossa mecânica racional, filtrando estas imagens através dos cadinhos contemporâneos. Os "antigos" ignoram sempre a necessidade de uma literatura turística para ver e amar a paisagem que os cercava. Era uma intuição que desapareceu, diluída nos atritos de outras percepções mais agudas e poderosas. Um desses boêmios de outrora, Heronides de França, o primeiro violão da cidade e autor de solfas lindas, dizia-me, incisivo: — **Você sabe lá o que era uma serenata!**... E realmente já não posso saber. É uma onda melódica que não podemos sintonizar em nossos aparelhos afeitos à recepção de programas diferentísimos e comuns na insistência do uso.

Lourival teve o heroísmo desta coerência existencial. Fora desses elementos não compreendia função e trabalho merecedores de sua atividade. A versalhada banal com que se dirigia às moças ou aos amôres da época parece-nos péssima de qualidade e paupérrima de conteúdo. Teve, entretanto, missão cumprida e para isto nasceu, humanamente. Lembra certos quitutes que foram a delícia em certa época e já não conseguimos explicar o mistério da predileção antiga.

Por este ângulo, Lourival Açucena e Segundo Wanderley foram as duas maiores e leais coerências literárias em tôda história cultural do Rio Grande do Norte. Ficaram, até a morte, fiéis ao próprio temperamento, contra a moda, contra o ambiente, contra o Tempo mudável. Trouxeram nêles mesmos o ambiente inteiro, contemporâneos inalteráveis de um mundo desaparecido.

Foram, um tanto românticamente, aquê'e papagaio dos Aturés, a voz derradeira repetia a sonoridade de um idioma morto com o último guerreiro.

Haveria compensação para êste fidelíssimo? Não existe indenização intelectual para os devotos das convicções sucessivas? Não se sentem bem acompanhando o nível das enchentes no mecanismo flutuante das cor-tiças e dos destroços sem pêso?

---

## SERENATA E MODINHA

### XVII

Funcionário público, sem relevância e sem entusiasmo embora atingisse aos cimos da carreira, Oficial Maior da Secretaria e depois Chefe de Secção do Tesouro Provincial, Lourival Açucena guardava os cuidados defensivos de sua prioridade sentimental na Cidade. Devia ser o primeiro a cantar nas salas ou na serenata e executar os solos de responsabilidade nas cantatas sagradas da Igreja. Era o primeiro a ser servido da bebida ou prato festivo sob pena de recusar. Simples, acolhedor, pobre, não admitia vulgarizar-se nos níveis baixos onde sua popularidade se expandira, fervente de admirações. Certo a endosmose popular o contagiara na vulgaridade chulesca de algumas composições mas acreditava que esta concessão apenas significasse um estado compreensivo de cordial simpatia e nunca uma forma espontânea e natural de inspiração amorosa: o amor que lhe dera trinta e dois filhos, dezenove legítimos e treze bastardos. **Vivez Joyeux!**

Com as tintas clássicas e a mitologia congênita su'alma era continente de conteúdo popularesco, de sensibilidade coletiva, de júbilo de massa geral. Tôdas as suas leituras, o patrimônio infinito de suas poesias decoradas, as lições da materna professôra, tiveram na totalidade da execução o destino do canto, musicadas por êle em percentagem vultosa, para gáudio dos ouvidos próprios e alheios nos salões e nas ruas silenciosas da cidade que o luar adormecia de sonho e esperança confusa de felicidade. Era o cantor da Cidade, o trovador

teimoso nas homenagens aos plenilúnios, cioso da prerrogativa, incansável em sua realização.

Quem não se titila ouvindo  
Um violão, alta noite...  
Na mão que o tanja e açoite  
No menor que fere o peito?

E confessava, numa legitimidade incontida de pensamento e ação:

Não dispenso a serenata  
Pois temos belo luar.

A serenata era uma homenagem, a maior, para quem a entendia, despertava abrindo portas para recebê-la ou aguardava, impaciente, sua vinda, mesa posta nas horas altas, numa palpitação de alegria pela distinção que espalhava inveja. Ainda encontrei seus derradeiros vestígios nos primeiros três lustros do século XX. Havia a preocupação de cantar modinhas novas, renovar o repertório, trazer os violões afinados, com os acompanhamentos que eram melo-comentários, alguns de surpreendente efeito inesquecível para quem o ouviu. Não mais é possível recolher êsses acompanhamentos, tão distantes dos arranjos simplórios dos capadócios ou floreios de rápida sensação inspirativa. Eram realmente tocatas de execução difícil, de engenho fulgurante, legítimos "adagios" intervalares enfeitando o canto que se aprimorava ressaltado naquele fundo musical que não se repetiria jamais. Êsses grandes violões seresteiros valorizavam uma noite de luar, competindo com as vozes sonoras e altas dos cantores que o tempo levou para sempre. Não se renovarão nem mais se conseguirá para as auditivas contemporâneas; sua reconstrução fiel. Faltam ambiente e espírito do Tempo, elemento impreciso e preciso dando colorido e relêvo às almas e às tonalidades românticas.

A Modinha, rainha do século XVIII, estendeu reinado pelo XIX e veio, arrastando as asas, pelos primeiros quinze anos do XX. Interrompia-se a dança animada para ouvirem-na soar com violões ou, nas festas familiares, ao som do piano. Ainda alcancei as "partidas dançantes" do velho e saudoso NATAL CLUB incluírem modinhas de

permeio às valsas e polcas. Era uso e era tradição. As moças de boas vozes e que cantavam modinhas eram as primeiras, as únicas que recebiam palmas e elogios.

Não apenas Lourival Açucena escreveu versos e viveu num plano de poesia, como nenhum outro na cidade do Natal, como sintetizou e conteve em sua irrequieta pessoa a inteira e nobre herança seresteira e boêmia que constituiu a expressão completa e viva da cultura coletiva e da participação individual.

Por isso Henrique Castriciano escreveu, num epitáfio letrado e fino, o dístico que resumiu a vida de Lourival Açucena nos oitenta anos de agitação e de ternura sentimentais:

- Na sepultura em que deitaram o seu corpo mirrado e inerte ficou dormindo, para todo o sempre, a velha alegria dos nossos avós.

---

NOTA: — O ensaio LOURIVAL AÇUCENA foi publicado n' "A REPÚBLICA", Natal, edições de 2, 7, 8, 12, 16, 19, 21, 23, 26, 28 e 30 de março; 2, 4, 6, 9, 11 e 13 de abril de 1957. É o feliz resultado de longas pesquisas em arquivos e divulgação de tradições orais preciosas.

# GOVERNADOR DESENCANTADO CONGRATULA-SE COM HABITUAL RESIGNATÁRIO

HÉLIO VIANNA  
(Sócio correspondente)

Os primeiros tempos do regime republicano no Brasil ofereceram, por sua súbita implantação, situações políticas difíceis e originais, por discordarem, completamente, do que era vigente quando da Monarquia, já estabilizada e experiente.

Exemplo do que afirmamos encontra-se na carta adiante transcrita e anotada, em que o jovem Governador Provisório arbitrariamente mandado para o Rio Grande do Norte, Joaquim Xavier da Silveira Júnior, manifestou, ao também “republicano histórico” Ubaldino do Amaral Fontoura (1842-1920), seus aplausos por atitudes em 1890 assumidas, contra a própria candidatura ao futuro Congresso Constituinte, que se elegeria pelo faccioso Regulamento Alvim, e o pedido de demissão da Intendência Municipal da recente Capital Federal.

Embora aquela primeira resolução não fôsse mantida, pois o político paranaense foi eleito Senador por seu Estado, com mandato de nove anos, de que aliás apenas exerceu um (de 15 de novembro de 1890 a 30 de dezembro de 1891, quando renunciou), nem por isso deixou de ser considerada, à época, veemente protesto contra o compressivo sistema eleitoral com que a República estrearia. Daí o aplauso do correligionário, filho do contemporâneo

de Ubaldino na Faculdade de Direito de São Paulo, o poeta e orador, como êle também santista, Joaquim Xavier da Silveira.

Nascido em 1864, ano anterior à formatura do pai, Silveira Júnior estudou no famoso Colégio Abílio, do Barão de Macaúbas, no Rio de Janeiro, diplomou-se em Direito em São Paulo, 1886. Poeta, jornalista, orador, como tantos de sua geração também abolicionista e republicano.

Proclamado o nôvo regime, foi Delegado de Polícia no Distrito Federal, ex-Município Neutro. E a 10 de março de 1890 empossou-se, em Natal, do cargo de Governador do Estado do Rio Grande do Norte. Em agosto, como dá a entender a carta adiante divulgada, e confirma o historiador Luís da Câmara Cascudo, sofria a oposição de elementos regionais, sòmente o temor de que viesse a substituí-lo um "valido de Secretaria" fazendo-o permanecer no pôsto. A 15 de setembro presidiu as disputadas eleições para o primeiro Congresso Constituinte da República e quatro dias depois embarcou de volta para a antiga Côrte (1).

No Rio de Janeiro, foi Chefe de Polícia da Capital Federal.

Na Presidência de Prudente de Moraes foi Intendente e Presidente do Conselho Municipal.

Dedicou-se à advocacia, não conseguindo eleger-se Senador Federal no ano em que faleceu, 1912 (2).

---

## CARTA DE XAVIER DA SILVEIRA A UBALDINO

É o seguinte o texto da carta de Joaquim Xavier da Silveira Júnior a Ubaldino do Amaral, escrita em papel do "Gabinete do Governador do Estado do Rio Grande do Norte". A êle acrescentamos algumas anotações, para melhor esclarecimento:

---

(1) Cf. Luís da Câmara Cascudo — *História da República no Rio Grande do Norte* (Rio de Janeiro, 1965), págs. 147/161.

(2) Dunshee de Abranches — *Governos e Congressos da República* — 1889 a 1917, 1.º volume (Rio, 1918), págs. 652-/653.

"Natal, 9 de agosto de 1890.

"Ao Sr. Dr. Ubaldino do Amaral — Rio

"Meu illustre amigo

"Um dos raros conjuntos de espirito que encontram os trabalhadores da obra republicana atual, é com certeza a lembrança da gloriosa e santa solidariedade que une espiritualmente todos os companheiros da adversidade de ontem (3), através do tempo e da distância, no mesmo intuito patriótico e no mesmo pensamento comum da consolidação do regime de hoje.

"É grato, em verdade, pensar que aquêles homens em cujo coração quase exclusivamente se abrigava outrora a ave sagrada e rara do patriotismo, são justamente agora os que, numa solene divisão da responsabilidade da pátria, trabalham intemeratamente no objetivo do desacanhamento nacional, afrontando com valor e com tenacidade ofegante tôdas as mágoas e tôdas as amarguras que dia a dia se vão acumulando dentro do coração da gente (4).

"Sobe de ponto a intensidade dêsse confôrto, quando a lembrança que se tem é, não já a de um mero companheiro ou a de um bom camarada a nós vinculado pela fraternidade no convívio dos sonhos e da utopia do outro tempo, mas a de um chefe, exemplo e modelo de civismo, simbolismo pessoal de todos aquêles sonhos e também da imponente grandeza desta bela realidade, senão de hoje, ao menos e com certeza de amanhã.

"Imaginal, pois, a minha tristeza e o meu desalento, aqui neste quase exílio, ao ter a noticia da vossa renúncia a uma cadeira no Congresso e a da telegráfica, do pedido de demissão da Intendência Municipal da Capital Federal.

"Bem compreendo que sòmente fortes e elevados motivos vos determinaram a tomar tais resoluções, e compreendo-o tanto melhor quanto aqui, onde vos escrevo, já teria dez vêzes deixado de ser Governador do Rio Grande do Norte se dez vêzes consecutivas não tivesse obtido, como obtive, ampla e cabal satisfação de interêsses múltiplos e complicados, que se têm pôsto em conflito com a minha sinceridade republicana (5). Bem o compreendo eu, porque em todos êsses conflitos, apesar das vitórias da minha autoridade, são pungentes os desgostos que ficam de cada uma das refregas. O só receio de que

---

(3) Um pouco forte a alusão à "adversidade de ontem", eventualmente sofrida por republicanos em fins do Império.

(4) Aqui já se revelam os desencantos e desenganos que atingiram a tantos "republicanos históricos".

(5) Nesta parte o missivista usou linguagem hiperbólica, sem explicar os reais motivos de seus conflitos no govêrno do Rio Grande do Norte. Não será difícil concluir que o jovem Governador não aceitaria com facilidade o predomínio do hábil e quase onipotente Pedro Velho d'Albuquerque Maranhão.

*um valido de Secretaria (6) me venha substituir e destruir aqui a politica severamente republicana que tenho feito triunfar, é que me contém e me compele a ser mais forte que os meus desgostos. Até breve (7), meu grande e illustre amigo.*

*"Peço que recomendeis vivamente e mim e a minha mulher a tôda a vossa Exma. familia e que aceiteis mais uma vez os protestos da minha inalterável estima e cordialissima dedicação.*

*Do vosso, de coração amigo obrigadíssimo.*

Joaquim Xavier da Silveira Júnior"

---

(6) Pena que o missivista não indicasse o "valido de Secretaria". Substituiu-o, entretanto, o abolicionista alagoano Dr. João Gomes Ribeiro, a Natal chegado a 8 de novembro de 1890. (Cf. Cascudo — *op. cit.*, pág. 162).

(7) No "até breve" já estaria a certeza da próxima saída do desencantado Governador.



## INAUGURAÇÃO DE UMA PLACA

O Instituto Histórico e Geográfico é o autêntico guardião de nossa história.

Nêle e através dêle, datas, fatos, acontecimentos são revividos e rememorados na continuidade do tempo.

E não poderia a Casa da Memória limitar-se apenas a essas comemorações em sua sede. Por isso vem às ruas, aos locais históricos.

E graças à elevada compreensão e espírito patriótico do General Gomes Tinoco, nós aqui estamos, neste histórico prédio, para assistirmos à inauguração de uma placa simples, mas de grande significado para a nossa gente e as suas legítimas tradições.

Nela está escrito:

“Neste local erguia-se a Provedoria da Real Fazenda, sede do Govêrno Republicano em 1817. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Em 19-11-1965”.

Sim, quando o Rio Grande do Norte era capitania, foi construído, nas últimas décadas do Século XVIII, um edificio pequeno, com um andar, tendo escada exterior, lateral e em dois lanços, destinado aos serviços administrativos da Fazenda, a que se chamou já no princípio do século XIX, PROVIDORIA DA REAL FAZENDA.

O povo, no entanto, chamava-o de REAL ERÁRIO, o seu primeiro nome. Nesse edificio, de 29 de março a 25 de abril de 1817, instalou-se o Govêrno Republicano do Rio Grande do Norte, presidido pelo Coronel de Milícias André d’Albuquerque Maranhão, e que presente-

mente tem o nome a praça contígua, onde, a 25 de dezembro de 1599, a Cidade do Natal fôra fundada. Nesse dia, 25 de abril de 1817, André d'Albuquerque foi ferido, feito prisioneiro, falecendo no Forte dos Reis Magos, na madrugada seguinte.

Está sepultado ali na Catedral, em local ignorado.

O edifício da Provedoria da Real Fazenda foi reconstruído em 1875, sendo Ministro da Fazenda o Visconde do Rio Branco e Inspetor, na Província, o Sr. Aristides Cesar de Almeida.

A Provedoria da Real Fazenda, sede do Governo Republicano de 1817, é hoje sede do Quartel General da Guarnição Militar.

Assim sendo, com um pouco da história dêsse acontecimento, gravado no bronze para a posteridade, no dia da inauguração da placa, aproveito êste momento e, em nome da mais antiga instituição cultural do Estado, transmito a V. Exa., Sr. General Gomes Tinoco, quando de nós se despede, os votos de felicidade pessoal e de sua Exma. família, na certeza de que o seu patriotismo valerá muito, guiando-o no cumprimento do dever.

E o Instituto Histórico, que foi a primeira instituição cultural a acolhê-lo quando veio comandar esta Guarnição. saúda V. Exa. nesta manhã tropical, no ensejo da passagem do Comando a outras mãos dignas e honradas.

(Pronunciado às 10 horas do dia 18-5-66, na sede do Comando da ID/7 e Guarnição de Natal, pelo Dr. Enélio Lima Petrovich, presidente do I.H.G.R.G.N.).

# DR. FRANCISCO PINTO DE ABREU

ANTÔNIO FAGUNDES  
(Sócio Efetivo)

O Rio Grande do Norte é devedor de merecida homenagem à memória do Dr. Francisco Pinto de Abreu.

Consideramo-nos o menos autorizado para tecer considerações sôbre êsse nosso patrício, porquanto muito pouca aproximação com êle mantivemos.

Ao ingressarmos no curso secundário do antigo Ateneu Norte-rio-grandense, lá o encontramos no exercício de Diretor daquele tradicional estabelecimento. A idade de 11 anos, bem caracterizada pelo sistemático desintêresse votado aos assuntos de máxima importância, como soem ser os das atividades escolares, levava-nos a preferir as dissipações do tempo na freqüente audição de anedotas, pilhérias, piadas e... nas contínuas gazetas às aulas, de sabor tão agradável, aliás, para a garotada trêfega e irresponsável.

Outros contemporâneos, de idade mais avançada, esclarecidos e conscientes dos efeitos benéficos na cultura humanística e da perfeita formação da personalidade, que se aproximavam dêle confiantes e sequiosos das luzes emanadas daquele espírito privilegiado, poderiam fazê-lo com justeza e tocados pela sensibilidade na memorização das dezenas de episódios dêsse passado que, certamente, lhes seria essencialmente caro. Além do mais, ter-se-iam depoimentos vivos, preciosos, de valor insuperável daquele espírito de escol tão amigo e interessado pelo futuro da gleba potiguar.

No decorrer dos anos, pelo manusear dos jornais e revistas de então e, mórmente, pelo contato com as leis

e regulamentos do ensino do Estado, sentimos o calor do entusiasmo que lhe inflamava o coração nas frequentes e profícuas atividades desempenhadas com os edificantes propósitos de bem servir ao Rio Grande do Norte. Dai o motivo destas ligeiras considerações.

Nascido em Campina Grande, Estado da Paraíba, — a cidade princesa da Borborema, no dizer dos campinenses mais ligados pelo coração à gleba nativa.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Recife, turma de 1892, logo revelou-se, de par com os superiores dotes intelectuais, o orador fluente, de imaginação fértil e largos recursos, o jornalista de linguagem escorreita e amena, de estilo primoroso e empolgante.

Promotor interino de Recife, efetivo de Olinda, transferiu-se para aquela Comarca em caráter efetivo, exercendo, posteriormente, as funções de Curador Geral de Órfãos e, em seguida, as de Juiz Distrital.

## NO RIO GRANDE DO NORTE

Em 1895, veio para o nosso Estado, onde o aguardavam funções de relevância na administração pública e na vida política, deixando patentear em tôdas elas a superior elevação de espírito e comprovada eficiência.

O Rio Grande do Norte recebeu-o com ufania, mercê das evidentes revelações da capacidade intelectual e da cultura humanística e jurídica sobejamente demonstradas durante as atividades exercidas em Pernambuco. E êle soube corresponder com absoluta plenitude à expectativa e à confiança dos podêres públicos de nosso Estado. Aqui enraizou-se de tal modo que se considerava norte-riograndense de coração.

Diretor da Instrução Pública, em 1895, Juiz de Direito da Comarca de Ceará Mirim, posteriormente Lente de Matemáticas, em seguida da cadeira de Francês, do velho Ateneu e seu Diretor desde 1901.

Deputado à Assembléia Legislativa de 1901 a 1903, exercendo-lhe a Vice-Presidência por eleição de seus pares.

Em 1905, foi chamado pelo Governo para efetuar uma reforma no curso do tradicional Ateneu, adaptando-o

às exigências da lei federal que modificara substancialmente o ensino médio no país.

Advogado de nomeada, militou nos auditórios da Capital e das cidades do interior. As causas mais importantes surgidas no fôro, cíveis ou comerciais, eram-lhe confiadas, logrando sempre favoráveis sentenças, graças às insofismáveis interpretações das hermenêuticas. Algumas tornavam-se até ingratas, ante o intrincado das circunstâncias de que se ia revestindo a marcha processual.

No setor do direito criminal parecia residir a sua predileção de advogado, visto o interesse amplamente demonstrado de amparar a causa dos oprimidos e menos afortunados. Dêstes, os que se viam a braços com os tribunais, encontravam no Dr. Pinto de Abreu o franco e desinteressado acolhimento.

Em se considerando o ponto de vista literário propriamente dito, vemo-lo proferindo discursos importantes, conferências históricas e científicas, revelando a vasta cultura que lhe ornava a inteligência, o estilo primoroso, a linguagem escorreita e vibrante, granjeando freqüentemente os mais justos e calorosos encômios.

O discurso oficial que recitou no então Teatro "Carlos Gomes", a 12 de junho de 1906, na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por ocasião da festa cívica realizada por iniciativa do Instituto em homenagem à memória de Frei Miguelino, no transcurso do 89.º aniversário do seu martírio, é oração que empolga pelas imagens, pelos conceitos e pela exuberância do patriotismo.

Jornalista dos mais apreciados, fôra assíduo colaborador dos periódicos de Natal e de outras cidades dos Estados vizinhos. O jornal A REPÚBLICA, órgão do Partido Republicano, que obedecia à orientação do Dr. Pedro Velho, nêle encontrara freqüente cooperador e poderoso auxiliar.

Crônicas, odes, poemas, sonetos, hinos ilustravam as colunas dos órgãos das associações culturais da Potiguarânia. Vale ressaltar, nesse particular, o Hino a Augusto Severo, celebrando a catástrofe do PAX e exaltando o heroísmo do malogrado aeronauta rio-grandense.

Esse poema, recebido com justos elogios pela crítica literária, disseminou-se com estranha amplitude. Depois

de musicado, cuja melodia se tornara igualmente empolgante, tornou-se o Hino Oficial do Grupo Escolar que havia de perpetuar a memória daquele inolvidável português. Graças à freqüente execução promovida pelos alunos do Grupo, irradiaram-se, poema e melodia, pelas cidades do interior onde iam chegando os novos métodos de ensino.

## BIBLIOGRAFIA

Vasta é a sua bibliografia. Discursos, conferências e estudos científicos, em volumoso acervo, deixou-os inéditos.

Em face da precariedade dominante na imprensa local, não lhe foi possível dar letra de fôrma senão a número reduzido de suas importantes produções literárias. Dentre estas, cumpre salientar as seguintes: — “Cartas ao Povo”, “Amador em Literatura”, “A Decadência”, “Espinhos e Pétalas”, “Frutos e Flores”, “Idéias e Máximas”, “Discursos”, “Pátria” (poemeto), “Pela República”, “Poesias”, “Notas Jurídicas”, “Razões e Decisões” (direito), “Exercícios de Numeração” e “Leituras Primárias” são trabalhos didáticos em que o autor revelou acentuado pendor para o magistério, através dos métodos que lhes imprimiu. “O Problema do Ensino” e “Musa Infantil”, são dois outros trabalhos em que estão patentes os naturais pendores do autor para os misteres do ensino.

## O PEDAGOGO

Bem visíveis eram as simpatias do Dr. Pinto de Abreu pelo magistério e pelos assuntos atinentes à educação.

No Recife, havia fundado dois educandários — o Colégio Spencer e o Instituto Moderno. Talvez tenha sido o magistério a sua real vocação, tardiamente acordada por circunstâncias estranhas e desconhecidas.

Quando, em 1908, o Govêrno do Rio Grande do Norte sentiu a imperiosa necessidade de promover a substancial reforma do ensino primário oficial, nêle encontrou a colaboração entusiástica e eficiente, capaz de

traçar os novos rumos da reforma que se fizera imperativa.

Criou-se a Escola Normal de Natal, destinada à formação dos novos professôres e, bem assim, Grupos Escolares nas sedes dos municípios do interior.

O Dr. Pinto de Abreu codificou êste importante serviço público. Ele próprio o executava com especial desvêlo, à maneira dos didatas experimentados, carinhosamente, tal como o exigia a delicadeza daquela árdua tarefa. É essa, a nosso ver, a fase áurea da sua atuação no Rio Grande do Norte.

A reforma tornava-se imprescindível diante dos arcaicos métodos e processos ainda usados, inclusive o sistema disciplinar baseado nos castigos físicos — palmatoadas, reclusão em quarto escuro, detenção por longo tempo na casa da escola, permanência de pé durante horas, etc., que aviltavam sobremodo e despertavam a revolta. Ao mesmo tempo, era mister ter-se em consideração os antigos mestres-escola no que se lhes referia à situação moral-social em consequência do contínuo e afanoso labor durante dezenas de anos seguidos.

Alquebrados pela idade, na sua quase totalidade matronas que, se usufruíam certo confôrto moral pelas considerações que lhe dispensavam as famílias em consequência do muito que fizeram pela felicidade dos seus filhos, tornavam-se credores, todos êles, do reconhecimento da sociedade e do Govêrno, desde que os parcos vencimentos longe estavam de corresponder àquele trabalho anônimo realizado, aliás, com ternura quase evangélica. O Govêrno os afastara assegurando-lhes a integridade dos vencimentos da atividade, providência muito aquém da justiça que se impunha.

O Dr. Pinto de Abreu fôra chamado pela segunda vez para a direção da Instrução Pública a 1.º de julho de 1908 e nessas elevadas funções permaneceu até dezembro de 1910.

Êle próprio assumiu a direção da Escola Normal.

Do Rio de Janeiro, mediante contrato com o Govêrno do Estado, chegou o Professor Ezequiel Benigno de Vasconcelos Junior, antigo e experimentado preceptor da então Capital Federal, a quem foi confiada a direção do Grupo Escolar Augusto Severo, onde se havia de pro-

cessar a experimentação dos novos métodos de ensino e realizar a prática dos normalistas.

Chamando a si a orientação técnica do novo sistema de ensino, o Diretor da Instrução expedia circulares ditando os rumos do novo sistema escolar. Ele próprio comparecia ao Grupo dirigindo e orientando a prática dos normalistas e as atividades dos docentes, corrigindo-lhes os erros, notando-lhes as deficiências e estimulando-os para o fiel desempenho da nobilitante função que abraçaram.

Era de ver-se a maneira pela qual o fazia, o carinho e o interesse em resolver os problemas criados pela exigência do serviço, a solicitude com que atendia aos normalistas e a brandura quase paternal que usava no trato com as crianças do Grupo Escolar.

Vale considerar igualmente, no intuito de bem formar os novos professores, as freqüentes preleções eivadas de profundo estímulo e salutares conselhos, frutos da experiência, com o objetivo de fazer despertar as vocações para os misteres do ensino, certo de ser esta a condição primordial para o êxito da sua missão. O amor à profissão, malgrado as vicissitudes, os espinhos e as dificuldades nascidas da incompreensão de muitos, eram os assuntos das tertúlias freqüentemente mantidas com os alunos-mestres.

Aquêles que tiveram a fortuna de ouvir-lhe as lições edificantes, os sábios, prudentes e oportunos conselhos, as doces persuasões, hão de tê-los conservado durante as longas atividades da vida prática e, quiçá, continuarão a memorá-los possuídos da sensibilidade natural de quem, na retilínea da vida, encontrara quem lhes amainasse os óbices e lhes dirigisse os passos na linha tortuosa de uma profissão essencialmente eivada de escolhos.

Poder-se-ia dizer sem lisonja que o Dr. Pinto de Abreu fôra o Pestalozzi potiguar, mercê do entusiasmo e da confiança com que pregava os princípios do método intuitivo no ensino primário.

É de salientar-se que, Bacharel em Direito, jamais realizando curso de Pedagogia, ciência, aliás, então ainda pouco desenvolvida e escassamente divulgada, senão em sintéticos compêndios por si mesmos deficientes para o alcance dos objetivos visados. Mal se falava até então



de Spencer, Pestalozzi, Froebel, Montessori, Herbart, autores conhecidos naquela época. Os normalistas manuseavam o "Compêndio de Pedagogia Escolar", da autoria do Dr. F. Pinheiro Bittencourt, resumidas explicações de Psicologia e Pedagogia que não correspondiam às exigências do curso de professor.

O Grupo Escolar ensaiava a disciplina do afeto, não sem estranheza de grande parte da população, a denominada Pedagogia do Amor, seguida pelo notabilíssimo Dom Bosco, de tão surpreendentes resultados, com o qual esse emérito educador conseguiu transformar crianças abandonadas, viciadas, tidas por incorrigíveis, e até crianças delinqüentes, em cidadãos normais, úteis a si e à coletividade. O Dr. Pinto de Abreu compreendia o valor das emoções do prazer e o afeto do preceptor na educação das crianças. Considerava êste o mais salutar e o mais eficiente sistema disciplinar.

Em abono às nossas assertivas relativas ao pendor natural do Dr. Pinto de Abreu para o magistério, reportemo-nos ao seu "Musa Infantil", coleção primorosa de poesias genuinamente infantis, elaboradas com sentimento e carinho, denunciando personalidade afeita às lides com os rebentos da sociedade, no intuito de formá-los para a felicidade da família e grandeza da Pátria comum. Êle próprio, no Grupo Escolar, ditava essas poesias, ensaiava-as com as crianças, ensinando-lhe a inflexão da voz, a pontuação e a gesticulação adequada a cada idéia, a fim de emprestar-lhes viveza e ajustá-las ao idealismo que as ditou. E que júbilo experimentava ao evidenciar o êxito dos pequerruchos!

A dedicatória dêsse relicário de ternura para com as crianças expressa, com justeza, o amor e a delicadeza com que olhava os problemas da infância. Não será demais transcrevê-la, para melhor apreciação dos leitores. Ei-la: — "Tenho lá no céu três ânjinhos louros. Se não os houvesse beijado, talvez não fizesse êsses versos. Êste livro é dos meus filhos. Mas, como são generosos, lhes pedirei que repartam essa; flôres desmaiadas com os meninos do meu país".

Cumpre notar que, em nosso curso primário, no Colégio Diocesano Santo Antônio, usamos, por determinação do corpo administrativo dêsse estabelecimento, os "Exercícios de Numeração", da autoria do Dr. Pinto de

Abreu, cujo exemplar ainda hoje conservamos. Sua disposição didática constituiu, naqueles tempos, auxiliar poderoso na aprendizagem da leitura e escrita dos números mais extensos.

São êsses os traços mais vivos da personalidade do Dr. Pinto de Abreu, o docente, o pedagogo, o entusiasta pela nobilitante causa da educação.

## TORNANDO A OUTRAS FUNÇÕES

Afastando-se do ensino, em 1911, foi nomeado Secretário do Estado ainda no Governo Alberto Maranhão. Em 1913 era distinguido com a nomeação de Consultor Jurídico do Estado, cargo vitalício do qual se afastou em 1916, porque lhe foram reduzidos os vencimentos de 50%, tornando-se-lhe, em conseqüência, insustentável a subsistência.

## VOLTANDO A RECIFE

Ante a situação que lhe foi criada no Rio Grande do Norte, voltou a Recife, abrindo consultório de advocacia naquela cidade.

O Governo de Pernambuco foi buscá-lo, pouco depois, para confiar-lhe o elevado cargo de Secretário Geral do Estado. Mais tarde, o seu acentuado pendor para o magistério levou-o à Escola Normal do Recife, onde exerceu as funções de Lente em concomitância com as de Diretor do estabelecimento. Ali encontrou-o o ato do Governo que o aposentou, assegurando-lhe os proventos integrais da atividade.

A 11 de junho de 1951, falecia nessa cidade. Perdera não somente o Estado de Pernambuco, mas ainda e especialmente o Rio Grande do Norte, um dos maiores amigos e dos mais abnegados servidores.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do qual foi um dos sócios fundadores, tendo exercido os cargos de Secretário e de Orador.

Fêz parte de várias outras instituições culturais desta e de outras Unidades da Federação, a tôdas emprestando o brilho da sua cultura invulgar e privilegiada inteligência.

É a esse rio-grandense do norte de coração, coo-  
perador eficiente e decidido das instituições sociais e cul-  
turais, pioneiro da mais importante reforma do ensino  
primário potiguar, servidor incansável em diversos seto-  
res da administração pública do Estado, que o Rio Gran-  
de do Norte é devedor de significativa e honrosa homena-  
gem. Nunca será tarde para o resgate de uma dívida.

Aqui fica o pequeno tributo de nosso aprêço e nossa  
homenagem à sua memória. Resta-nos aguardar a be-  
nevolência dos que possuem fontes de informação mais  
completas e que, estamos certo, o fariam com brilho e  
maior precisão.

## APRESENTAÇÃO

Não pretendo, com êste modesto trabalho, publicado nas páginas seguintes, escrever a história do Poder Legislativo do Rio Grande do Norte, a sua atuação na vida político-administrativa do Estado. Para isto falta-me competência. Quero apenas apresentar uma relação completa dos componentes das Assembléias Constituintes e Legislativas estaduais, nas diversas legislaturas que têm funcionado desde a proclamação da República até os dias atuais. O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro abrange os anos de 1891 a 1930. O segundo consta apenas de uma legislatura incompleta — 1935-1937. O terceiro compreende cinco legislaturas no período de 1947 a 1966. O quarto, finalmente, traz a descrição das Assembléias Constituintes que decretaram e promulgaram as diversas Constituições durante o regime republicano.

Agradeço o valioso auxílio que me prestou o Dr. Enélio Lima Petrovich, digno presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, não só me animando para proceder às pesquisas nos arquivos da referida Instituição, como ainda incluindo a publicação do trabalho, que ora apresento ao público, na Revista da entidade, da qual tenho a honra de pertencer.

Natal, novembro de 1966.

**Manoel Jácome de Lima**

## 1.º CAPÍTULO

### Legislaturas de 1891 a 1930

# O PODER LEGISLATIVO DO RIO GRANDE DO NORTE NO REGIME REPUBLICANO

MANOEL JÁCOME DE LIMA

(Sócio Efetivo)

O Ato Adicional de 1834 criou as Assembléias Legislativas Provinciais em substituição aos Conselhos de Províncias instituídos pela Constituição do Império, de 25 de março de 1824.

De acôrdo com as disposições da referida lei foi instalada a primeira Assembléia Provincial a 2 de fevereiro de 1835 e durante todo o período monárquico funcionaram regularmente 27 legislaturas.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, volumes 18 e 19, correspondentes aos anos de 1920 e 1921, publicou uma relação de todos os componentes da Assembléia Provincial, no período de 54 anos, isto é, de 1835 a 1889, quando foi implantado o nôvo regime de govêrno no Brasil.

O modesto trabalho que ora apresento, vem completar a relação dos nomes dos deputados estaduais ao antigo Congresso Legislativo e a atual Assembléia Legislativa.

Abrange tôdas as legislaturas ordinárias e constituintes desde 1891 até 1965, com as interrupções de 1930 a 1935 e de 1937 a 1947.

Proclamada a República em 15 de novembro de 1889 foi extinto o Poder Legislativo que só voltou a vigorar no país após a promulgação da Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

A primeira eleição para a organização do Poder Legislativo no Estado, com poderes de Congresso Constituinte, realizou-se a 10 de maio de 1891. Esse Congresso instalou-se a 10 de junho e após o funcionamento de mais de um mês promulgava a primeira Constituição Estadual, a 21 de julho do mesmo ano.

Esse Congresso elegeu o Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro presidente do Estado e vice-presidente o Dr. José Fernandes Barros.

O Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro eleito pelo Congresso a 12 de junho, tomou posse a 9 de setembro e governou o Estado até 28 de novembro de 1891, quando foi deposto.

A Junta Governativa, que o substituiu no Governo do Estado, dissolveu o Congresso por decreto de 17 de dezembro de 1891.

#### **Deputados que compunham êsse Congresso:**

- 1 — Dr. José Inácio Fernandes Barros
- 2 — Dr. Manoel de Carvalho e Souza
- 3 — Dr. Lourenço Justiniano Tavares de Holanda
- 4 — Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara
- 5 — Dr. João Alves de Melo
- 6 — Dr. Felipe Néri de Brito Guerra
- 7 — Dr. Manoel Batista de Oliveira Melo
- 8 — Dr. Francisco de Sales Meira e Sá
- 9 — Dr. Vicente de Paula Veras
- 10 — Dr. Francisco Carlos Pinheiro Câmara
- 11 — Dr. Bianor Fernandes Carneiro de Oliveira
- 12 — Dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcelos
- 13 — Dr. Artur de Albuquerque Bezerra Cavalcanti
- 14 — Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro
- 15 — Dr. Antônio Antunes de Oliveira
- 16 — Ovídio de Melo Montenegro Pessoa
- 17 — Genuino Fernandes de Queiroz

- 18 — Manoel Joaquim de Carvalho e Souza
- 19 — Antônio Bento de Araújo Lima
- 20 — Ivo Abdias Furtado de Mendonça e Menezes
- 21 — Joaquim Guilherme de Souza Caldas
- 22 — José Gervásio de Amorim Garcia
- 23 — Pedro Soares de Araújo
- 25 — Umbelino Freire de Gouveia Melo.

## 1.ª LEGISLATURA (1892-1894)

- 1 — Dr. Luiz Manoel Fernandes Sobrinho
- 2 — Dr. José Clímaco do Espírito Santo
- 3 — Dr. José Peregrino de Araújo
- 4 — Dr. Jerônimo Américo Raposo da Câmara
- 5 — Dr. Antônio José de Melo e Souza
- 6 — Dr. Felipe Néri de Brito Guerra
- 7 — Dr. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinôco
- 8 — Dr. João Gurgel de Oliveira
- 9 — Dr. Joaquim Cavalcanti Ferreira de Melo
- 10 — Dr. Manoel Moreira Dias
- 11 — Dr. Janúncio da Nóbrega Filho
- 12 — Dr. Luiz Antônio Ferreira Souto
- 13 — Dr. Manoel Augusto de Medeiros
- 14 — Dr. Afonso Moreira Loiola Barata
- 15 — Dr. Francisco de Paula Sales
- 16 — Dr. Artur de Albuquerque Bezerra Cavalcanti
- 17 — Dr. Manoel Ronaldsa de Castilho Brandão
- 18 — Dr. Francisco Xavier Soares Montenegro
- 19 — Professor Manoel Augusto Bezerra de Araújo
- 20 — Augusto Severo de Albuquerque Maranhão
- 21 — Capitão Francisco de Paula Moreira
- 22 — Capitão-Tenente Artur José dos Reis Lisboa
- 23 — Alferes Francisco de Paula Fernandes Barros
- 24 — Ovídio de Melo Montengro Pessoa.

Esse Congresso eleito a 31 de janeiro de 1892 instalou-se a 20 de fevereiro. No dia 22 do referido mês elegeu o Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão governador do Estado, o qual assumiu o govêrno a 28 de fevereiro.

A princípio funcionou como Congresso Constituinte, reformando a Constituição de 21 de julho de 1891. A nova Constituição foi promulgada a 7 de abril de 1892.

Após a promulgação da Constituição a Constituinte transformou-se em Congresso Legislativo e continuou seus trabalhos até 20 de junho do citado ano.

Nesta legislatura perderam o mandato os deputados: Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, por ter sido eleito deputado federal e os drs. Manoel Ronaldsa de Castilho Brandão, Francisco Xavier Soares Montenegro e José Peregrino de Araújo.

Para substituí-los foram eleitos a 10 de setembro de 1893 os srs.:

Dr. Augusto Carlos L'Eraistre  
Dr. Matias Carlos de Araujo Maciel  
Dr. Augusto Tavares de Lira  
Dr. Epaminondas Jácome.

## 2.° LEGISLATURA (1895-1897)

- 1 — Dr. João Dionísio Filgueira
- 2 — Dr. Elói Castriciano de Souza
- 3 — Dr. Manoel Moreira Dias
- 4 — Dr. Luiz Manoel Fernandes Sobrinho
- 5 — Dr. Pedro Soares de Amorim
- 6 — Dr. Virgílio Bandeira de Melo
- 7 — Dr. Aprígio Augusto Ferreira Chaves
- 8 — Dr. Augusto Bezerra Cavalcanti
- 9 — Antônio Ferreira Pinto
- 10 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 11 — Antônio Manoel de Oliveira Martins
- 12 — Joaquim Martiniano Pereira
- 13 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 14 — José Antônio de Carvalho
- 15 — Cristalino da Costa Oliveira
- 16 — Estevão César Teixeira de Moura
- 17 — Aderaldo Zósimo de Freitas
- 18 — Luiz Pereira Tito Jácome
- 19 — José Joaquim de Oliveira Júnior
- 20 — Antônio Joaquim de Oliveira Costa
- 21 — Antônio Carlos Fernandes Pimenta
- 22 — Joaquim José Correia
- 23 — João Pegado Cortês Filho
- 24 — José Rufino da Costa Pinheiro.



Os drs. João Dionísio Filgueira e Augusto Bezerra Cavalcanti perderam os mandatos por haverem aceitado nomeações para cargos públicos: foram, porém, reeleitos, a 14 de junho de 1895. O dr. Aprígio Augusto Ferreira Chaves também perdeu o mandato pelo mesmo motivo, sendo substituído pelo dr. Luiz Oliveira.

### 3.º LEGISLATURA (1898-1900)

- 1 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 2 — Antônio Ferreira Pinto
- 3 — Estevão César Teixeira de Moura
- 4 — Manoel Gonçalves de Medeiros Vale
- 5 — Cristalino da Costa Oliveira
- 6 — Luiz Pereira Tito Jácome
- 7 — Francisco Fausto de Souza
- 8 — Olímpio Tavares
- 9 — João Pegado Cortês Filho
- 10 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 11 — João Bernardino de Paiva Cavalcanti
- 12 — Antônio Joaquim de Oliveira Costa
- 13 — José Joaquim de Carvalho Araújo
- 14 — Dr. Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti
- 15 — Dr. João Dionísio Filgueira
- 16 — Dr. Manoel Xavier da Cunha Montengro
- 17 — Joaquim Antão de Sena
- 18 — Dr. Tomaz Gomes da Silva
- 19 — Joaquim Martiniano Pereira
- 20 — Dr. Francisco de Albuquerque Melo
- 21 — Joaquim José Correia
- 22 — José Rufino da Costa Pinheiro
- 23 — Professor Manoel Augusto Bezerra de Araújo
- 24 — José Joaquim de Oliveira Júnior.

No mesmo dia da eleição para êsse Congresso (15 de novembro de 1897) houve eleição para o Congresso Constituinte que devia reformar a Constituição de 7 de abril de 1892, sendo eleitos os mesmos candidatos ao Congresso Legislativo.

O Congresso Constituinte reuniu-se a 10 de junho de 1898 e a 11 de julho promulgava a reforma da Constituição.

#### 4.º LEGISLATURA (1901-1903)

- 1 — Sérvulo Pires de Albuquerque Galvão Filho
- 2 — Pedro Soares de Araújo
- 3 — Dr. Francisco Pinto de Abreu
- 4 — Estevão César Teixeira de Moura
- 5 — Joaquim Servita Pires de Brito
- 6 — Dr. Augusto Bezerra Cavalcanti
- 7 — Padre Francisco de Almeida
- 8 — Antônio Ferreira Pinto
- 9 — Dr. Luiz de Oliveira
- 10 — Clementino Monteiro de Faria
- 11 — Cristalino da Costa Oliveira
- 12 — Luiz Pereiro Tito Jácome
- 13 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 14 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 15 — José Rufino da Costa Pinheiro
- 16 — Joaquim Martiniano Pereira
- 17 — João Bernardino de Paiva Cavalcanti
- 18 — Antônio Joaquim de Oliveira Costa
- 19 — José Joaquim de Carvalho e Araújo
- 20 — Joaquim José Correia
- 21 — Dr. Sérgio Pais Barreto
- 22 — Olímpio Tavares
- 23 — João Pegado Cortês Filho
- 24 — Luiz Emídio Pinheiro da Câmara.

#### 5.º LEGISLATURA (1904-1906)

- 1 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 2 — Luiz Pereira Tito Jácome
- 3 — Manoel Praxedes Benevides Pimenta
- 4 — Dr. Manoel de Gouveia Varela
- 5 — Emídio Bezerra da Costa Avelino
- 6 — Antônio Ferreira Pinto
- 7 — Pedro Soares de Araújo
- 8 — Astério de Souza Pinto
- 9 — Joaquim José Correia
- 10 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 11 — Estevão César Teixeira de Moura
- 12 — Sérvulo Pires de Albuquerque Galvão Filho
- 13 — João Bernardino de Paiva Cavalcanti
- 14 — José Rufino da Costa Pinheiro
- 15 — Cristalino da Costa Oliveira

- 16 — Antonio Joaquim de Oliveira Costa
- 17 — Clementino Monteiro de Faria
- 18 — Olímpio Tavares
- 19 — Joaquim Servita Pinheiro de Brito
- 20 — Dr. Francisco Pinto de Abreu
- 21 — Dr. Sérgio Pais Barreto
- 22 — Padre Francisco de Almeida
- 23 — Joaquim Martiniano Pereira
- 24 — José Joaquim de Carvalho e Araújo.

O deputado José Rufino da Costa Pinheiro faleceu a 11 de novembro de 1904 e a 18 de dezembro do mesmo ano foi eleito para substituí-lo o sr. João da Fonseca e Silva Sobrinho.

Em 1905 houve duas vagas no Congresso. O deputado Dr. Sérgio Pais Barreto perdeu o mandato e Manoel Praxedes Benevides Pimenta faleceu a 27 de setembro daquele ano. Para estas duas vagas foram eleitos respectivamente o dr. Manoel Segundo Vanderlei e o Sr. Cesário Fernandes de Oliveira.

Ambos tomaram posse na sessão extraordinária do Congresso, a 18 de março de 1906.

## 6.ª LEGISLATURA (1907-1909)

- 1 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 2 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 3 — Dr. Manoel Dantas
- 4 — Astério de Souza Pinto
- 5 — Estevão César Teixeira de Moura
- 6 — João da Fonseca e Silva
- 7 — Joaquim Martiniano Pereira
- 8 — Joaquim Servita Pereira de Brito
- 9 — José Joaquim de Carvalho e Araújo
- 10 — Clementino Monteiro de Faria
- 11 — Cristalino da Costa Oliveira
- 12 — Emídio Bezerra da Costa Avelino
- 13 — Joaquim José Correia
- 14 — Cesário Fernandes de Oliveira
- 15 — Inácio Henrique de Paiva
- 16 — Olímpio Tavares
- 17 — Dr. Manoel de Gouveia Varela
- 18 — João Bernardino de Paiva Cavalcanti
- 19 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo

- 20 — Pedro Soares de Araújo
- 21 — Antônio Ferreira Pinto
- 22 — Romualdo Lopes Galvão
- 23 — Dr. Manoel Segundo Vanderlei
- 24 — Sérvulo Pires de Albuquerque Galvão Filho

Êstes deputados foram simultâneamente eleitos para o Congresso Constituinte e para o Congresso Legislativo no triênio de 1907 a 1909.

Primeiramente se reuniu o Congresso em caráter extraordinário de 11 a 24 de fevereiro de 1907.

O Congresso Constituinte funcionou no período de 10 a 26 de março do mesmo ano, tendo promulgado a nova Constituição Estadual a 25 de março do citado ano.

Na sessão preparatória de 7 de março do dr. Manoel Dantas foi lido um officio à mesa renunciando o mandato em virtude de ter sido nomeado Procurador Geral do Estado.

A 15 de setembro do citado ano houve eleição para preenchimento da vaga do dr. Manoel Dantas e para completar o número de deputados — 25 — que a nova Constituição determinava.

Foram eleitos o dr. Manoel Dantas e o dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcelos, os quais reconhecidos e proclamados deputados prestaram o compromisso legal e assumiram o respectivo mandato na sessão preparatória de 31 de outubro de 1907.

Em 1908, o dr. Manoel Dantas renunciou novamente o mandato, sendo sua vaga preenchida na eleição de 15 de setembro daquele ano pe'lo sr. João Pessoa de Albuquerque.

No ano de 1909 houve três vagas deixadas pelos deputados dr. Manoel Segundo Vanderlei e Antônio Ferreira Pinto que faleceram e dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcelos, nomeado Inspetor de Higiene.

Estas vagas foram preenchidas na eleição de 15 de setembro do mesmo ano pelos srs.

João Pegado Cortês Filho  
Benvenuto Jácome  
João de Brito Ferreira Pinto

Na sessão preparatória de 31 de outubro de 1909 prestaram o compromisso legal e tomaram posse de seus mandatos.

## 7.º LEGISLATURA (1910-1912)

- 1 — Manoel Maurício Freire
- 2 — Rodopiano Fernandes de Azevedo
- 3 — Ezequiel Mergelino de Souza
- 4 — Benvenuto Jácome
- 5 — Luiz Gonzaga da Silva Barbalho
- 6 — Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão
- 7 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 8 — João Ferreira da Silva
- 9 — Dr. Tomaz Salustino Gomes de Melo
- 10 — Manoel Agostinhô Rodrigues Baracho
- 11 — Luiz Pinheiro de Vasconcelos
- 12 — Francisco Fausto de Souza
- 13 — Pedro Soares de Araujo
- 14 — João Bernardino de Paiva Cavalcanti
- 15 — Marcelino Vieira da Costa
- 16 — João Pegado Cortês
- 17 — João da Fonseca e Silva
- 18 — Dr. Moisés Soares de Araújo
- 19 — Prudente da Costa Alecrim
- 20 — Joaquim José Correia
- 21 — Olímpio Tavares
- 22 — Antônio Sabóia de Sá Leitão
- 23 — Laurindo Augusto de Paiva
- 24 — Pedro de Oliveira Correia
- 25 — João Alfredo da Cruz

Em 1911 o deputado João Alfredo da Cruz perdeu o mandato, sendo substituído pelo sr. Afonso Vieira de Melo Belmont.

Em 1912 faleceu o deputado João Bernardino de Paiva Cavalcanti e o dr. Moisés Soares de Araújo renunciou o mandato por ter sido nomeado diretor do Ateneu Norte Riograndense.

## 8.º LEGISLATURA (1913-1915)

- 1 — João Juvenal Pedrosa Tinoco
- 2 — Cristalino da Costa Oliveira
- 3 — Padre Tertuliano Fernandes de Queiroz
- 4 — Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros
- 5 — Boaventura Dias de Sá

- 6 — Dr. Sérgio Pais Barreto
- 7 — Joaquim Inácio de Carvalho
- 8 — Dr. Antônio Soares Júnior
- 9 — Pedro Soares de Araújo
- 10 — Inácio Henrique de Paiva
- 11 — Reinaldo Gomes Fernandes Pimenta
- 12 — Joaquim Martiniano Pereira
- 13 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 14 — Emídio Bezerra da Costa Avelino
- 15 — Joaquim José Correia
- 16 — Joaquim Manoel Teixeira de Moura
- 17 — José Joaquim de Carvalho e Araújo
- 18 — Joaquim Servita Pereira de Brito
- 19 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 20 — Pedro Alcides da Câmara Moura
- 21 — João de Brito Ferreira Pinto
- 22 — Francisco Zacarias da Costa e Silva
- 23 — Dr. Moisés Soares de Araújo
- 24 — Padre José Antônio da Silva Pinto
- 25 — Dr. Ponciano de Moraes Barbosa.

Em 1914 houve duas vagas: Drs. José Augusto Bezerra de Medeiros e Sérgio Pais Barreto. A 27 de setembro daquele ano houve eleição para preenchimento destas vagas. Foram eleitos:

Dr. Antônio de Oliveira  
Eliseu Fernandes Maia

Reconhecidos e proclamados deputados estaduais assumiram o exercício do mandato a 31 de outubro de 1914.

## 9.ª LEGISLATURA (1916-1917)

- 1 — Joaquim José Correia
- 2 — Dr. Paulo Júlio de Albuquerque Maranhão
- 3 — Manoel Maurício Freire
- 4 — Cristalino da Costa Oliveira
- 5 — Dr. Tomaz Soriano de Souza Filho
- 6 — Francisco Vicente da Cunha Mota
- 7 — Ezequiel Mergelino de Souza
- 8 — Dr. Tomaz Salustino Gomes de Melo
- 9 — Antônio de Carvalho e Souza
- 10 — Francisco Fausto de Souza

- 11 — Marcelino Vieira da Costa
- 12 — Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Filho
- 13 — Luiz Gonzaga Barbalho
- 14 — Antônio Ferreira da Silva
- 15 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 16 — Padre Tertuliano Fernandes de Queiroz
- 17 — José Joaquim de Carvalho e Araújo
- 18 — Eliseu Fernandes Maia
- 19 — Dr. Antônio de Oliveira
- 20 — Celso Afonso Dantas
- 21 — Romualdo Lopes Galvão
- 22 — Dr. Francisco Bruno Pereira
- 23 — João Juvenal Pedrosa Tinoco
- 24 — Dr. Moisés Soares de Araújo
- 25 — Dr. Galdino dos Santos Lima

### 10.ª LEGISLATURA (1918-1920)

- 1 — Dr. João Vicente da Costa
- 2 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 3 — João Juvenal Pedrosa Tinoco
- 4 — Ezequiel Mergelino de Souza
- 5 — Pedro de Oliveira Correia
- 6 — Manoel Maurício Freire
- 7 — Joaquim Servita Pereira de Brito
- 8 — Reinaldo Gomes Fernandes Pimenta
- 9 — Joaquim José Correia
- 10 — Dr. Rafael Fernandes Gurjão
- 11 — Dr. Tomaz Salustino Gomes de Melo
- 12 — João Pessoa de Albuquerque
- 13 — Clementino Monteiro de Faria Filho
- 14 — Dr. Dioclécio Dantas Duarte
- 15 — Dr. Tomaz Soriano de Souza Filho
- 16 — Dr. Guilherme Lins de Queiroz
- 17 — Pedro Soares de Araújo
- 18 — Kerginaldo Cavalcanti de Albuquerque
- 19 — Dr. Francisco Fernandes Sobral
- 20 — Dr. Otávio Varela
- 21 — Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortês
- 22 — Francisco Cascudo
- 23 — José Joaquim de Carvalho e Araújo
- 24 — Inácio Henrique de Paiva
- 25 — Teodósio Paiva.

Houve duas vagas em 1919: Drs. Tomaz Soriano de Souza que faleceu e Dr. Kerginaldo Cavalcanti que fôra nomeado para cargo remunerado.

Para preenchimento dessas vagas foram eleitos:

Dr. Francisco Bruno Pereira e Dr. Kerginaldo Cavalcanti.

Em 1920 ocorreram quatro vagas:

Dr. João Vicente da Costa  
Dr. Tomaz Salustino Gomes de Melo  
Dr. Guilherme Lins de Queiroz  
João Juvenal Pedrosa Tinoco

Foram eleitos para preencher essas vagas:

Dr. João Vicente da Costa  
Prof. Francisco Ivo Cavalcanti  
Farmacêutico Joaquim Inácio Tôrres  
Adolfo Fernandes.

## 11.º LEGISLATURA (1921-1923)

- 1 — Luiz Gonzaga da Silva Barbalho
- 2 — Dr. José Ferreira de Souza
- 3 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 4 — Dr. Rafael Fernandes Gurjão
- 5 — João Alexandre Alves de Souza
- 6 — João de Brito Ferreira Pinto
- 7 — Francisco Zacarias da Costa e Silva
- 8 — Rafael Godeiro da Silva
- 9 — Antônio Germano da Silveira
- 10 — Francisco Nobre de Almeida
- 11 — Mário Manso
- 12 — Aduino Fernandes de Azevedo
- 13 — Pedro Soares de Araújo
- 14 — Felix Teixeira de Souza
- 15 — Joaquim Inácio Tôrres
- 16 — Joaquim Pereira da Silva Luz
- 17 — João Gomes Teixeira
- 18 — Manoel Martins Veras
- 19 — Adonias Galvão
- 20 — Manoel Maurício Freire



- 21 — Dr. João Vicente da Costa
- 22 — Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortês
- 23 — Francisco Cascudo
- 24 — Emídio Bezerra da Costa Avelino
- 25 — Francisco Fausto de Souza

Perderam o mandato durante o triênio os deputados:

Dr. João Vicente da Costa  
 Dr. Rafael Fernandes Gurjão  
 Dr. José Ferreira de Souza  
 Adauto Fernandes de Azevedo  
 Adonias Galvão

Foram eleitos para substituí-los:

Dr. João Vicente da Costa (reeleito)  
 Adauto Fernandes de Azevedo (reeleito)  
 Francisco Herôncio de Melo  
 Antônio Felipe Ferreira da Silva  
 Emídio Fernandes da Rocha Fagundes

## 12.ª LEGISLATURA (1924-1926)

- 1 — Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortês
- 2 — Dr. João Eptácio Fernandes Pimenta
- 3 — Dr. Floriano Cavalcanti de Albuquerque
- 4 — Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara
- 5 — Descarte de Medeiros Mariz
- 6 — Pedro Juvenal Teixeira de Carvalho
- 7 — Joaquim Freire
- 8 — Dr. José Ferreira de Sousa
- 9 — Dr. Janúncio Nóbrega
- 10 — Dr. Armando Nogueira China
- 11 — Antônio Andrade
- 12 — Pedro de Oliveira Correia
- 13 — Francisco Herôncio de Melo
- 14 — João Estevão Gomes da Silva
- 15 — João Alfredo
- 16 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 17 — Professor Francisco Gonzaga Galvão
- 18 — João Pessoa de Albuquerque
- 19 — Enéas Pires Galvão
- 20 — Adolfo Fernandes

- 21 — Dr. Manoel Sinval Moreira Dias
- 22 — Dr. Dioclécio Dantas Duarte
- 23 — Dr. Antônio Soares Júnior
- 24 — Epaminondas de Aquino Tôrres
- 25 — Dr. Eufráasio Mário de Oliveira.

Durante a legislatura houve três vagas:

Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortês  
Dr. João Epitácio Fernandes Pimenta  
Dr. Manoel Sinval Moreira Dias

Foram substituídos pelos srs.:

Dr. Emídio Cardoso Sobrinho  
Reinaldo Gomes Fernandes Pimenta  
Dr. Raul de Franca Alencar.

### 13.ª LEGISLATURA (1927-1929)

- 1 — Dr. Adauto de Miranda Raposo da Câmara
- 2 — Alfredo Bezerra da Costa Campos
- 3 — Dr. Antônio Bento de Araújo Lima
- 5 — Antônio Germano da Silveira
- 4 — Antônio Felipe Ferreira da Silva
- 6 — Dr. Armando Nogueira China
- 7 — Dr. Emídio Cardoso Sobrinho
- 8 — Epaminondas de Aquino Tôrres
- 9 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 10 — Francisco Fausto de Souza
- 11 — Francisco Ferreira Pinto
- 12 — Professor Francisco Gonzaga Galvão
- 13 — João Estevão Gomes da Silva
- 14 — Joaquim Pereira da Silva Luz
- 15 — Dr. José Fernandes Gurjão
- 16 — Dr. José Gomes da Costa
- 17 — Manoel Martins Veras
- 18 — Manoel Maurício Freire
- 19 — Manoel de Melo Montenegro
- 20 — Nestor Marinho
- 21 — Dr. Pedro de Alcântara Matos
- 22 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 23 — Rafael Godeiro da Silva
- 24 — Vicente do Rêgo Filho
- 25 — Dr. Vitorino dos Santos Moreira.

Em 1928 houve quatro vagas:

Dr. José Fernandes Gurjão  
Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara  
Alfredo Bezerra da Costa Campos

Estas vagas foram preenchidas pelos srs.:

Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo  
Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara  
Dr. Renato Dantas  
Pedro Juvenal Teixeira de Carvalho

#### 14.º LEGISLATURA (1930-1932)

- 1 — Padre Bianor Aranha
- 2 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 3 — Nelson Newton de Faria
- 4 — Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo
- 5 — Epaminondas de Aquino Tôrres
- 6 — Dr. Renato Dantas
- 7 — João Ferreira de Souza
- 8 — Manoel Cavalcanti
- 9 — Vivaldo Pereira
- 10 — João Severiano da Câmara
- 11 — Dr. Raul de Franca Alencar
- 12 — Pedro Juvenal Teixeira de Carvalho
- 13 — Dr. Antônio Bento de Araújo Lima
- 14 — Joaquim de Paiva
- 15 — Dr. Luís da Câmara Cascudo
- 16 — Dr. José Augusto Varela
- 17 — Joaquim Inácio Tôrres
- 18 — Dr. Antônio Soares Júnior
- 19 — Dr. Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho
- 20 — Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara
- 21 — Dr. Osvaldo de Medeiros Grilo
- 22 — Dr. João Eptácio Fernandes Pimenta
- 23 — Professor Francisco Gonzaga Galvão
- 24 — Dr. Raul Caldas
- 25 — José Diógenes Maia

Esta Assembléia funcionou poucos dias. Iniciou seus trabalhos a 1.º de outubro de 1930. A revolução irrom-

pida no dia 3 do mesmo mês e ano interrompeu as sessões e a Junta Governativa que assumiu a administração do Estado suprimiu o Poder Legislativo Estadual por decreto de 6 do referido mês.

## 2.º CAPÍTULO

Legislatura de 1935 a 1937

### Assembléia Constituinte de 1935

A 14 de outubro de 1934, realizou-se no Rio Grande do Norte, eleição para a Assembléia Constituinte do Estado.

Foram eleitos os seguintes deputados:

- 1 — Monsenhor João da Mata Paiva
- 2 — Dr. Felipe Neri de Brito Guerra
- 3 — D. Maria do Céu Pereira
- 4 — Glicério Cícero de Oliveira
- 5 — Dr. José Augusto Varela
- 6 — Felismino do Rêgo Dantas Noronha
- 7 — Felinto Elísio de Oliveira Azevedo
- 8 — Nominando Gomes da Silva
- 9 — Dr. João Marcelino de Oliveira
- 10 — Dr. Raimundo Ferreira de Macêdo
- 11 — Dr. Djalma Aranha Marinho
- 12 — José Lopes Varela
- 13 — Sandoval Vanderley
- 14 — Dr. Cincinato Galvão Ferreira Chaves
- 15 — Dr. Gil Soares de Araújo
- 16 — Manoel Amâncio Leite
- 17 — Dr. Abelardo Calafange
- 18 — Ezequiel Xavier Bezerra
- 19 — Professor Francisco Gonzaga Galvão
- 20 — Dr. José Tavares da Silva
- 21 — Dr. Pedro de Alcântara Matos
- 22 — Dr. Júlio Vitor Pimenta Teófilo Régis
- 23 — João Severiano da Câmara
- 24 — Benedito Saldanha
- 25 — Dr. Sebastião Maltez Fernandes

Essa Assembléia instalou-se a 28 de outubro de 1935; no dia seguinte elegeu Governador do Estado o

Dr. Rafael Fernandes Gurjão, e a 22 de fevereiro de 1936 promulgou a nova Constituição Estadual.

Passou em seguida a funcionar como Assembléia Legislativa. Antes, porém, de terminar o período legislativo, a Assembléia foi dissolvida pelo golpe de Estado de 10 de novembro de 1937.

### 3.º CAPÍTULO

#### Legislaturas de 1947 a 1966

A 19 de janeiro de 1947 procedeu-se no Rio Grande do Norte a eleição para deputados à Assembléia Constituinte do Estado. A Assembléia ficou assim constituída:

- 1 — Dr. Sílvio Piza Pedroza
- 2 — Dr. José Nicodemos da Silveira Martins
- 3 — Jofre Ariston de Araújo
- 4 — Dr. Israel Ferreira Nunes
- 5 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 6 — Alfredo Mesquita Filho
- 7 — João Bianor Bezerra
- 8 — Dr. Raul de Franca Alencar
- 9 — Dr. Arnaldo Barbalho Simonetti
- 10 — Cosme Corsino de Lemos
- 11 — Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque
- 12 — Dr. Aderson Dutra de Almeida
- 13 — Dr. Manoel Varela de Albuquerque
- 14 — Teodorico Bezerra
- 15 — Dr. Túlio Augusto Fernandes de Oliveira
- 16 — Dr. Creso Bezerra de Melo
- 17 — Dr. José Humberto de Oliveira Barbalho
- 18 — Antônio Pereira Dias
- 19 — Dr. Djalma Aranha Marinho
- 20 — Dr. Jerônimo Oix-huit Rosado Maia
- 21 — Dr. Antônio Pereira de Macedo
- 22 — Agostinho Santiago de Medeiros Brito
- 23 — Dr. Abelardo Calafange
- 24 — Dr. José Gonçalves Pires de Medeiros
- 25 — Monsenhor João da Matha Paiva
- 26 — Dr. José Fernandes de Melo
- 27 — Aristófaes Fernandes e Silva
- 28 — Dr. José Xavier da Cunha

- 29 — Dr. Mário Negócio de Almeida e Silva
- 30 — Dr. Rodolfo Pereira de Araújo
- 31 — Dr. Moacir Tôrres Duarte
- 32 — Dr. Ezequiel Epaminondas da Fonseca Filho.

A 1.º de agosto do referido ano a Assembléia iniciou os seus trabalhos constituintes, e a 25 de novembro promulgava a Constituição do Estado. De acôrdo com dispositivos da Constituição, a Assembléia passou a funcionar com funções legislativas.

## 1.º LEGISLATURA (1947-1950)

A 2 de dezembro de 1945 procedeu-se em todo o Brasil à eleição para Presidente da República e para Deputados à Assembléia Constituinte Nacional.

A 18 de setembro de 1946 foi promulgada a nova Constituição do Brasil e a 19 de janeiro de 1947 realizou-se no Rio Grande do Norte eleição para Governador e Deputados à Assembléia Constituinte do Estado.

A Assembléia Constituinte ficou constituída dos seguintes deputados:

- 1 — Dr. Sílvia Piza Pedroza
- 2 — Dr. José Nicodemos da Silveira Martins
- 3 — Jofre Ariston de Araújo
- 4 — Dr. Israel Ferreira Nunes
- 5 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 6 — Alfredo Mesquita Filho
- 7 — João Bianor Bezerra
- 8 — Dr. Raul de Franca Alencar
- 9 — Dr. Arnaldo Barbalho Simonetti
- 10 — Cosme Corsino Lemos
- 11 — Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque
- 12 — Dr. Aderson Dutra de Almeida
- 13 — Dr. Manoel Varela de Albuquerque
- 14 — Teodorico Bezerra
- 15 — Antônio Pereira Dias
- 16 — Dr. Túlio Fernandes de Oliveira
- 17 — Dr. Creso Bezerra de Melo
- 18 — Dr. José Humberto de Azevedo Barbalho
- 19 — Dr. Djalma Aranha Marinho
- 20 — Dr. Jerônimo Dix-huit Rosado Maia
- 21 — Dr. Antônio Pereira de Macedo

- 22 — Agostinho Santiago de Medeiros Brito
- 23 — Dr. Abelardo Calafange
- 24 — Dr. José Gonçalves Pires de Medeiros
- 25 — Monsenhor João da Matha Paiva
- 26 — Dr. José Fernandes de Melo
- 27 — Aristófaes Fernandes e Silva
- 28 — Dr. José Xavier da Cunha
- 29 — Dr. Mário Negócio de Almeida e Silva
- 30 — Dr. Rodolfo Pereira de Araújo
- 31 — Dr. Moacir Tôrres Duarte
- 32 — Dr. Ezequiel Epaminondas da Fonseca Filho.

#### Suplentes mais votados:

- 1 — Dr. Paulo Pinheiro Galvão
- 2 — Dr. Claudionor Telógio de Andrade
- 3 — Sérvulo Pereira de Araújo
- 4 — Dr. Antônio Soares Filho
- 5 — Dr. Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho
- 6 — Dr. Odorico Ferreira de Souza
- 7 — Dr. José Maciel Luz
- 8 — Gastão Correia da Costa
- 9 — Valdemar de Sousa Veras
- 10 — Dr. Milton Ribeiro Dantas
- 11 — Jorge Calafange
- 12 — Áureo Tavares de Araújo.

### 2.ª LEGISLATURA (1951-1954)

- 1 — Aluizio Gonçalves Bezerra
- 2 — Lauro Arruda Câmara
- 3 — Francisco Dantas Guedes
- 4 — Dr. Túlio Augusto Fernandes de Oliveira
- 5 — Dr. Raul de Franca Alencar
- 6 — Dr. Abílio Medeiros
- 7 — Dr. Israel Ferreira Nunes
- 8 — Dr. Creso Bezerra de Melo
- 9 — Dr. Francisco Bilac de Faria
- 10 — Manoel Veras Saldanha
- 11 — José Patrício de Figueiredo Neto
- 12 — Dr. José Fernandes de Melo
- 13 — Genésio Cabral de Macedo
- 14 — Dr. José Xavier da Cunha

- 15 — Nilton Pinto
- 16 — Dr. Carlos Borges de Medeiros
- 17 — Dr. Mariano Coelho
- 18 — Dr. José Torquato de Figueiredo
- 19 — Alfredo Mesquita Filho
- 20 — Dr. José Cortês Pereira de Araújo
- 21 — Odorico Ferreira de Sousa
- 22 — Jader Torquato do Rêgo
- 23 — Stoessel de Brito
- 24 — João Fernandes de Melo
- 25 — Dr. Sebastião Maltez Fernandes
- 26 — Roberto Pereira Varela
- 27 — Dr. Ezequiel Epaminondas da Fonseca Filho
- 28 — Francisco Solon Sobrinho
- 29 — João Neto Guimarães
- 30 — Dr. José Nicodemos da Silveira Martins
- 31 — Dr. Antônio Rodrigues de Carvalho
- 32 — Dr. Francisco Teódulo Avelino
- 33 — Dr. Milton Ribeiro Dantas
- 34 — João Batista Montenegro

**Suplentes mais votados:**

- 1 — Dr. Mário Negócio de Almeida e Silva
- 2 — Joaquim Alves Câmara
- 3 — Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim
- 4 — Joaquim Alves da Silva
- 5 — Dr. Antônio Pereira de Macedo
- 6 — Antônio Martins Veras
- 7 — Valdemar de Sousa Veras
- 8 — Dr. Hélio Dantas
- 9 — Dr. Jessé Fernandes Café
- 10 — Fernando Abott Galvão
- 11 — Getúlio de Oliveira Sales
- 12 — Ramiro Pereira da Silva

**3.ª LEGISLATURA (1955-1958)**

- 1 — Aluizio Gonçalves Bezerra
- 2 — Aristófanes Fernandes e Silva
- 3 — Clovis Coutinho da Mota
- 4 — José Cortês Pereira de Araújo
- 5 — Djalma Maranhão
- 6 — Francisco de Assis Bittencourt



- 7 — Genésio Cabral de Macedo
- 8 — Gilberto da Fonseca Tinôco
- 9 — Hélio Dantas
- 10 — Israel Ferreira Nunes
- 11 — Jessé Pinto Freire
- 12 — João Frederico Abott Galvão
- 13 — Joaquim Alves da Câmara
- 14 — Jocelin Vilar de Melo
- 15 — José Lúcio Ribeiro
- 16 — Lindalva Torquato Fernandes
- 17 — José Venício Dantas
- 18 — Manoel Avelino Sobrinho
- 19 — Manoel de Medeiros Brito
- 20 — Manoel Tôrres de Araújo
- 21 — Alfredo Mesquita Filho
- 22 — Miguel Rocha Sobrinho
- 23 — Múcio Ribeiro Dantas
- 24 — Newton Pinto
- 25 — Nei Aranha Marinho
- 26 — Pedro Leite Ramalho
- 27 — Antônio Pereira de Macedo
- 28 — Ramiro Pereira da Silva
- 29 — Stoessel de Brito
- 30 — Túlio Augusto Fernandes de Oliveira
- 31 — Ubaldo Bezerra de Melo
- 32 — Valdemar de Sousa Veras
- 33 — Manoel Veras Saldanha
- 34 — Manoel Wilson Pereira

**Suplentes mais votados:**

- 1 — José Patrício de Figueiredo Neto
- 2 — Vicente da Mota Neto
- 3 — Raul de Franca Alencar
- 4 — Lauro Arruda Câmara
- 5 — Hesiquio Fernandes de Sá
- 6 — Milton Ribeiro Dantas
- 7 — Moacir Tôrres Duarte
- 8 — Samuel Bolshow Gomes
- 9 — Antônio Rodrigues de Carvalho
- 10 — Osni Valmir de Freitas Targino
- 11 — João Batista Borges Montenegro
- 12 — Dr. Aderson Dutra de Almeida

#### 4.º LEGISLATURA (1959-1962)

- 1 — Dr. Vicente da Mota Neto
- 2 — José Venício Dantas
- 3 — Manoel Tôrres de Araújo
- 4 — Dr. Jocelin Vilar de Melo
- 5 — Dr. Manoel Avelino Sobrinho
- 6 — Osnir Valmir de Freitas Targino
- 7 — João Aureliano de Lima
- 8 — Newton Pinto
- 9 — Olavo Lacerda Montenegro
- 10 — Dr. Israel Ferreira Nunes
- 11 — Dr. Aluizio Gonçalves Bezerra
- 12 — Jácio Luiz Bezerra Fiuza
- 13 — Dr. Ângelo José Varela
- 14 — Radir Pereira de Araújo
- 15 — Floriano Bezerra de Araújo
- 16 — Ramiro Pereira da Silva
- 17 — José Vasconcelos da Rocha
- 18 — Dr. Luiz Inácio Maranhão Filho
- 19 — Dr. Jerônimo Vingt Rosado Maia
- 20 — Dr. Moacir Tôrres Duarte
- 21 — Onésimo Fernandes Maia
- 22 — Edgar Borges Montenegro
- 23 — Manoel de Medeiros Brito
- 24 — Dr. Roberto Pereira Varela
- 25 — Dr. José Bezerra de Araújo
- 26 — Luiz Gonzaga Barros
- 27 — Valdemar de Sousa Veras
- 28 — Márcio Djalma Cavalcanti Marinho
- 29 — Antônio Moraes Neto
- 30 — Gastão Mariz de Faria
- 31 — Dr. José Fernandes de Melo
- 32 — Dr. Carlos Borges de Medeiros
- 33 — Dr. José Cortês Pereira de Araújo
- 34 — Joaquim Inácio de Carvalho Neto

#### 5.º LEGISLATURA (1963-1966)

- 1 — Dr. Ângelo José Varela
- 2 — Garibaldi Alves
- 3 — Francisco Seráfico Dantas
- 4 — Manoel Tôrres de Araújo
- 5 — Paulo Gonçalves de Medeiros

- 6 — Dr. Ulisses Bezerra Potiguar
- 7 — José Patrício de Figueiredo Neto
- 8 — Erivan Santiago França
- 9 — Olavo Lacerda Montenegro
- 10 — Ezequiel Ferreira de Souza
- 11 — Dr. Roberto Pereira Varela
- 12 — Asclepiades Fernandes e Silva
- 13 — Dr. José da Silveira Pinto
- 14 — Dr. Jocelin Vilar de Melo
- 15 — Manoel Veras Saldanha
- 16 — Alzair Pereira de Araújo
- 17 — Jácio Luiz Bezerra Fiuza
- 18 — Boanerges de Azevedo Barbalho
- 19 — Dr. Aderson Dutra de Almeida
- 20 — Dr. Antônio Rodrigues de Carvalho
- 21 — Paulo Diógenes Pessoa
- 22 — Dr. Milton Aranha Marinho
- 23 — Edgar Borges Montenegro
- 24 — Onésimo Fernandes Maia
- 25 — Dr. Manoel Avelino Sobrinho
- 26 — Luiz Gonzaga de Barros
- 27 — Agenor Nunes de Maria
- 28 — Valdemar de Sousa Veras
- 29 — Dr. Dari de Assis Dantas
- 30 — Floriano Bezerra de Araújo
- 31 — Antônio Pereira de Lima
- 32 — Dr. Francisco de Sousa Revorêdo
- 33 — Joaquim Leopoldo da Câmara
- 34 — Radir Pereira de Araújo
- 35 — Dr. José Fernandes de Melo
- 36 — Álvaro Coutinho da Mota
- 37 — Dr. Francisco Assunção de Macedo
- 38 — Dr. Pedro de Lucena Dias
- 39 — Dr. José Vasconcelos da Rocha
- 40 — Gerôncio Santos Queiroz.

#### Suplentes mais votados

- 1 — Dr. César Augusto Regalado de Alencar
- 2 — Joaquim Leopoldo da Câmara
- 3 — Dr. Moacir Tôrres Duarte
- 4 — Dr. Francisco Xavier de Lucena
- 5 — Dr. Israel Ferreira Nunes
- 6 — João Aureliano de Lima

- 7 — Osni Valmir de Freitas Targino
  - 8 — Paulo Níveo Barbalho
  - 9 — Dr. Francisco Diniz Câmara
  - 10 — Ramiro Pereira da Silva
  - 11 — Antônio Nilson Patriota
  - 12 — Dr. Lauro da Escóssia Filho
- 

## Registros

### NOTAS AVULSAS

“O historiador Enélio Lima Petrovich, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, recebeu do Governo de São Paulo a medalha “Vital Brasil”, por serviços prestados à cultura brasileira. Quem conhece o trabalho que Enélio vem realizando no Instituto — trabalho não só de administrador, mas de pesquisador — só se admira que mais cedo não tenha sido êle agraciado com essa medalha ou com outras que os seus serviços ponham em justo relêvo. Pois Enélio Lima Petrovich é dos que se dedicam inteiramente à cultura histórica, fazendo disso boa parte de sua vida.

Temos de reconhecer nêle essa vocação de historiador, quase de asceta. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte **deve-lhe hoje o que amanhã será dito de modo mais enfático, quando o tempo permitir que o julgamento dos homens seja feito de maneira mais pessoal.** Tudo ali denota o amor com que êle guarda tôda uma riqueza e a torna, por sinal, acessível a todos. Enélio é dos que acham que o Instituto tem uma vida, digamos mesmo uma utilidade: a de estar em comunicação com todos quantos queiram aprender com o passado e valorizá-lo; tê-lo como que às mãos; vivê-lo. Por isso deu ao Instituto uma organização modelar. E vem promovendo movimentos culturais que aprofundam mais ainda êsse conhecimento, êsse amor pelas cousas que, parecendo mortas, têm uma vida tão íntima que não nos podemos dispensar dela, senão renunciando a nós mesmos ou atraindo a nossa vocação, o nosso destino.

Se isso não é um serviço à cultura — **e bem que o reconheceu o governo de São Paulo** — as palavras per-

deram o sentido e o valor. A medalha "Vital Brasil" não o deixará aquietado na alta distinção; do seu temperamento é prosseguir na tarefa que se impôs não apenas como presidente do Instituto, mas como especialista em estudos históricos. De nada adiantaria pôr à frente do Instituto um homem sem êsse gôsto, só para dizer "está aberta a sessão; está encerrada a sessão". O que êle faz é trabalhar. E nisso é um zeloso guardião do passado. Guardião que abre a porta a todos e atrai a nova geração para aquêle mundo, que não pode ser um mundo fechado.

N. P."

(IN "JORNAL DO COMÉRCIO", Recife - 4-2-66)

Transcrevi acima o que escreveu com justiça e oportunidade em sua coluna diária NOTAS AVULSAS, do "Jornal do Commercio", o nosso ilustre conterrâneo Professor Nilo Pereira, Diretor da Faculdade de Filosofia de Recife. Tomei a liberdade de sublinhar alguns trechos porque mais de perto acompanho o trabalho de Enélio Petrovich, não sômente na reorganização do nosso Instituto Histórico como na administração pública do Estado. É um môço que em verdade trabalha e que se dispõe a exercer satisfatôriamente a função de que se reveste, seja em caráter oficial, seja de modo particular.

\*

O que tem realizado Enélio Petrovich na Presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, apesar de ainda muito môço, é de ser visto, apreciado e premiado como exemplo dignificante. A medalha "Vital Brasil", instituída pelo Govêrno do Estado de São Paulo, em homenagem aos que sabem trabalhar pela cultura brasileira, foi-lhe conferida com muito acêrto e entregue em sessão solene do Instituto, por intermédio do escritor Luís da Câmara Cascudo, o mais graduado dos nossos conterrâneos nessa espécie de reconhecimento ao mérito.

D A N I L O \*

(DIÁRIO DE NATAL, 14.2.-966)

---

\* Danilo é pseudônimo do jornalista e sócio efetivo do Instituto Histórico Aderbal de França.

# DUALIDADE DO “HINO DO RIO GRANDE DO NORTE”

GUMERCINDO SARAIVA  
(Sócio Efetivo)

Como todos devem saber, o canto em honra da Divindade e fenômenos da vida sobrenatural sempre foi a primeira formação poética de tôdas as civilizações. Por isso, o Hino Nacional é como o canto sagrado de uma nação, formando uma raça que se ergue para a manutenção de um povo com seu govêrno, suas leis próprias, sua religião, seus costumes e tradições, enfim, sua Constituição bem organizada, para enfrentar suas congêneres em idênticas igualdades e condições.

O Hino de um Estado, deve ter as mesmas características, em menores proporções, naquilo que a comunidade possui, principalmente relacionado com a sociedade definida em seus objetivos primordiais, como sejam situação, govêrno, condição e magnificência, dentro do ciclo de sua vivência.

Entendemos por estas razões, que de forma alguma poderia o Exmo. Sr. Governador do Estado que antecedeu o atual, Dr. Aluizio Alves, enviar ao Legislativo em 1965, um projeto de Lei, criando um nôvo hino, cujas normas, cheias de falhas e sem os principais requisitos para orientação dos senhores legisladores, homens honestos bem sabemos, mas completamente alheios ao assunto.

Na época em que o Exmo. Sr. Governador Dinarte Mariz enviou à Assembléia Estadual êsse projeto de

lei, votada e aprovada a **toque de caixa**, fomos à imprensa e aos rádios de nossa capital, protestando contra tamanha gravidade para o futuro da história social e política do Rio Grande do Norte. Numa de nossas crônicas no "Jornal do Comércio", de 8-12-1957, dizíamos:

— "Sòmente o Legislativo poderia oficializar o "Hino do Rio Grande do Norte", depois de ouvir pacientemente os entendidos no assunto, para que não acontecesse a disparidade que ora assistimos, fruto da imprevidência e precipitação de alguns deputados incautos. Natal, é hoje uma cidade em situação privilegiada no seu movimento artístico-musical. Faculdades, Academias de Letras, Instituto Histórico e Geográfico, Sociedade de Cultura Musical, Instituto de Música, Grupos Teatrais, associações culturais de tôda espécie demonstram que nossa terra não está entregue à mediocridade das Letras e das Artes, como se pretende fazer sentir com fatos dessa ordem. O Governador do Estado, bem poderia ter consultado os homens de cultura, os entendidos no assunto, para não ver seu nome e de sua administração envolvidos num equívoco de graves consequências futuras, tanto mais grave, quando o Rio Grande do Norte se projeta num programa de desenvolvimento intelectual, digno de seus filhos ilustres, espalhados em todos os recantos do Brasil, mostrando a grandeza da terra através de obras valiosas que enriquecem as bibliotecas com assuntos especializados como sejam evidenciando a história, a poesia, os costumes e tradições do povo potiguar".

Escutamos a música do nôvo Hino e francamente não gostamos de sua estrutura técnica, visto algumas modulações terem vistosamente ultrapassado os tons vizinhos, prejudicando grandemente a conclusão da tonalidade inicial. Não houve também, respeito a adaptação dos textos, e a melodia ultrapassou a extensão prevista no alcance de seus intérpretes, pois no original jamais alcançaríamos a simplicidade, e o modo de expressar à alma da grandeza do povo norte-rio-grandense, como geralmente vemos nas canções dessa natureza.

Quanto à letra, deixamos de fazer apreciações, uma vez que os poetas e escritores de nossa terra, em número já bem acentuado, estão melhor autorizados para fazê-lo. A êstes, cabe examinar suas estrofes, verso por verso, não obstante seu autor, ser um poeta de fama, escritor

tão conhecido nosso e de joelhos nos reverenciamos à sua vastíssima cultura.

O soldado defende sua pátria e os poetas e compositores respectivamente defenderão a poesia, a música, irmanados pela comunhão da Arte, atingida frontalmente por uma legislação, aprovando aquilo que deu origem à série de crônicas, intituladas — Uma disparidade musical.

\* \* \*

Desde criança de tenra idade, conhecemos o “Hino do Rio Grande do Norte”, de autoria do saudoso homem de letras, Dr. Nestor dos Santos Lima, uma das figuras mais cultas no cenário intelectual brasileiro, com música do compositor Nicolino Milano, que não nasceu nesta terra, entretanto sempre dizia que seu coração pertencia ao Rio Grande do Norte. Cantado e tocado em festividades cívicas, jamais esqueceremos as suas estrofes tão bem coordenadas, enaltecendo a grandeza do Estado, seu solo, sua gente, seus heróis, seus fenômenos climatéricos, sua felicidade enfim, expressos numa riqueza de rimas, assim:

Rio Grande do Norte, adorado  
Ó planura do azul Cabugi!  
És da Pátria no Céu perolado  
Astro nobre de vival! Glória a ti!

Em valor, é teu povo um portento,  
E ao crisol das desgraças afeito,  
Quer se afirme em bravura, em talento,  
Ou nos prélios do bem e do Direito!

Salve! Berço de altivos patriotas!  
Salve! Tumba de heróis ancestrais!  
Do futuro nas eras remotas (Repete ad lib)  
Cada vez mais triunfos terás!

Se te fere da sêca a tortura  
E o teu solo parece abrasado,  
Vindo o inverno, é espantosa a fatura  
Que apresenta feliz todo o Estado.



No sertão vive o gado abundante,  
Carnaúba e algodão sem rival.  
Há, nas praias, coqueiro ondulante  
E as formosas jazidas do sal.

Nesta canção que podemos dizer patriota, aprendemos a amar o nosso querido Estado e sentir mais de perto sua grandeza histórica. Nela, criamos, como era natural um espírito de renovação e até fixamos em nós uma personalidade de verdadeiro norte-rio-grandense, pelas palavras eloquentes do poeta que tanto dignificou a sensibilidade de um artista. Não é possível portanto, demolir êsse edifício de imaginação vindo dos tempos de infância. Outros também como nós, terão a mesma concepção, porque é muito difícil se apagar uma gravação no disco virgem, que a criança possui em seu cérebro e de onde parte uma mentalidade dimensional jamais medida, mesmo pela eletrônica modernizada.

Não sabemos como os distintos confrades desta augusta casa, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — receberam a notícia da oficialização de um outro Hino. Entretanto, temos certeza de que não estávamos sòzinhos no momento de nossa recusa à nova musicalidade institu'ida pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, porque todos sabem, que o brasileiro identificado com a grandeza da Pátria, já começa a amá-la, ao ouvir sua história, cuja emancipação encontra-se nas côres da nossa bandeira e também exposta simbólicamente nas estrofes e canto do Hino Nacional Brasileiro, que traduz fielmente os anseios permanentes da nossa nacionalidade.

Ressaltamos neste momento, que esta palestra que ora realizamos neste recinto de arte e cultura, é fruto exclusivamente de uma observação feita por nós, quando recebíamos em nossa mesa de trabalhos, uma comissão de professôres que nos solicitava interferência na dualidade de Hinos que se estão interpretando no interior do Estado, cujos dirigentes dos Grupos Escolares, não se acham suficientemente esclarecidos acêrca do assunto. Tanto assim, que na própria capital, após um Simpósio Educacional, patrocinado pela Secretaria de Educação, havia duas correntes de opinião. Uma, desejava que se cantasse o Hino de autoria do saudoso poeta e escritor norte-rio-grandense Dr. José Augusto Meira e do compo-

sitor José Domingos Brandão, o oficializado. Outra, mais tradicional, seguindo nossa orientação, como presidente da "Ordem dos Músicos do Brasil", seção do Rio G. do Norte, opinava pelo Hino do renomado escritor e historiógrafo Dr. Nestor dos Santos Lima e maestro Nicolino Milano.

Já vencidos, com a oficialização por Lei, da nossa Assembléia Legislativa, não demos opinião que causasse perplexidade. Apenas sugerimos que procurassem o Sr. Secretário de Educação, pessoa autorizada no momento para dar uma definição sôbre a contenda, mesmo porque nossa missão estava finda com as crônicas publicadas através da imprensa e rádio locais.

A comissão de professôres não se conformou com nossa idéia, pois afirmou que o Secretário de Educação não se encontrava em Natal. Então lembramos o nome do Exmo. Sr. Governador, Dr. Aluízio Alves, a fim de guiá-la para o bom senso. No momento tivemos informações de que êste havia já autorizado a interpretar o Hino primitivo, o que havia discordância da corrente oposta, pois aquela atitude se prendia a uma ridícula pretensão, visto que nos versos:

Rio Grande do Norte adorado  
Ó planura do azul Cabugi!

encontrava-se o símbolo da terra do Governador que era o Cabugi, tão decantado nos discursos políticos de sua campanha.

\* \* \*

Desta forma, ainda é tempo de se reparar o equívoco de uma Lei, mormente quando soubemos que o Exmo. Sr. Governador Dinarte Mariz, desejava oficializar o Hino de autoria de seu velho amigo e admirador Dr. Nestor dos Santos Lima. Apenas, contrariando seu modo de pensar, e atendendo pretensões de um deputado de seu partido, foi forçado a aceitar a resolução do correligionário. Dizem até que recebeu com surpresa a deliberação do Legislativo, tanto assim, que sua administração jamais tomou providências no sentido de divulgar os textos e a música da canção, que até hoje são desconhecidas em muitos municípios do nosso Estado.

Francamente não podemos precisar a intenção do legislador que apresentou na "Casa de Amaro Cavalcanti", aquêlê projeto, e segundo informações, apenas dois deputados sabiam do assunto, estando como era natural, prontos a seguir as insinuações do colega. Passamos a publicar suas estrofes:

## I

Rio Grande do Norte, esplendente,  
Indomado, guerreiro e gentil,  
Nem tua alma domina o insolente  
Nem o alarde o teu peito viril!  
Na vanguarda, na fúria da guerra,  
Já domaste o astuto holandês!  
E nos pampas distantes, quem erra  
Ninguém ousa afrontar-te outra vez!  
De tua alma, nasceu Miguelinho  
Nós, como êle, nascemos também,  
Do civismo no rude caminho  
Sua glória nos leva e sustém!

## Estrilho

A tua alma transborda de glória!  
No teu peito transborda o valor!  
Nos arcanos revoltos da história  
Potiguares é o povo senhor!

## II

Foi de ti que o caminho encantado  
Da Amazônia Caldeira encontrou,  
Foi contigo o mistério escalado,  
Foi por ti que o Brasil acordou  
Da conquista formaste a vanguarda  
Tua glória flutua em Belém!  
Teu esforço o mistério inda guarda  
Mas não pode negá-lo ninguém!  
É por ti que teus filhos decantam,  
Nem te esquecem, distantes, jamais!  
Nem os bravos seus feitos suplantam  
Nem teus filhos suspeitam rivais!

Terra do sol deslumbrante,  
 És o peito da Pátria e de um mundo!  
 A teus pés derramar, trepidante  
 Vem Atlante o seu canto profundo!  
 Linda a aurora, que incende o teu seio,  
 Se reclama florida e sem par,  
 Lembra uma harpa, é um salmo, um gorjeio,  
 Uma orquestra de luz sôbre o mar!  
 Tuas noites profundas tão belas,  
 Enchem a alma de funda emoção,  
 Quanto sonho na luz das estrêlas,  
 Quanto adejo no teu coração!

Como vêem, o Dr. José Augusto Meira Dantas estudou o Rio Grande do Norte, em seus versos, de forma diversa do Dr. Nestor dos Santos Lima. O primeiro mais poeta, mais sentimental, mais historiador, isto é, nas estrofes do Hino, e até mais clássico com relação à conjuntura do poema. O segundo, mais sóbrio, mais norte-rio-grandense, mais incentivador dos problemas sócio-econômicos do Estado, mais conhecedor de nossas situações climáticas, enfim mais moderno na confecção da canção.

Quanto à melodia do primeiro Hino, o violinista e compositor Nicolino Milano, usou de estratégia técnica à altura de uma aprendizagem mais fácil, com sua linha melódica mais direcional ao romantismo italiano, e por isso o Dr. Antônio Soares Filho, nosso ilustre confrade, sócio desta notável instituição cultural e histórica, certa vez nos dizia que esse canto parecia mais com uma simples canção escolar.

Sôbre a música do compositor José Domingos Brandão, não podemos apreciar melhor, visto que a ouvimos somente uma vez e ficamos sem compreender a fusão de modulações na linha melódica, prejudicando, a nosso ver, a aprendizagem rápida e constante, pois é sempre cantado por pessoas que não conhecem música e principalmente escolares de tenra idade. Por isso, queremos afirmar, que não obstante tratar-se de um músico de muito gabarito em seu tempo, quando conviveu em Natal, constituindo família, deleitando com seu piano uma geração que ainda recorda aquêles dias festivos da pro-

víncia, jamais entretanto conseguirá popularidade em seu trabalho, pendido ao eruditismo e prejudicando assim a condição que devia ter essa espécie de musicalidade cantada através dos anos que nos seguirem. O Sr. José Domingos Brandão é um nome respeitável bem sabemos, e jamais teríamos a ousadia de criticá-lo, porque muito bem disse o Deputado Abott Galvão, relator do projeto, quando em plenário alguém lembrou nosso nome, como homem de cultura musical;

— “Gumercindo Saraiva só conhece mesmo de modinhas e vender discos em sua casa comercial”.

Absolutamente, não temos o hábito de julgar as produções artísticas de quem quer que seja, pois como sabem, nossa especialidade na vida literária da capital, tem sido a divulgação da modinha nacional e a valorização dos costumes e tradições de nosso povo, a exemplo do que fazem outros ilustres conterrâneos nesse setor de cultura popular. A canção de louvor de um povo, no caso — o “Hino do Rio Grande do Norte”, teria de obedecer normas como já dissemos em princípio dêste trabalho. E se não houve preceitos, regras e condições expostas na composição do Sr. José Domingos Brandão, o caso não é para jogar-lhe pedras, pois a boa vontade, o carinho e o devotamento em sua inspiração artística musical, estão bem longe de receber de nossa parte censuras como muitos pensam.

\* \* \*

Finalizando nossa missão perante os confrades do “Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”, atendendo de coração ao pedido que nos fêz o seu insigne presidente, Dr. Enélio Lima Petrovich, sugerimos, depois de ouvir os presentes, levar êste assunto à presença do Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Aluizio Alves, para que, junto à Secretaria de Educação e Cultura, órgão máximo de sua administração, determine a fixação apenas de um Hino. E por meio de circulares, até fornecendo o texto musical, dirigidos aos Grupos Escolares, escolas públicas e particulares, prefeituras municipais, instituições culturais, clubes recreativos, numa divulgação tôda especial, faça de pronto cessar a disparidade que relatamos com relação aos dois hinos existentes em nosso Estado.

Não sendo possível o que acima sugerimos, resta-nos apenas agradecer a presença dos ilustres membros desta instituição, convidados em número bem elevado aqui neste recinto, assistindo a uma palestra que julgamos tratar-se unicamente de interesses à tradição que o nosso Instituto Histórico e Geográfico vem adotando há quase setenta anos, em prol da defesa do patrimônio historiográfico do Rio Grande do Norte.

# GRUPOS LITERÁRIOS DA PROVÍNCIA

M. RODRIGUES DE MELO  
(Sócio Efetivo)

## N A T A L

### I

A literatura só começa a surgir, no Rio Grande do Norte, depois das grandes lutas da Independência. Subordinada a Pernambuco, ora de fato, ora de direito, a Capitania do Rio Grande do Norte vive, de 1597 a 1817, dependendo da soberana vontade dos Capitães-Generais do Leão do Norte, quando não era do Governo Geral da Bahia ou da burocracia do Reino. Capitães-Mores, soldados, colonos vinham, na sua maioria, de Pernambuco. Ficamos sendo, assim, durante mais de dois séculos, um simples apêndice da maior Capitania do Nordeste e dos seus governantes. Coube, no entanto, a um pernambucano, José Inácio Borges, a missão duplamente paternal de minorar os efeitos da contra-revolução de 1817 sôbre os implicados do Rio Grande do Norte e libertar a Capitania, sob sua jurisdição, da tutela pernambucana. As condições políticas contribuíram, sem dúvida, para isso.

A revolução de 1817, explodindo no Recife, espalhou-se por todo o Nordeste, recebendo a adesão da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Aqui, como nas demais Capitânicas vizinhas, venceu a rebelião, logo depois desbaratada pelas fôrças do Governo Geral. Apesar

do fracasso das armas rebeladas, ficou o exemplo moral. O Governo Geral sentiu que não era mais senhor de tôdas as vontades. E que um nôvo clima se estava criando no fundo das consciências.

Efetivamente, em 1822, premido pelas circunstâncias universais e locais, o Governo Português cedia lugar aos brasileiros, declarando, pela palavra do Príncipe Regente, a Independência do Brasil. Daí em diante, um nôvo espírito iria surgir. Brasileiros e portugueses, fraternizados pela vitória, iniciaram o trabalho de construção do nôvo Império. Dia a dia, o espírito nacional se afirmava consolidando a situação. As idéias gerais circulavam por todo o Império, mal ou bem assimiladas, não importa. Os meios de comunicação eram parcos e morosos. O pé humano, o carro de boi, a navegação à vela, o cavalo e o burro, eis os meios de locomoção e de transporte. O correio andava nas primeiras experiências. O telégrafo não existia. A imprensa, geralmente pobre e deficiente, preparava os espíritos para as grandes batalhas da política imperial e local. Os jornais da Côte eram lidos nas Províncias de trinta em trinta dias. Não traziam, porém, a côr local, a mescla regional que modela o gôsto, estatui o tom, determina as preferências, estimula a maneira de ser de cada povo, de cada região brasileira. Era preciso, então, criar a imprensa local. Os fatos, os problemas, os assuntos regionais exigiam também um tratamento especial, dentro dos fatos gerais da Nação. Províncias houve que madrugaram nesse trabalho, criando cedo a sua imprensa. O Rio Grande do Norte só despertou para a vida da imprensa no alvorecer da quarta década do século XIX. Em 1832 fundou o seu primeiro jornal — **O NATALENSE** — graças aos esforços de um Sacerdote da Igreja, Padre Francisco de Brito Guerra. A falta de Tipografia, na Província, levou-o a procurar impressão fora. Assim, foi impresso, sucessivamente, no Maranhão, no Ceará e em Pernambuco, segundo o depoimento de Luís Fernandes. Alfredo de Carvalho que o antecedeu na sistematização da imprensa norte-rio-grandense, informa que **O NATALENSE** foi impresso, o quarto número no Maranhão, o quinto, oitavo e décimo em Pernambuco e o sexto no Ceará. E os três primeiros números, onde foram impressos? E o sétimo e o nono, no Maranhão, no Ceará, em Pernam-



buco ou no Rio Grande do Norte? Por que essa mudança de editor, buscando Províncias tão distantes? “Em 2 de Setembro de 1832 passou êle a ser impresso na **Tipografia Natalense**, montada nesta Capital, especialmente para êsse fim”, diz o historiador Luís Fernandes. O jornal dizia-se **político, moral, literário e comercial**. Várias, por conseguinte, as zonas de suas preocupações, a despeito do que afirma Alfredo de Carvalho, quando diz em nota que “eram jornais partidários exclusivamente ocupados com a política local”, no que em parte deve ter razão. A ser verdade o que diz Alfredo de Carvalho, chega-se à conclusão de que aquêle subtítulo era mais para mascarar o fim essencialmente político do jornal e não para pregar moral e fazer literatura como se propunha. E muito menos para estimular o comércio local. Qualquer que fôsse a intenção dos redatores, misturava o jornal, ao mesmo tempo, política, moral, literatura e comércio, sem levar muito em conta a divisão do trabalho e o problema das especializações que só se acentuariam mais tarde com as diferenciações profissionais.

Naquele tempo, cada homem era considerado uma pequena enciclopédia, estudando e sabendo tudo. As horas, os dias, as noites, os meses e os anos custavam a passar. As diversões eram poucas ou quase nenhuma. Afora as festas do ciclo natalino — Natal, Ano e Reis, — com todo o seu cortejo de lapinhas, fandangos, cavalhadas, casamentos e batizados, o resto passava quase em silêncio. Só o mês de São João com as suas fogueiras e rumorejantes vaquejadas conseguia atrair as vistas e as atenções do povo, no campo ou nas cidades. Depois do Natal caia-se no Carnaval ou no Entrudo, como era chamado antigamente, e logo, passado êste, na Semana Santa, de grandes repercussões na vida de todos os cristãos. Ao lado dessas festas era infalível a do Padroeiro. E só. De raro em raro um circo, um cosmorama, um fotógrafo. O resto do tempo levava-se no trabalho duro e suarencô dos eitos, ao som do búzio, das emboladas, dos côcos, no traquejo do gado, sob a litania dos aboios, no comércio, na política. De dois em dois anos uma eleição. De modo que, o tempo, quando bem aproveitado, dava, realmente, para muita coisa, inclusive para armazenar conhecimentos quase universais. Tollenare, escrevendo sobre o Recife, notou a cultura quase enciclopédica do

Padre João Ribeiro, na segunda década do século XIX. A cultura tinha algo de totalitária e enciclopédica, para usar os termos modernos... Mas, o que nos interessa mostrar aqui é que os responsáveis pel'O NATALENSE, curiosamente, já demonstravam ter preocupações literárias, no seu jornal. Infelizmente não podemos respigá-las, no momento, dada a falta quase absoluta de dados que possam comprovar êsse depoimento. As coleções de velhos jornais da Província, manuseadas por Luís Fernandes, não sabemos onde se encontram. Para confecção dêste capítulo nos servimos do trabalho — **Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte**, — publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, devido à pena do erudito autor norte-rio-grandense. Não se trata, porém, de um estudo da imprensa norte-rio-grandense, e sim da literatura. Mas, tôda vez que precisarmos recorrer ao estudo de Luís Fernandes para documentar o nosso ensaio, o faremos com o maior critério e satisfação.

\* \* \*

## I I

O NATALENSE viveu de 1832 a 1837. Dêle faziam parte Padre Francisco de Brito Guerra, Basílio Quaresma Torreão e outros. Em seguida vem A TESOURA, cujo nome define bem o que era. Pertencia, segundo Luís Fernandes, a uma das facções políticas da terra. Tudo indica que fôsse também **crítico e literário**, dada a significação do seu próprio nome. Impresso na **Tipografia Natalense**, é êste jornal de 1833. De modo geral, pode dizer-se que todos os jornais políticos faziam também literatura. Esta entrava, nas fôlhas políticas, como derivativo, indumento, passatempo, distração do espírito, recreio, jamais como coisa séria. Coisa séria seria a política com tôdas as suas preocupações e interesses. Seria o comércio, a indústria, a lavoura, a criação de gado. Um jornal de 1888, **Gazeta do Natal**, dizia no seu artigo-programa: — “Na vasta esfera das ciências do Estado é fora de dúvida que a política, de certo tempo a esta parte, passou a ocupar lugar preponderante em tôdas as manifestações da vida social, sobretudo depois que se tem procurado constituí-la disciplina independente, deli-

mitando o seu objeto e os seus fins, assinalando as suas funções como ciência e como arte do governo do Estado". E acentuava: "Nem podia deixar de ser assim, a despeito da rapsódia brilhante de alguns literatos distintos contra a influência da política nos tempos atuais, porque, como conceitua Oliveira Martins, a política é, ou antes pode e deve ser uma coisa nobre, digna e susceptível de tanta grandeza como as maiores manifestações do gênio do homem".

\* \* \*

### III

O literato e o poeta jamais gozaram de boa fama nos meios chamados práticos... Não constituia boa recomendação, especialmente entre os homens de negócio, tratar-se uma pessoa por "poeta" ou "literato". As exigências da profissão de comerciante ou industrial não admitiam homens que não fossem práticos. Daí a desconfiança de patrões cem por cento comerciantes ou industriais com relação às pessoas de tendências mais ou menos artísticas e literárias. Não podiam conceber e harmonizar duas coisas aparentemente tão díspares: vida prática e vida contemplativa, ou melhor, ação e contemplação. É conhecido o caso de Casimiro de Abreu. Dominado por uma vocação poética assoberbante, debalde impunha-lhe o Pai vocação para o comércio. Não havia propriamente oposição entre as duas atitudes. O que havia era um desequilíbrio de funções. O romantismo, antes de ser uma escola literária, era um estado de espírito, impregnado de um profundo sentimento da morte em que o desprezo pela vida era um fato. Dessa conceituação da escola romântica nascia, sem dúvida, o desequilíbrio entre os dois pólos da vida: **sonho e realidade, ação e contemplação**. Os poetas ou literatos impregnados desse sentimento tendiam invariavelmente para o lado contemplativo, desprezando todo o poder e eficácia da ação. Raro o que não se enchia do sentimento da morte, esquecendo tôda a beleza da vida. Não faltaria razão, pois, aos comerciantes e industriais quando punham de môlho todo candidato a emprêgo que trazia na mente a idéia da contemplação e da morte...

Afirmamos acima que os jornais políticos faziam, via de regra, literatura. Estão neste caso, **O Publicador Natalense**, 1840, **O Nortista**, 1849-1851, **O Brado Natalense**, 1849, **O Sulista**, 1849-1850, **O Constitucional Nortista**, 1851, **O Clarim Natalense**, 1851, **O Argos Natalense**, 1851-1852, **O Jaguarari**, 1852, todos citados por Luís Fernandes, no seu trabalho sobre a imprensa no Rio Grande do Norte. Literariamente, vivíamos numa nebulosa. Os fatos sociais e políticos monopolizavam as colunas dos periódicos locais. De raro em raro surgia uma colaboração literária, sem fins políticos imediatos. Na segunda metade do século, 1852, surgem vários jornais cujos nomes caracterizam muito bem a época do seu aparecimento. São êles: **O Camponês**, **A Careta**, **O Curujão**, **O Jacaré**, **O Fagote**, **O Jurupari**, **A Matraca**, **O Morcêgo**, **O Mosquito**, **A Rosa**, todos bastante impregnados da côr local, da fauna regional, dos costumes do tempo, do espírito da época, zombeteiro, trocista, caçador. De 1856 em diante, o ambiente parece mudar para melhor. Surge, então, **A Liberdade**, 1856-1857, mostrando, pelo próprio título e talvez pelas idéias que o pensamento dos políticos se encaminhava na direção de princípios mais altos e nobres. Vem, em seguida, **O Rio-grandense do Norte**, 1858-1862, revelando preocupações provinciais ou regionais. É a fase em que, diz Luís Fernandes, “esquecidos os nomes de **nortista** ou **saguarema**, **sulista** ou **luzia**, e outros com que se batizavam os grupos políticos militantes, estavam perfeitamente definidos na Província os partidos liberais e conservador, que até o fim da monarquia dirigiram, se revezando no poder, a política geral do país”. A presença de um Luís Carlos Lins Wanderley na redação d’**A Liberdade**, 1856-1857, e, posteriormente, d’**O Rio-grandense do Norte**, 1858-1862, médico recém-formado, poeta, dramaturgo, romancista, faz supor que, já nesse tempo, a literatura começava a ter maior participação nas colunas dos jornais políticos embora êsse Wanderley, ao lado das suas atividades artísticas e literárias, encontrasse tempo e vocação para pagar o seu tributo à política partidária. Em 1859-1862 vive **O Dois de Dezembro**, órgão do Partido Conservador, sob a direção de Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti,

bacharel em direito. Em 1860 aparecem mais dois jornais, **O Artilheiro** e **O Natalense**. Este dizia-se **periódico crítico e recreativo**, o que faz supor tratar-se de um jornal chistoso e semiliterário. Efetivamente, no seu artigo de fundo fala em **público ilustrado que sabe perdoar as faltas do escritor**. . . Um dos seus colaboradores é Francisco Álvares da Silva. Este Francisco Álvares Silva é o mesmo Francisco Otílio Álvares da Silva. Funcionário público provincial e professor, mantinha aula de instrução primária, em sua residência, à Rua Santo Antônio, cobrando de cada aluno 2\$000 por mês. (Vide anúncio publicado n' **O Liberal**, de Natal, de 19 de Fevereiro de 1873).

Jornalista, poeta, fundou **O Professor**, 1861, colaborou n' **O Recreio**, 1861, em **O Natalense**, 1860. Em 1861, acompanhando o Presidente Leão Veloso pelo interior da Província, deixou da sua viagem depoimento comovente e objetivo que merece destaque especial pela vocação precursora e pela segurança das informações. Vale a pena lê-lo cento e dez anos depois das suas andanças pelo interior, sem estradas, sem automóveis, sem hotéis, sem o relativo confôrto dos nossos dias. Em 1860-1861 aparece **O Estudante**, também se dizendo **crítico e recreativo**. Jornal de estudantes, deveria ser, de preferência, dedicado à literatura. Na mesma época surge **A Lanterna**, **O Espalha Brasas** e **O Alfanje**, manuscritos, dizendo-se, o primeiro, **crítico e recreativo**. Todos, porém, têm por escopo criticar a sociedade do seu tempo. Em 1861 surge **O Recreio**, dirigido por alguns rapazes, entre os quais figura João Manuel de Carvalho que se destacaria mais tarde como sacerdote e político de grande influência na província. Este jornal se afirmava como **crítico, poético e noticioso**, demonstrando preferência pela poesia, pelas ciências, pela música, pela filosofia, pelo positivismo e outras idéias do tempo. Pelo resumo que Luís Fernandes faz das suas atividades, tudo indica que este foi o primeiro jornal verdadeiramente literário da província. Os seus colaboradores, João Manuel de Carvalho, Francisco Otílio, Pedro J. de Alcântara Deão, Jesuino Rodolfo do Rêgo Monteiro, Isabel Gondim e Lourival Açucena, são a maior recomendação do seu prestígio e do seu valor. Realmente, quem conhece os primórdios da literatura norte-rio-grandense sabe que

Lourival Açucena, especialmente, foi um dos primeiros intelectuais da província a exigir da crítica um estudo sério e permanente. Luís Fernandes transcreve das páginas d' **O Recreio** dois sonetos que merecem destaque. Ambos têm por preceito: **hei de mártir de amor, morrer te amando.**

Lourival rimou assim:

### S o n e t o

“Inda cabe rigor nesse teu peito?!  
Marília, de afligir-me inda não cansas?!  
Cruel, não sentes, ímpia, não alcanças  
De tua ingratidão o triste efeito?!”

Teu duro coração já satisfeito  
Acaso não estará dessas provanças,  
Que me dão caprichosas esquivanças,  
Com que pisas de amor doce preceito?!”

Entre surdos arquejos de agonia  
Vou a vida de angústias acabando,  
Que um teu ai, um só riso salvaria,

Mas, embora ferina vás matando  
Meu firme coração com tirania,  
“Hei de mártir de amor, morrer te amando”.

Francisco Otílio definiu-o do seguinte modo:

“Embora tua fera ingratidão,  
Alçando a negra mão da iniquidade,  
Com todo o seu furor e crueldade  
Me fira sem remorso e compaixão;

Embora sem ter eu dado razão,  
Já não mais acreditas n'amizade  
Que com tanta firmeza e lealdade  
Te consagra meu terno coração;

Embora, finalmente, abandonado,  
De ti, cruel, por quem vivo penando  
E a quem alma e vida tenho dado;

No retiro da dor triste chorando  
O meu ímpio, ferino e duro fado,  
Hei de mártir de amor, morrer te amando”.

Com o aparecimento d' **O Recreio** estavam, sem dúvida, lançadas as bases da literatura norte-rio-grandense. De fato, antes de encerrar a sua tarefa, saudava o lançamento de um outro colega, **O Beija-Flor**, 1861, sôbre o qual dizia textualmente:

“Este jornal, especialmente dedicado à literatura, nos promete apresentar artigos históricos e artísticos, filosóficos e poéticos; louvamos inteiramente os belos sentimentos de uma mocidade desejosa de instrução e somos os primeiros a saudá-la pelo gigantesco passo que deu no caminho da poesia e das letras”.

**O Beija-Flor**, porém, não correspondeu aos prenúncios de **O Recreio**, diz Luís Fernandes, “indo chafurdar-se em um lamaçal de insultos e injúrias inqualificáveis”, segundo o depoimento de Francisco Otílio, redator dêste último.

Francisco Otílio, atacado pelos redatores de **O Beija-Flor**, funda outro jornal, **O Professor**, 1861, cuja finalidade era analisar os escritos do adversário e castigar com bolos os seus autores.

## V

Em 1862-1868 surge outro jornal, **Correio Natalense**, em substituição ao **Dois de Dezembro**, anteriormente mencionado, sob a direção do Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti. No mesmo período, 1862-1866, aparece **O Progressista**, tendo como redatores os Drs. Luís Carlos Lins Wanderley e Vicente Inácio Pereira. A indicação dêste Wanderley é suficiente para assegurar a **O Progressista** as boas relações com a literatura, apesar da sua feição essencialmente política. **O Arrebol**, 1862, tendo como redator Adolfo Carlos Wanderley, e colaborador Lourival Açucena, é outra prova de vocação literária indiscutível. No mesmo ano, 1862, aparece **O Barbeiro**, dizendo-se político, crítico e noticioso. Bastará o **Canto do Barbeiro**, poema satírico, para definir a sua orientação:

“Colegas, amigos, valentes fregueses,  
De Marte a divisa, o emblema hasteai;  
Já não somos livres, quebrai as tripeças,  
As armas, à guerra contentes marchai.

Já leis não existem! palavras mentidas  
De um povo são hoje direito, isenção!  
Aos olhos da fôrça nivela-se o mérito,  
O homem honesto aos vis mandriões.

Govêrno tirano! quão néscio, quão parvo,  
Te mostras aos olhos daquele que é rei!  
Se queres ser grande, ser forte, durável,  
Escuda teus atos nas asas da lei.

Que importa que o acaso te houvesse lançado  
Nas vias da honra, da glória e poder,  
Se fraco, cobarde, se todo perfídias,  
Só ouves as pragas de um povo a gemer?

E tu bem o sabes... sòzinho, esquecido,  
Nem já dum amigo te embala a expressão!  
Dos nobres, ludíbrico, do povo, maldito,  
Só ouves um brado, que diz maldição!

Eu, que meu corpo, meu braço e a vida  
Em prol dos meus foros não tenho a perder,  
Empunho a navalha, repito êste brado,  
Que vem do imo peito: ser livre ou morrer!

Govêrno tirano; quão néscio, quão parvo  
Te mostras aos olhos daquele que é rei!  
Se queres ser grande, ser forte, durável,  
Escuda teus atos nas asas da lei.”

Êstes versos de **O Barbeiro** são, incontestavelmente, um bom índice de que a literatura norte-rio-grandense vai criando raízes.

De 1863 é **O Guarda Nacional**, sem nenhuma outra referência. Logo em seguida vem **O Atalaia**, 1864, dizendo-se político, crítico e literário. Em 1866-1869, aparece **O Rio-grandense**, político e noticioso. Em 1868-1872, vive **O Liberal do Norte**. De 1869 a 1881 publica-se **O Conservador**. **O Lírio**, pequeno jornal literário, no dizer de Luís Fernandes, é de 1870. **O Liberal do Norte**, atrás mencionado, noticiando o seu aparecimento, afirma:



“É êste o título mimoso com que está sendo publicado nesta cidade um pequeno periódico literário, redigido com esmêro por alguns moços esperançosos que, assim se ensaiando na imprensa, prestam um serviço importante à Província, implantando nella o gôsto da litteratura que, no meio dos desgostos e sacrificios que trazem as lutas politicas é como o oásis no deserto. Nós saudamos com efusão a linda flor que desabrocha tão viçosa e fragrante, e lhe desejamos longa existência, sempre bafejada pelos brandos zéfiro do dia”.

## V I

Em 1871, surge *A Parasita*, pequeno jornal literário, escrito por José Teófilo e Lourival Açucena. Em 1872, aparece *O Constitucional*, dirigido pelos irmãos Cabrais, políticos de projeção na província. Ainda em 1872, aparece *O Tempo*, não mencionado por Luís Fernandes, na *Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte*, publicada em 1908. (Ver *O Liberal*, Natal, de 4 de dezembro de 1872). De 1872-1883 é *O Liberal*, genuinamente político, abrigando, vez por outra, colaboração de escritores locais. Joaquim Fagundes e José Teófilo, por exemplo, publicam várias produções literárias nesse jornal. O primeiro aparece subscrevendo artigos de combate ao Trono e ao Altar, enquanto o segundo envia do Rio de Janeiro poemas como êste:

### ÊLE E EU

#### A Joaquim Fagundes

Ó môço pensador, êsses martírios  
Que infiltram veneno em tuas veias,  
Eu os soffro também!

Como tu, eu dilato-me em delírios,  
E tenho convulsões enquanto anseias,  
Da desgraça ao vaivem!

A desgraça é-nos mãe. Sentindo embora  
Do seu braço de ferro o pêso enorme  
Não choremos, irmão!

Morramos sem chorar pois já agora  
Não há felicidade; é tão disforme  
Essa triste visão!...

Desgraçados irmãos, como precitos  
Marchemos, cada um, para o calvário,  
Levando a sua cruz!

Não choremos; ó não! embora os gritos  
Da turba, que nos segue o itinerário  
Apaguem nossa luz!

Bem sei que não vivemos como tantos  
Que libam sem cessar dourada taça  
Do vinho do prazer;

Vivemos derramando os longos prantos  
Que a nossa boa mãe, ou a desgraça  
Nos obriga a verter!

Conhece a multidão, que nos condena,  
Que o crime não macula a consciência  
De quem males não fêz;

Ela o sabe; mas deve impor-nos pena  
Que avilte e esmague a consciência  
A sublime altivez!

Para nós que passamos tôda vida  
Pisados pelo pé d'esses malvados  
Condutores do mal,

Não há uma palavra compungida  
Que venha confortar-nos magoados  
Na agonia real.

Não há quem nos lamente se feridos  
Mas gotejando sangue o peito  
Aos tratos da polé;

Se morrendo gememos, os gemidos  
Atraem das multidões tantos despeitos  
Que matam nossa fé!

Não devemos chorar! sempre altaneiros  
Caminhemos, irmãos, na frente erguida  
    Expressando valor!

A nobreza que afronta os lisonjeiros,  
— Sacerdotes da crença corrompida —  
    Arautos do louvor!

Não devemos chorar! sempre sorrindo  
Aceitemos a dor, pobres precitos,  
    Que promete matar!

— E se a vida de nós já vai fugindo  
Para êles perdão, e nós contritos  
    Morramos sem chorar!

Ó môço pensador, sofre o martírio  
Que eu o sofro também; e na desgraça  
    Chamemo-nos irmão!

Não choremos, porém, quando em delírio  
Vier em nossa frente a populaça  
    Escrever — maldição!

Rio, 5 de Agôsto — 75

José Teófilo

Estes versos definem o estado de espírito a que chegaram os dois jovens escritores da provincia na luta que travaram ao lado das idéias liberais e maçônicas contra a Igreja e contra o Trono.

O **Liberal** publica ainda em sua edição de 7 de Agôsto de 1875, uma produção de autor desconhecido que vale a pena transcrever:

UMA JURUTI AO PEGADOR DE SABIA

Lundu

Caçador, eu vi teu laço,  
A que chamas gangolina;  
Caçador, só pegas nêlo  
Sabiá que fôr mofina.

### Estrilho

Juruti não pegas, não,  
Toma figa, caçador,  
O teu laço é refalsado,  
É fingido o teu amor.

Caçador, eu te conheço,  
Já te vi nas espessuras,  
Para ver se aprendias  
De Remígio as diabruras.

### Repete o estrilho

Juruti vive na mata  
Zombando do teu amor;  
Tu só pegas sabiá  
Que fôr de pouco valor.

### Repete o estrilho

Caçador, és um velhote,  
Só te resta a inspiração,  
Só pegas pássaro tôlo,  
Juruti não pegas não.

### Repete o estrilho

\* \* \*

Estes versos, publicados sem assinatura, n' **O Liberal**, desta capital, (Ano III, N.º 48, pág. 4, col 4) têm muito do estilo e das preocupações regionalistas de Lourival Açucena.

Não lhe cabe, porém, a autoria dêles. Trata-se antes, de uma resposta ao velho cantor de **Porangaba**, useiro e vezeiro nesse tipo de sátira, muito ao gosto daquela época. Em junho de 1875, Lourival publicara, no mesmo gênero, o poema **Sabiá**. Em agosto veio a resposta pronta e eficaz. Quem seria o seu autor? Joaquim Fagundes, Manoel Gomes da Silva, Antônio de Amorim Garcia, Moreira Brandão? Todos eram poetas, escrevendo prosa e verso. Vejamos os versos de Lourival que deram motivo à resposta de **O Liberal**:

## S A B I Á

(Lundu)

Eu fui pegar passarinho,  
Na matinha de Yayá?  
Engendrei o meu lacinho  
E peguei um sabiá.

Sabiá, eu bem sabia,  
Sabia que tu caías,  
Sabiá, fica sabendo  
Que tu caís todos os dias.

Sabiá ressabiado  
Na matinha arrepiou-se,  
Eu toquei chama de baixo  
Sabiá veio, entregou-se.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Saiba todo sabiá  
De mata, gangorra ou praia  
Que eu não armo gangolina  
Em que sabiá não caia...

Sabiá, eu bem sabia, etc.

E Yayá já sabe hoje  
Que eu sei pegar passarinho,  
E que sabiá sabido  
Não me come o melãozinho.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Junho de 1875.

Poderíamos lembrar ainda, antes de deixar **O Liberal**, outros nomes completamente esquecidos pelos nossos estudiosos. Nem Rocha Pombo, nem Tavares de Lira, nem, posteriormente, Luís da Câmara Cascudo, fizeram referência a êsses nomes, o mesmo acontecendo com Ezequiel Wanderley e com o seu continuador Rômulo Chaves Wanderley. Queremo-nos referir a Manoel Gomes da Silva e a Antônio de Amorim Garcia, ambos colaboradores de **O Liberal** e igualmente poetas. O primeiro era norte-rio-grandense e o segundo cearense, fazendo literatura no Rio Grande do Norte. De Manoel Gomes da Silva, destacamos a seguinte poesia, publicada

### O Poeta

Murcha e pendida a flor da mocidade,  
Pálido rosto, alma envelhecida,  
Sombra perdida, que vagueia triste,  
Cismador enfebrecido de vigílias,  
Macilento fantasma, louco, errante,  
Eis o destino acerbo que te segue!  
De ti todos se esquivam fugitivos,  
Ashavesus maldito és, ó poeta,  
De que as turbas fogem receosas,  
Do contacto teu, que queima e mata,  
Como as lavas ardentes da cratera,  
Das elevadas grimpas da montanha,  
Vomitadas dos antros abrasados  
De um Vesúvio, que ferve em catadupas  
Mortais chamas despede e a vida tira  
Do que ousa mirá-lo assim de perto.

Ave perdida em ignotos climas,  
Que para mitigar seus sofrimentos,  
Harmonias repassadas de saudade  
Entoa adivinhando a cruel morte,  
Que será o breve têrmo de seus dias  
Naquelas solidões sem poesia,  
Onde expira cantando doces hinos;  
Assim és, ó poeta, neste mundo,  
Que a vida te tortura enfurecido.

És livre como as ondas, como os ventos,  
Como a palmeira altiva dos desertos,  
Como o correr veloz das cachoeiras,  
Que só a voz de Deus, lhe diz: — parai.  
Mas ah! que cá na terra não te entendem,  
Não sabem traduzir teus pensamentos,  
És meteoro veloz e luminoso,  
Que rápido percorre o céu da vida,  
Deixando o brilho ardente, que não morre,  
Pois não morre do vate a melodia,  
Que do seio de Deus parte brilhando  
Para acender no peito do poeta  
Deslumbrante centelha — a poesia.

Que importa que o mundo te escarneça,  
Se te odeia de inveja enlouquecido?  
Que importa que às faces te atire  
Venenosas pústulas peçonhentas,  
Se como tu não podem, terno e doce,  
Cantar de Deus a idéia tão sublime,  
A natureza, o mar, o céu e os ventos,  
E tudo quanto foi por Deus criado?

Baixel que se balouça nas tormentas  
Do soluçante mar do sofrimento;  
Mas que forte resiste aos temporais  
Dos despeitados mares furiosos,  
Onde bravejam iras procelosas  
Do carrancudo monstro social,  
Que sem crenças se atira ao pobre vate  
Para matar-lhe o ideal da poesia.

Maldita geração, maldito mundo,  
Onde o venenoso arbusto do cinismo  
Viceja em corações pobres de orgulho,  
E lá encontra seiva, que o alente  
Até desabrochar as negras flôres,  
Das quais pútrido aroma se desprende  
Para infeccionar o ambiente,  
Onde sorve o poeta o ar da vida.

Ah! não, não te lamentes ó! poeta,  
Embora de teu rosto murche o brilho,  
Não importa, se nalma um fogo ardente  
Se traduz a fazer versos sublimes,  
Poemas inspirados só por Deus,  
Que se escrevem no livro de tualma  
Por mãos de querubins, anjos formosos,  
Arrebatadoras visões dos delirantes,  
Enfebrecidos sonhos de poeta.

Desgraçado fadário, negro e triste,  
É êste que persegue a poesia:  
As dores, os pesares, longos prantos,  
Misérias, sofrimentos e torturas,  
Um caminhar constante de martírios,  
Num mar de sofrimentos aflitivos,

Em angústias constantes vive o vate,  
Té que chegue da morte o beijo gélido  
Para atirá-lo d'encontro à fria lousa,  
E é o seu adeus um terno canto,  
Como o cisne, cantando morre o vate,  
Tendo impresso nos lábios um sorriso  
De desprezo, que vota a êste mundo,  
Onde não encontrou amor nem beijos,  
A não ser os de mãe, anjo bendito,  
Que abismado nas dores da saudade  
Aos céus erguendo os olhos o lamenta  
Quando do corpo lhe foge a curta vida,  
E que vai sôbre a campa verter prantos  
Pelo filho que jaz apodrecido,  
Sendo seu corpo pasto de mil vermes,  
Por sôbre o qual se ergue tôsca cruz,  
Tendo escrito em letras mortuárias  
O nome do poeta, que tranquilo  
Ali o sono eterno calmo dorme.

Eis do poeta a sorte, eis o seu têrmo,  
Tudo mais é mentira, é ilusão,  
Seu destino é sofrer, cantar nas dores  
Té que busque cansado a negra sombra  
Do funéreo cipreste entristecido,  
Que com as ramas lhe cobre o frio corpo,  
Onde outrora existiu a viva chama  
Ardente da sublime poesia,  
Que se alando buscou em vôo puro  
A morada eternal, santa de Deus.

Natal, 26 de outubro de 1875.

M. Gomes.

Antônio de Amorim Garcia, de quem *O Liberal* dizia, ao publicar a sua produção, tratar-se de “uma elevada inteligência em seu desabrochar”, cantou a **Liberdade**, reprovando o cativoiro, em que se sente a influência de Castro Alves e outros epígonos da poesia condoreira. É talvez uma daquelas “antecipações” de que fala Gilberto Freyre.



## Liberdade

Liberdade! bem sagrado,  
Prometeu da humanidade,  
Atado ao fatal rochedo,  
Por ti luta a mocidade!  
— Alavanca do porvir —  
Que tem por norte o luzir  
Do fogo da inteligência,  
E por lábaro “marchar”!  
Pra o futuro sem parar,  
Que a vitória é da ciência!

Mas a utopia dos moços  
Traduziu-se enfim na lei,  
Que sufoca o cativo  
No meio da imensa grei;  
Que entre nós geme oprimida,  
Na garra aguda, comprida,  
Do abutre da escravidão!  
Sustendo à borda do abismo,  
Já nas águas do batismo  
Os escravos livres são.

Em letras douro gravada,  
A lei da emancipação,  
É hoje um matiz brilhante  
Da nossa legislação;  
Que diz ao pobre cativo: —  
“Eia! surge redivivo  
De tão abjeta sorte!  
Teu filho não nasce escravo,  
Já não prova mais o travo  
Daquela taça de morte!”

Liberdade! o teu fulgor  
Banha a fronte da inocência!  
Foi mais um poema escrito  
No Panteon da ciência!  
Lutamos por tua glória,  
Como os cruzados na história  
Da Idade Média, com fé!  
A tua imagem louçã  
Guiou-nos à Canaã,  
Como à tribo, Josué.

É que as lágrimas do povo  
Fazem que desçam dos Céus,  
Os anjos para enxugá-las,  
A um aceno de Deus!  
E o cativo que chora  
Triste pranto que deplora  
A sua vil condição,  
Não tem risos — infeliz —  
Pois os ferros que maldiz  
Lhe pensam no coração!

Salve! aurora radiante,  
Que no Oriente luziu,  
No dia que a liberdade  
Para o cativo sorriu!  
A escravidão — monstro horrível —  
Já não cria um impossível  
Para o Brasil progredir;  
E os elos das vis cadeias  
O embate das idéias  
Há de ao longe sacudir.

A. de Amorim Garcia

## V I I

Em 1873, surge **O Baliza**, jornalzinho humorístico, apresentando, no alto da primeira página, a figura simbólica de um soldado, manejando uma baliza. Ainda em 1873 aparece **A Luz**, jornal maçônico, dirigido por José Gomes Ferreira, com colaboração de vários maçons. A sua principal finalidade é combater a Igreja, empenhada na luta contra o regalismo do Trono e a infiltração da Maçonaria, nas suas hostes.

Em 1874, Joaquim Fagundes e José Teófilo, liderando vários moços de sua geração, fundavam a Sociedade Miguelina, tendo por órgão de divulgação o **Eco Miguelino**, revista de oito páginas, afirmando-se literária, filosófica e instrutiva. Luís Fernandes, depois de julgá-los legítimos representantes da intelectualidade natalense do seu tempo transcreve o seguinte artigo que mostra realmente até onde poderiam chegar aquêles jovens se mais tivessem vivido:

“O século é grande!

A humanidade caminha e a civilização desenrola panoramas cada dia mais aproveitáveis e atraentes.

Debalde ousam erguer-se rochedos a paralisar a marcha do progresso; baqueiam sempre, e a virgem cãndida — civilização, animando com um rir de esperança os caminheiros, fá-los passar sôbre os restos envoltos no pé do esquecimento — dos paradeiros que se opunham outrora ao seu movimento.

No imenso festim que as nações celebram consorciadas — cada uma quer levar o maior óbulo.

A geração de hoje ri-se das infirmitades da de ontem, que pretendia formar eminências, e eleva montes tão altos que parece tender a penetrar a sidérea vastidão e descortinar mistérios.

O fogo que aquece e alenta as almas não se amortece um instante; aviva-se sempre e as lavas ferventes se escoam múltiplices.

O fantasma hediondo — ignorância — foge tímido ante a deusa, que aparece em tôda parte, — instrução.

As nações agitam-se e um só momento não repousam indolentes e inúteis. Trabalham incessantes e cada uma colhe, com abundância, o fruto dêsse trabalho laborioso.

E o país dos cabrálíos sonhos, na frase de Narcisa Amália, vai também sentar-se nas bancadas do congresso em que tomam lugar os povos cultos, e, collocando-se perto dos Estados Unidos, tende a atingir o prognóstico de Abreu e Lima, com a frente engrinaldada dos louros da vitória alcançada sôbre os filhos das trevas, que fugirão espavoridos ao descortinar do sol da civilização.

As idéias se robustecem à vista dos grandiosos triunfos de todos os dias e não há mais um só cidadão que não anele tornar-se útil à sua pátria, ser obreiro também do progresso.

Do Prata ao Amazonas repercutem brados altivos desprendidos pela civilização, percorrendo tôdas as esferas, repetindo-se em todos os ecos.

A mocidade acorda e a velhice, como o índio de que fala Magalhães, anima, rejuvenescendo ao sorriso da virgem — civilização.

— A mocidade natalense dormia e aferrada de tal modo que o maior estrondo não podia despertá-la; se pultada no remanso da indolência, ninguém podia arrancá-la do letargo, chamá-la a si; e, prêsa pelas algemas

da ignorância, era difícil fazê-la compreender o verbo da liberdade.

— Mas um dia era forçoso que saísse da letargia para sentar-se na tenda da civilização e trabalhar, como aprendiz embora. Raiou esta aurora, almejada por uns e descrida por outros. E a mocidade entranhou-se na luta da ignorância e do dever.

— Tinha fé e venceu pelo segundo.

— Entregue a seus próprios e únicos esforços, ergueu a frente tímida ainda e perguntou à sociedade o que era preciso fazer.

— Trabalhar, responderam em côro os ecos de todos os pólos.

— Trabalhar e crer foi, pois, a sua divisa: e ela congregou-se, como é da lei da organização social, para poder trabalhar.

— Lutou braço a braço com a ignorância, sem apoio algum estranho, e reuniu tôdas as fôrças para extirpar êsse enxêrto, que amofina a árvore da inteligência.

— Lutou muito e trabalhou quase a exaurir-se; a sua crença, porém, a alimentava; lutou com a opposição das almas amesquinhas pela mediocridade, que ousava estorvar-lhe o passo... Baldado intento!

— Hoje enfim concentra tôdas as fôrças e sôbre a imprensa, corajosa, resoluta e crente, a prestar um serviço de máxima importância à humanidade.

— O jornal, mensageiro entre as nações, confidente entre os povos, presta serviços incontestáveis à civilização, esteja nesta ou naquela escala.

— A mocidade reunida em corpo chamou-se Sociedade Miguelina; fixou como base o amor profundo e santo a Deus e o amor sincero e desinteressado ao próximo; adotou, discutiu e propalou idéias gigantescas; adquiriu adeptos, criou um gabinete literário, onde desenvolve teses e pontos histórico-científicos, e hoje impávida aparece a propagar o adiantamento.

— Conviva, embora de última classe, do festim literário, ergue também um brinde entusiasta ao ídolo regenerador — a instrução.

— E nós, os jovens, romeiros do porvir, abstrações dêsse todo, vamos à praça pública saber o que nos exige a pátria, o que é mister fazer em prol da civilização; e, sem desprezar a tarefa, por mais difícil e árdua que pa-

reça, assumimos todo o sangue frio — o valor aperfeiçoado — e procuramos desempenhar a nossa missão.

O **Eco Miguelino** é, pois, o brado da mocidade natalense, que, acordando do letargo, libertando-se da indolência, quebrando as algemas da ignorância, inspirada pelas crenças que adotou e unida por santos laços, aparece no mundo da civilização como um só homem-forte e crente”.

Não fica aí, porém, a mensagem do **Eco Miguelino**. Revista literária, filosófica e instrutiva, foi a primeira que surgiu entre nós, revelando um grande poder de penetração no campo das idéias. Um dos seus redatores, sintetizando os fins e objetivos da revista, dizia: — “combate por um princípio, sustenta uma idéia, aspira a um fim”.

“Este princípio, dizia êle, é a Igualdade, alicerce em que se firmam os grandes pensamentos. Esta idéia — a Liberdade, sol que aquece e ilumina os povos. Este fim — a ilustração popular, têrmo de tôdas as fadigas e controvérsias humanas”.

Dissemos fins e objetivos, melhor diríamos, meios, porque como sabemos, êsses postulados não esgotam a finalidade da vida. Há algo de mais substancial e intangível que o homem precisa procurar e atingir.

Mas, como dizíamos, o **Eco Miguelino** não parou aí. Ao lado da colaboração em prosa concorria a produção em verso que dá bem uma amostra do valor dêsses rapazes. Aqui está o hino da Sociedade Miguelina, letra de Joaquim Fagundes e música de Joana Carolina Seabra de Vasconcelos, cujos tropos de retórica falam bem alto da sugestionabilidade em que andavam aquêles espíritos, no terceiro quartel do século XIX:

### H i n o

Quando ferve no peito do homem  
Liberdade — o vulcão imponente,  
Êle rompe os tropeços mais fortes,  
Sempre afoito, invencível e crente.

— Eia! avante! eia! avante! marchemos,  
Miguelinos, a crer no porvir,  
Hasteando o pendão — liberdade,  
Que acena-nos Deus a sorrir.

E não tocam, não prendem seus pulsos  
Os grilhões que oprimem os vis:  
— Se um dia cansado fenece,  
O seu nome imortal se bendiz!

E, qual tocha — luzeiro divino —  
Se se some, seu brilho inda luz:  
E a crença de aos pobres valer  
Êstes entes no mundo conduz!

Sôbre os ombros elevam o pendão  
Que aos homens promete um futuro,  
E luzeiros fulguram brilhando  
Para todos que estão no escuro!

Tais romeiros que somos nós, jovens,  
Porém já em nós arde o vulcão,  
Trabalhamos com fé — pela crença —  
Liberais — hasteando o pendão!

Trabalhamos sem prêmio almejar,  
Como obreiros da causa mais santa,  
E, ainda mui fracos, embora,  
O dever, a missão não espanta!

Êste amor que sentimos no peito  
Pelos nossos iguais nesta vida,  
Nada o pode extinguir, é tão santo,  
Que aviva uma crença perdida.

Eia! e vós, mocidade, escutai  
Êste eco que clama dos céus:  
— É a voz do destino que soa,  
Vos mandando romper escarcéus!

Eia! avante! que a pátria vos pede!  
Eia! avante! que Deus vos ordena!  
Eia! avante! que tudo vos diz  
Que de flor o porvir vos acena!

Eia! avante! por sôbre escarcéus  
Caminhemos, embora feridos;  
Se a luta fôr grande e cairmos,  
Ficarão nossos nomes queridos!

Eia! avante! cumpramos a lei  
Que nos manda marchar e vencer;  
Corajosos fitemos as glórias,  
Que não pode-as a morte abater!

Derribemos o trono eminente  
— Que se ostenta do mundo a grandeza;  
Com as mãos caridosas ergamos  
Dêses antros fatais a pobreza!

Desfaçamos também o espaço  
Que separa homens ricos de pobres,  
Proclamando uma deusa — Igualdade,  
Ombreando os plebeus com os nobres!

Eia! avante! eia! avante! marchemos,  
Miguelinos, a crer no porvir,  
Hasteando o pendão — Liberdade,  
Derramando instrução no sorrir!"

Ao lado de Joaquim Fagundes e José Teófilo militava Lourival Açucena, poeta maior, cujos versos se destacam logo pela côr local e originalidade. Vejamos êste **Canto do Potiguara**, com música do autor:

### Canto do Potiguara

(Toré)

Curupira se afugenta,  
Manitó esquece a taba;  
Mas minhalma não esquece  
O amor de **Porangaba**.

Cai a murta, o camboim,  
O murici, a mangaba;  
Mas não cai dos meus sentidos  
O amor de **Porangaba**.

Cambaleia o pau darqueiro,  
Que ao rijo tufão desaba;  
Mas não se abate em meu peito  
O amor de **Porangaba**.

Vai-se o torcás que gemia  
Ao pé da jabuticaba;  
Mas não deixam meus anelos  
O amor de **Porangaba**.

Foge a abelha que zumbia  
Sôbre a flôr da guabiraba;  
Mas não foge aos meus afetos  
O amor de **Porangaba**.

Despe a flor o ingazeiro,  
A oiticica, a quixaba;  
Mas não me escapa da mente  
O amor de **Porangaba**.

Da Cunhã remorde a face  
Reimoso capiucaba;  
Mas não remorde o ciúme  
O amor de **Porangaba**.

De Moema o terno amor  
Não, não rende o Imbuaba;  
Mas a mim rende e cativa  
O amor de **Porangaba**.

De extremosa Margarita  
O amor já não se gaba;  
Mas eu decanto, arái (1),  
O amor de **Porangaba**.

O Pajé canta a bravura  
Do alto Morubixaba;  
Mas eu só canto em toré  
O amor de **Porangaba**.

Anangá cede a Tupã  
No poder que não se acaba;  
Mas não cede a outro amor  
O amor de **Porangaba**.

Lourival Açucena não é só um indianista à maneira de Gonçalves Dias e José de Alencar. Vai além. Aproveita o modelo para fazer nativismo puro e autêntico, salvando do esquecimento, pela destruição a ferro e fogo,



as mais variadas espécies vegetais da nossa flora regional, sem esquecer as frutas silvestres dos nossos tabuleiros do agreste. É o primeiro, entre nós, que se volta para a terra, cantando-lhe os idílios, pintando-lhe as côres, tracejando-lhe os panoramas e os contornos. Poeta, seresteiro, modinheiro de fama, Lourival retrata, em seus versos, uma época das mais ricas e curiosas da nossa vida social e intelectual.

\* \* \*

### V I I I

Mas, voltemos aos jornais. Depois do **Eco Miguelino** surge **A Voz do Povo**, 1875, **órgão de crenças livres**, dirigido pelo Bacharel Joaquim Teodoro Cisneiros de Albuquerque, pernambucano, batendo-se pela reforma da Constituição, único meio de atingir o seu fim, a vitória das idéias republicanas, já bastante divulgadas entre nós. Não teve, ao que parece, nenhuma ligação com o incipiente movimento literário da província. A prova é que, no mesmo ano, surge **O Íris**, 1875-1876, **periódico bimensal** e dedicado ao sexo feminino, tendo por divisa a célebre frase de Madame Stael: **o gênio não tem sexo**. “É o jornal da província, diz Luís Fernandes, em que, pela primeira vez, encontramos ostensivamente escrito o nome do seu redator — Joaquim Fagundes, que deixou aí traços luminosos da sua privilegiada inteligência, em defesa da mulher”.

Dêsse mesmo Joaquim Fagundes e dos seus jornais dissera antes Luís Fernandes: “quando o historiador tiver um dia de escrever a história de nossa literatura, não lhe poderá negar e ao seu contemporâneo — **O Íris** — o lugar honroso que legítimamente lhes compete”. E Moreira Brandão, brilhante orador e político de projeção, na província, ao saber da morte do jovem e desventurado intelectual, escreveu: “Perdi um amigo dedicado e a província uma de suas mais belas esperanças. Na idade de vinte anos, sem estudos regulares, Joaquim Fagundes tinha sido redator de dois periódicos — **O Íris** e **Eco Miguelino**; escreveu dramas que foram representados com sucesso; fêz conferências públicas em que foi muito aplaudido e deixou vários escritos, que revelaram talento superior e privilegiado. À parte algumas impru-

dências da mocidade, era uma alma grande e um coração generoso. A sua morte é muito sensível para todos que apreciam o verdadeiro mérito. Paguemos-lhe um tributo de admiração, honrando sua memória e derramando lágrimas saudosas sôbre o seu túmulo”.

Ezequiel Wanderley, na coletânea dos **Poetas do Rio Grande do Norte**, (1922), não esqueceu Joaquim Fagundes, dando-lhe bem merecidamente o lugar a que por justiça tinha direito.

E Henrique Castriciano, anos antes, dizia: “Morto aos vinte anos, ainda assim o jovem natalense é entre nós o verdadeiro tipo representativo da embrionária literatura de então. Excede mesmo e em muito a cultura do meio, o espírito aberto às grandes correntes modernas da filosofia e da liberdade”. (**Henrique Castriciano — A Propósito de Honória Reis**, in **A República**, de Natal, de 9 de Abril de 1913).

\* \* \*

## I X

Retomemos os jornais. Ainda em 1875 aparecem dois jornais — **O Alfa** e **O Crepúsculo**, êste último, literário e recreativo. Em certa altura do seu artigo-programa dizia, modestamente: “louros, sabemos que não poderão caber-nos, após as lides literárias”.

“Neste jornal, diz Luís Fernandes, encontram-se diversas produções de Câmara Açucena e Hermilo de Melo”.

Numa cidade acanhada e estreita, onde as atividades intelectuais eram medidas pelo termômetro da política partidária, era quase fatal a influência desta sôbre os grupos literários.

Os jornais literários, quase todos ou todos, eram impressos, ora na Tipografia do Partido Conservador, ora do Liberal.

Nem mesmo aquêles de idéias marginais, como **O Espírita**, 1875, de Manoel Gomes da Silva, escapariam ao sortilégio e feitiçaria dos grandes partidos do Império.

Não obstante isso, a literatura ia surgindo de envolta com a política ou mesmo à sua revelia.

Em 1876-1877 surge **O Potengi**, literário e noticioso, impresso na Tipografia do Conservador, que, a certa altura, diz em seu artigo-programa: “Infelizmente ainda em nossa terra não há proteção para emprêsas desta ordem; aprecia-se mais a política e os trabalhos e estudos positivos do que as leituras amenas; é preciso, porém, formar o gôsto e dirigir os espíritos”.

**O Conservador**, noticiando o seu aparecimento, assim se expressa: “Aplaudindo sinceramente tão nobre esforço duma brilhante porção da estudiosa mocidade natalense, diremos que, longe de desanimá-los pelo pesado encargo que tomaram sôbre seus ombros, em proveito da literatura pátria, ao contrário felicitamo-los de coração por mais esta tentativa que fazem, empunhando o gládio de Gutemberg para entrar nas pugnas da inteligência e chegar por fim ao capitólio das letras”.

Acontece, porém, que **O Potengi**, invés de manter-se na linha que se traçara, resvalara para a política, resultando daí um longo conselho que lhe dera **O Conservador**, em que dizia: “Se **O Potengi**, jornal de literatura e notícia, de incerta aparição, faltando à lealdade e abusando do prelo que lhe franqueamos, sem outro interêsse além do de ser útil à mocidade que o redige, passa a abrir suas colunas a **inocentes** correspondências políticas e artigos de igual natureza, perdendo o rumo e encarando outro **alvo**, seremos obrigado a trancar-lhe a porta de nossa oficina, onde se não dá entrada aos demolidores da obra em que trabalhamos”.

E em seguida ponderava: “Por que tão cedo gastar-se na política? A idade é de trovas e charadas. Poesia, mesmo estropiada, é exercício inocente, não amoína ninguém; **política**... já tantos a tratam! É de mau aviso”.

E encerrava afirmando: “Bem claro: a tipografia conservadora continua à disposição dos jovens estudiosos, colaboradores de **O Potengi**; mas, entendido, dentro **daquele programa**. E seremos todos amigos”.

A redação de **O Potengi** era composta, segundo Luís Fernandes, do tenente Hércules Pindaíra de Carvalho, redator principal, Joaquim Soares Rapôso da Câmara, Manuel Artur Alves da Silva, José Moreira Brandão Castelo Branco Filho, João Batista da Câmara Açucena e Francisco Herculano A. da Silva.

Vem, em seguida, **O Ceará-Mirim**, 1877, alheio à literatura, dizendo-se político, noticioso e especialmente destinado a sustentar os interesses da agricultura.

No mesmo ano aparece **A Rosa**, 1877, segundo dêste nome, pequeno jornal de rapazes, na informação de Luis Fernandes.

Da mesma época é **A Situação**, 1877, órgão conservador, redigido pelo Dr. Henrique Leopoldo Soares da Câmara. Tudo faz crer que êsse jornal era exclusivamente político, pouco ou nada fazendo em proveito da literatura, no sentido que esta tem de arte desinteressada.

De 1878 a 1889 viveu o **Correio do Natal**, de João Carlos Wanderley, periódico político, moral, noticioso. Como o **Correio do Açú**, êsse jornal prestou excelentes serviços à literatura norte-rio-grandense, bastando para fundamentar êsse depoimento a presença em sua redacção do Dr. Luis Carlos Lins Wanderley, poeta, dramaturgo e romancista de notória representação na vida literária da província.

Vêm, em seguida, **A Reforma**, 1879-1883, **O Prisma**, 1879, **O Alvissareiro**, 1880, **A Idéia**, 1880, e **A Luz**, 1881, êste pequeno jornal literário e segundo dêste nome, no depoimento de Luis Fernandes. **A Juventude**, 1882, periódico literário, é redigido pelos estudantes José de Calzans Pinheiro, Melquizedeque Jeová de Albuquerque Lima, Zacarias do Rêgo Monteiro, Argemiro Tinôco, Joaquim Tinôco e Manuel Tinôco.

De 1880 em diante o número de jornais de rapazes aumenta consideravelmente. Além dos já citados, aparecem mais, **A Mocidade**, 1882-1883, **A Aurora**, 1883, **A Gargalhada**, 1883, **O Gaiato**, 1883, êste último, órgão do riso, tendo como redator **Gravoche**, segundo informação de Luis Fernandes.

## X I

De 1883 a 1884 é **O Eco Juvenil**, sem qualquer outra referência. Em seguida, vêm **A Atualidade**, 1884, **O Cri-Cri**, 1884 e **O Pândego**, 1885. Êste, jornaleta de rapazes, na expressão de Luis Fernandes, era impresso na tipografia do **Correio do Natal**, de João Carlos Wanderley.

Durante muito tempo foi João Carlos Wanderley uma espécie de Mecenas da literatura norte-rio-grandense, estimulando os jovens, publicando-lhes os jornais, dando lições de composição, temas literários, arte tipográfica, mil coisas da profissão de jornalista.

Dêste jornalzinho **O Pândego** ficou um verso famoso, citado por historiadores e cronistas do velho Natal:

“O Altino foi-se embora,  
Ai, meu Deus, quanta agonia!  
Rezemos, pois, por sua alma,  
Padre Nosso, Ave Maria.

Na despedida do cujo  
Sete lenços ensopei!  
Sete punhos de camisa!  
E êle diz que não chorei!

Os abraços foram tantos  
Como nunca os vi assim!  
Houve pranto! Houve caretas!  
Houveram pazes sem fim!

.....

Adeus, povo desta terra,  
Disse enfim — o Presidente;  
Vou-me embora, vou-me embora;  
Logo volto, minha gente!  
e o povo repetia:  
— Viva! viva o Presidente!”

O tom de **O Pândego** era, invariavelmente, êste: sarcástico, mordaz, ferino, embora leve e galhofento...

Veza por outra aparecia um ponto alto. Vejamos êste mote, glosado pelo maior poeta da terra, Lourival Açucena:

**M o t e :**

Eu não sei pintar amor:

## G l o s a

Amor é brando, é zangado,  
É faceiro e vive nu,  
Tem vista de cururu...  
E anda sempre vendado.  
É sincero, é refochado,  
Causa prazer, causa dor,  
Tem carinhos, tem rigor...  
Amor pinte quem quiser,  
Retrate amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é terno, é cruel,  
É rico, é pobre, é mendigo,  
É dita, é peste, é castigo,  
É mel puro, é agro fel.  
Tem cadeias, traz laurel,  
É constante, é vil traidor,  
É escravo, é grão senhor...  
Amor pinte quem quiser,  
Retrate amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é loquaz, é mudo,  
É moderado, é garrido,  
É covarde, é destemido,  
É galhofeiro, é sisudo,  
É vida, é morte de tudo,  
É brioso, é sem pudor,  
Traz doçura, dá travor...  
Amor pinte quem quiser,  
Retrate amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é grave, é truão,  
É furacão, é galerno,  
É paraíso, é inferno,  
É cordeirinho, é leão;  
É anjo, é nume, é dragão,  
Tem asas, tem passador,  
Dá coragem, faz pavor...  
Enfim, pinte-o quem quiser,  
Retrate amor quem puder,  
Eu não sei pintar amôr".

A **Liberdade**, 1885-1889, jornal político, pertencente ao Partido Liberal. O **Cara-Dura**, 1886, imparcial, crítico e noticioso, apresenta um programa curioso: pugnar pelo desenvolvimento do partido cara-dura em todo o Império. A canção de um cara-dura, recolhida por Luís Fernandes, diz bem da finalidade dêste jornal. Vejamo-la:

### Canção de um cara-dura

Passarei vida alegre e feliz,  
Navegando num mar de ventura;  
Fui nortista e também liberal  
É me ufano de ser cara-dura.

Sem a teta não posso passar;  
Quem não gosta de estar no poder?...  
Quem não sabe levar esta vida  
Venha, venha comigo aprender.

Uma carta filada eu terei  
Para as trevas do mundo espancar,  
Mesmo sendo um juiz em Argel,  
Cara-dura sempre hei de ficar.

Que importa que o mundo me aponte  
Como chaga nojenta, sem cura;  
Eu detesto os doestos do mundo  
E me ufano de ser cara-dura."

Contemporâneo dêste é **O Sorriso**, 1886, jornalzinho literário, dedicado ao belo sexo e dirigido por Joaquim Cândido Pereira da Costa.

Em 1887, surge **Albatroz**, órgão de uma associação literária, o Clube 1.º de Maio, redigido por Godofredo Xavier da Silva Brito, Juvenal Sales, Manuel Garcia e Joaquim Moreira Brandão. Era impresso no **Correio do Natal**, do velho João Carlos Wanderley. No mesmo ano, 1887, aparece **O Cisne**, órgão do Comitê Literário, também impresso no **Correio do Natal**, redigido pelos estudantes José de Calazans Pinheiro, Diomedes Quintiliano da Silva, Francisco Teixeira de Carvalho e João Batista de Miranda.

Dêste grupo, destaca-se pela inteligência e pelo talento, o jovem Diomedes Quintiliano da Silva, de quem *A Semana*, do Açu, dizia, em 8 de Fevereiro de 1898 (Ano II, N.º 17, pág. 1.º) em bem lançado artigo sôbre a literatura no Rio Grande do Norte: “Agora, lancemos um olhar a quem no desabrochar da vida, em momentos de inspiração, dizia: “Descrever as emoções pungentes que se arrojam em nosso cérebro é fazer uma análise brilhante de idéias comparativas”.

E prosseguia *A Semana*: “Morreu Diomedes Quintiliano sem suspeitar que era gênio, sem ao menos repetir como A. Chernier”: “Et pourtant j’avais quelque chose lá!” Môço ainda, o destino reservou-lhe terrível enfermidade que logo fê-lo descer à região do túmulo. Muito tínhamos que esperar do talentoso mancebo que, falando à mocidade de sua pátria exclamava:

“Quando o século se levanta em crenças palpitantes, em correntes magnéticas, homéricas, brilhantes, êsses dogmas sintéticos de evoluções modernas, é belo ter por andes um capitólio nôvo, por ideal um livro, por auditório um povo, por único florão as lutas hodiernas”!

Mais de um ano depois, uma revista de Natal (*Oásis*, Ano VI, N.º 96, pág. 4, de 5 de Maio de 1899), noticiando o aparecimento da conferência de Antônio Marinho, sob o título **Movimento Literário do Rio Grande do Norte, no último decênio**, numa espécie de revide, dizia:

“é pena que o talentoso môço historiando a vida literária do Rio Grande do Norte, antecessora ao período de sua conferência, tenha deixado no olvido os nomes de Diomedes Quintiliano, cujo talento másculo produziu naquela pequena fase de agitação intelectual, irradiações pasmosas em nossa terra;”

Ignoramos se pôde Antônio Marinho justificar-se de tamanho lapso; e, se pôde, como se saiu em face da censura do *Oásis*...

A advertência, porém, não valeu a pena, pois, vinte e três anos depois da conferência de Antônio Marinho, um outro estudioso da nossa literatura, Ezequiel Wan-



derley, num trabalho louvável, por muitos títulos, fazia vista grossa sobre a figura do poeta, não o incluindo no livro **Poetas do Rio Grande do Norte**, 1922.

O mal parece ser de origem. Um outro escritor, Rômulo Chaves Wanderley, em trabalho muito mais amplo da poesia norte-rio-grandense, esqueceu o desventurado poeta, não lhe concedendo a honra de uma só linha no seu **Panorama da Poesia Norte-Rio-grandense**, apesar de indicado por nós.

Reivindicamos para nós a alegria de trazê-lo à tona, depois de oitenta e três anos de esquecimento, ..... (1888-1971).

Diomedes Quintiliano da Silva nasceu em 1869 e faleceu em Natal, no dia 15 de Abril de 1888. Era estudante.

A 1.º de Março de 1887, por ocasião da solenidade comemorativa do 29.º aniversário do Liceu Natalense, recitava êle a seguinte poesia de sua lavra — começando pela citação de um verso de Martins Júnior: —

“O século é uma batalha!

E desta guerra aberta há de jorrar a luz”

**Martins Júnior**

“Moços! Quando o século se levanta em crenças palpitantes.  
Em correntes magníficas, homéricas, brilhantes,  
Êsses dogmas sintéticos das reflexões modernas,  
É justo ter por Andes um capitólio nôvo,  
Por ideal um livro, por auditório um povo,  
Por único florão — as lutas hodiernas!  
E é esta conquista que vascoleja um século,  
Formando de vulcões um deslumbrante férculo  
Pra falange incendiária dos gregos antiquários  
Que vai talhando o cérebro dos novos organismos  
Para as lutas ideais do velho Darwinismo,  
Onde a França excede a Roma, onde Hugo excede a Mário”.

(Oásis, de 1.º de Março de 1887, N.º 51, Ano IV, pág. 4).

Luís da Câmara Cascudo, **História da Cidade do Natal, Prefeitura Municipal**, 1947, página 336, não esqueceu o poeta adolescente, dizendo: “Diomedes Quintiliano da Silva, 1869-1888, aclamado pelos colegas como um ser

maravilhoso de eloquência, cultura e memória, citando Darwin e improvisando poemas”.

É este o poeta, tão cedo roubado às letras da província, que os historiadores e críticos das nossas manifestações literárias deixaram em completo esquecimento, sem suspeitar que na sua mente brilhasse a centelha da genialidade precoce.

### X I I I

No mesmo ano, 1887, surge **Véritas**, pequeno jornal literário, redigido por José de Viveiros, José Barbosa e Manuel Nascimento Ferreira. De 1887-1888 é ainda **O Pigmeu**, substituto do **Véritas**, dizendo-se crítico e noticioso. Todos esses jornais, como se vê, faziam literatura, a seu modo, sem grande influência no panorama intelectual da terra. Entram aqui mais a título de informação do que propriamente como fixadores do movimento literário.

Em seguida vem **Gazeta do Natal**, 1888-1890, tendo como redatores os Drs. Manuel Porfírio de Oliveira Santos e Antônio de Amorim Garcia, de quem já falamos anteriormente, ligados, politicamente, ao Padre João Manuel de Carvalho e ao Dr. Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto, ambos chefes do Partido Conservador. Jornal político, **Gazeta do Natal** conta, no entanto, com um corpo de colaboradores de primeira ordem, destacando-se, entre eles, os dois redatores citados.

Tratando do assunto, diz Luís Fernandes: “Durante esse período não foi somente um órgão de interesses políticos e partidários; ocupou-se também do estudo de altas questões sociais, tratando das quais estreou em suas colunas, augurando a fama literária de que hoje merecidamente goza, o nosso ilustrado amigo e confrade Dr. Antônio de Souza, então quartanista de direito, e escreveu o seu talentoso redator-chefe uma série de excelentes artigos, dos quais, reconhecendo o merecimento científico do autor, transcreveu o **Jornal dos Economistas**, do Rio, os referentes a assuntos econômicos. Segundo Wanderley, de quem já havíamos encontrado produções poéticas no **Correio do Natal**, aí também aparece com essa musa vibrante e sonora, que o sagrou príncipe dos poetas potiguares”.

E, em seguida, transcreve a poesia recitada por Segundo Wanderley, à porta da **Gazeta do Natal** e publi-

cada em seu número 120, que trasladamos para êste trabalho:

Quando um povo qualquer heróico se levanta  
Para banir um crime, um êrro corrigir,  
Acende mais um sol no templo do progresso,  
Sobe mais um degrau no templo do porvir.

Neste dia imortal de transição sublime  
Transborda a consciência, exulta o coração,  
Transforma-se a senzala em luminosa tenda,  
O tronco faz-se altar, o escravo cidadão.

Para firmar, porém, esta conquista ingente  
E aniquilar pra sempre o servilismo vil  
É preciso banir a negra ignorância,  
Dar ao liberto a luz e a instrução civil.

O Parlamento fêz a lei antiescravista,  
A Princesa apagou o tétrico borrão;  
Compete agora a vós, ó Mocidade atleta,  
Fazer do verme um ser, do órfão vosso irmão.

Dia agosto e feliz, ó data de esperanças,  
Que de uma vez mataste a hidra social!  
Tu és mais que um fanal do céu americano,  
És a glória de um sec'lo, um bem universal!

A natureza inteira enfeita-se de galas,  
Singra a luz ridente a tela côr de anil,  
Saúda a humanidade em delirante aplauso  
A mais bela epopéia da história do Brasil.

Por ocasião do primeiro aniversário da Proclamação da República, a **Gazeta do Natal** comemorou o acontecimento, publicando Segundo Wanderley, em seu número 192, o seguinte soneto:

### S o n e t o

Ao primeiro aniversário da República Brasileira

Filhos do Rio Grande, alçai as frentes,  
Vinde aplaudir as festas do direito,  
Já outra crença afaga-nos, o peito,  
Já outro sol nos borda os horizontes.

Tudo se expande num prazer profundo,  
Tudo respira um sentimento nôvo:  
É que uma idéia transformou um povo,  
É que um herói ressuscitou um mundo.

Tudo sorri da glória à claridade,  
Desde o virente altar da natureza  
Té o cerúleo altar da Divindade.

Sim; depois de uma sombra um meteoro,  
O mar devia esfracassar a penha,  
Pedro ceder o pôsto a Deodoro!

Evidentemente, o aparecimento de Segundo Wanderley, neste passo da literatura potiguar, é algo de significativo e importante. O seu principado se efetuará, naturalmente, independente de grupos, escolas, igreja-nhas, e ficará para sempre. Dessa fase em diante, nenhum jornal ou revista da província dispensará a sua colaboração. A idéia abolicionista como a republicana, a guerra de Canudos como tantas outras comoções intestinas da nacionalidade terão sempre nêlo o cantor excelso e admirável.

Da mesma fase é o **Boletim da Libertadora Norte-Rio-Grandense**, 1888, que tem como presidente a figura singular do Padre João Maria Cavalcanti de Brito. Este, porém, se limita ao registro do movimento abolicionista da província. Segue-se-lhe **O Cascabulho**, no mesmo ano, 1888, periódico literário e crítico, órgão de uma associação de estudantes do Ateneu, segundo informa Luís Fernandes. Faziam parte da redação dêste jornal os estudantes José Alexandre Seabra de Melo e Benvenuto de Oliveira Júnior, êste irmão do historiador Luís Fernandes. Dêle é a poesia seguinte, dedicada "Aos meus colegas das lides escolásticas do Ateneu Norte-Rio-Grandense":

"No século de Littré, de Comte e Castellar,  
Neste século viril de austera compleição,  
Ao môço é covardia, é crime o recuar  
Das pugnas homéricas do Justo e da Razão!

R. da Silva

Salve, filhos denodados  
Do grande império da Cruz!  
Mocidade que ao futuro  
A nau da pátria conduz.  
Erguei-vos, mostrai-vos grandes,  
Subi ao tôpo dos Andes  
Iluminando a razão!  
Luz ao plebeu, luz ao nobre!...  
Quem pode de luz ser pobre  
Na pátria de Camarão?!

Vossa missão é sublime:  
Eia, colegas! marchai!  
Não trepideis um só passo,  
Avante! sempre lutai!  
Coragem! todos à luta,  
Gloriosa, impoluta,  
Que lutar é progredir!  
Ninguém recue, que é fraqueza;  
Avançar, sim, que é nobreza,  
À conquista do porvir!

Se lutais hoje sem tréguas,  
Descrentes... a esmorecer,  
Mais tarde tereis a paga  
Da ciência ao alvorecer.  
Avante, pois, meus amigos!  
Aos livros, fortes abrigos  
Da geração atual!  
Salvai a pátria do abismo  
A que leva o servilismo  
Da ignorância fatal!

Sois môços, tendes nas veias  
O sangue da exaltação:  
Não deixeis cair a pátria  
Nos antros da corrupção.  
Eia, colegas, coragem!  
Banhai-vos na fresca aragem  
Da ciência, a doce luz:  
Triunfareis da maldade,  
Espancando a escuridade,  
Que ignorância produz.

O Rio Grande do Norte  
É grande pátria de heróis,  
Em cujo céu já cintilam  
Rutilantes, lindos sóis.  
Imitai, pois, êsses astros,  
Segui seu curso, seus rastros  
Neste céu de puro azul;  
Mostrai que o gênio do norte,  
Brilha mais do que o do sul.

Colegas, eu vos saúdo,  
Por ser dos vossos também;  
Que juntos todos fitemos!...  
O céu nitente de além!...  
Bem sei que a luta é terrível;  
Mas vós, falange invencível,  
Sem torpedos, sem fuzil,  
Sabereis cantar vitória,  
Colhêr as palmas da glória,  
Glorificando o Brasil!

“Nas colunas de **O Cascabulho**, diz Luís Fernandes, aparecia também Brás de Melo, publicando umas interessantes **Notas-norte-rio-grandenses**, escritas do Recife, onde o inteligente patricio cursava a Academia de Direito e tinha sido eleito orador do Clube Republicano Acadêmico”.

#### X I V

De 1888-1889 é **O Corisco**, literário e chistoso, órgão de todos os clubes havidos e por haver, de acôrdo com a informação de Luís Fernandes. O nome dêste jornal define bem a sua orientação crítica e literária, sem precisar de maiores detalhes. Segue-se-lhe **O Punhal**, 1889, também sem maior interêsse do ponto de vista literário. Vem, depois, **Primeiro de Março**, 1889, redigido por estudantes do Ateneu. Do mesmo ano, 1889, é **O Periquito**. E ainda **O Tentamen**, 1889, órgão de uma sociedade literária de estudantes, **Primeiro de Março**, cuja comissão era composta de José Cândido Barbosa, Luís Lôbo, Pedro Nestor e Honório Carrilho, tendo todos, mais tarde, os seus nomes firmados na história da literatura do Rio Grande do Norte. Logo após êste vem **A Repú-**

blica, 1889, cujas interrupções serviram apenas para confirmar que a sua ausência da vida intelectual do Estado constitui uma falta da qual nenhum governante conseguirá absolvição, sob qualquer pretexto ou alegação. Este jornal constitui o maior documentário vivo da nossa vida intelectual, sob os mais diferentes ângulos da sua manifestação. A literatura norte-rio-grandense tem nas suas colunas os mais completos subsídios para a sua reconstituição. Os nomes mais altos da nossa história literária passaram pelas suas mesas de redação, deixando ali traços marcantes das suas personalidades artísticas e literárias. Citemos os mais destacados: Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, Manoel Gomes de Medeiros Dantas, Eloy Castriciano de Souza, Henrique Castriciano de Souza, Antônio José de Melo e Souza, Augusto Tavares de Lira, Manoel Segundo Wanderley, Vicente Simões Pereira de Lemos, Cristóvão Bezerra Dantas, Adauto da Câmara, Luís da Câmara Cascudo, Edgar Ferreira Barbosa, centenaes de outros não menos vitoriosos nas letras e nas artes da província. Segue-se a este **A Inspiração**, 1889-1890, **órgão popular**, de publicação quinzenal, redigido por Manoel Coelho de Souza e Oliveira e José Antônio de Viveiros. Era impresso na tipografia da **Gazeta do Natal** e trazia abaixo do seu cabeçalho a expressão: **Redatores Diversos**. Segue-se-lhe o **Norte-Rio-Grandense**, 1889-1890, tendo como Redator Principal, o Dr. Luís Antônio Ferreira Souto. Possuía tipografia própria, sita à Rua 13 de Maio, 49. Jornal político, publicou o seu primeiro número no dia 1.º de Dezembro de 1889. No seu artigo programa dizia-se “democrata sem jaça e francamente republicano”. Dizia mais abraçar “tôdas as reformas que consultem os verdadeiros interêsses da nova era” republicana. Em seguida vem **O Porvir**, 1889-1890. Pequeno jornal de rapazes, dizia-se **órgão enciclopédico**. Publicado, inicialmente, na tipografia de **A República**, circulava três vêzes por mês, passando, depois, a ser impresso na tipografia do **Rio Grande do Norte**, sem dia certo. Inseria produções poéticas de Honório Carrilho e Ezequiel Wanderley. Dêste mesmo ano, 1890, é **O Vigia**, jornal de crítica e pilhéria. Ainda em 1890, circulava **A Sentinela**, “jornaleco de quinze centímetros de comprimento sôbre dez de largura”, impresso na **Gazeta do Natal**, e dizendo-se **órgão**

**crítico.** O seu primeiro número é de 23 de Fevereiro de 1890. Circulava aos domingos. Vem logo depois **Diário do Natal**, 1890, redigido por Luís Antônio Ferreira Souto Filho e impresso na tipografia do **Norte-Rio-grandense**. O seu primeiro número é de 28 de Fevereiro de 1890. Viveu muito pouco, quinze dias, se muito, não passando o seu nome de uma pilhéria. No mesmo ano, 1890, aparece **Evolução**, órgão do Clube Escolástico Norte-Rio-grandense, fundado no dia 9 de Fevereiro e redigido por uma comissão de sócios do mesmo Clube, composta de Abdenego Alves, Ezequiel Wanderley, Moura Soares, Rapôso da Câmara e Ovídio Fernandes. Dissolvido o Clube, no dia 23 de Março, foram os nomes acima substituídos pela expressão **Redatores Diversos**, impressa no frontispício do jornal que passou a ser **órgão recreativo**. A redação deste jornal ficava à Rua Coronel Bonifácio, 5. Era impresso na tipografia de **A República**, e circulava duas vezes por mês. O seu primeiro número foi distribuído no dia 3 de Março com o seguinte artigo de fundo:

“Que é evolução?”

“É tão vasta a compreensão deste vocábulo, tão extensa a sua esfera significativa, tão complexos os seus brilhantes resultados, que é impossível submetê-la aos moldes de uma definição. A evolução é trabalho pelo engrandecimento, é o esforço pela conquista, é a luta pelo progresso, é o estímulo pela felicidade, é a aspiração pela glória. Tem sua origem na necessidade do bem-estar, na conveniência em adquirir a maior soma possível de elementos de vida.

O homem tende para o aperfeiçoamento do mesmo modo que a agulha para o pólo.

A verdade é seu centro de atração.

A evolução personifica-se em Colombo descobrindo o Novo Mundo, em Montgolfier devassando o domínio dos ares, em Guttemberg universalizando os conhecimentos humanos, em Alexandre empreendendo a conquista do mundo, em Mahomet reformando a religião, em Darwin defendendo o transformismo, em Galileu sustentando o movimento terrestre, em Spencer orientando a educação, em Comte reconstruindo as bases da filosofia, em



Cristo, finalmente, resgatando o gênero humano com o mais sublime dos sacrifícios.

A evolução é mais do que um desenvolvimento, do que uma revolução, é uma irradiação do espírito ávido de inovações sublimes, de horizontes mais luminosos, é mais do que uma tendência, é uma lei, um fenômeno fatal, como a rotação da terra, como a germinação das plantas.

A evolução é a alma dos séculos. Suprimi-la seria mais que um crime, mais que uma degradação, seria uma verdadeira atrofia social, arvorar o domínio da inércia, tecunda de trevas e pródiga de erros.

Evoluamos.

Deixar de evoluir é deixar de viver”.

Este artigo, pelo jôgo das palavras, pelos conceitos que encerra, pela segurança da dialética, pela nitidez dos conhecimentos, sugere, desde logo, um autor: Segundo Wanderley.

Quem conhece a prosa do autor do **Naufrágio do Vapor Bahia** não porá dúvida nessa afirmativa. E para confirmar ainda mais o que dizemos bastará lembrar que Segundo Wanderley era um dos colaboradores dêste jornal. No mesmo número, Segundo Wanderley publicava a poesia **Surge et Âmbula**, recitada na sessão literária do dia 1.º de março, aniversário do Ateneu Norte-Rio-grandense do qual era professor:

### **Surge et Âmbula**

Eu venho aqui admirar sòmente  
Este concerto juvenil, feliz;  
Eu venho aqui para sentir de perto  
Da mocidade as expansões febris;  
Não me deslumbram principescas festas,  
São fogos fátuos de letais paus;  
Eu amo ouvir um farfalhar de idéias,  
Aprez-me ver a progressão da Luz.

Julgo o trabalho obrigação sublime,  
Julgo a ciência divinal dever;  
Precisa o malho pra vencer a pedra,  
O pensamento para o caos vencer;

E nesta luta gigantesca e santa,  
Que a tantas glórias imortais conduz,  
Mesquinho o braço que fugir da arena,  
Maldito o peito que fugir da Luz.

Ao livro, pois, ó mocidade augusta,  
Ao livro todos com sincero afã,  
O livro é germe de fecundas glórias,  
Que a noite muda em divinal manhã;  
Vibre-se o gládio da razão fulgente,  
Deixai que a crença se derrame a flux,  
Antes morrer-se combatendo o êrro  
Do que viver-se num país sem Luz.

Segui a trilha do condor dos séc'los,  
Segui o exemplo dos heróis de Além;  
É semeando do talento as pérolas  
Que se recolhe o verdadeiro bem;  
Baldada a lei que condenou Vesale  
Ódio improfíquo o que matou Jesus;  
Porque o futuro é um sacrário enorme  
Que tem por hóstia da verdade a Luz.

Hoje que a pátria já não tem senhores,  
Hoje que a pátria já não tem mais rei,  
Que a liberdade corrigiu o trono,  
E a igualdade reformou a lei;  
Cumpre expelir dos corações briosos  
Da ignorância o deletério pus;  
Fazer entrar em borbotões no crânio  
Do amor a seiva, do progresso a Luz.

Nôvo horizonte se desdobra ao longe,  
Um ar mais puro se respira aqui,  
O que foi sombra ficou sendo aurora,  
Caiu Saul para se erguer Davi;  
Moços, é tempo de expandir as asas,  
Cingir da glória as regiões azuis;  
Quem mais estuda, mais lauréis conquista,  
Mais se aproxima do país da Luz.

Ouvi... um grito de eloquência heróica  
De gruta em gruta reboando vai,  
É Camarão a vos dizer — avante,  
É Miguelinho a repetir — lutai;  
O cedro cede ao vendaval bravo,  
A onda quebra nos penhascos nus,  
Mas nada pode aniquilar um povo  
Que tem por base um pedestal de Luz.

Eu vos saúdo, legião sagrada,  
Raios fecundos de futuros sóis,  
Plíade hoje de gentis mancebos,  
Mas amanhã constelação de heróis;  
Eu vos saúdo, repetindo sempre  
Esta verdade que a razão seduz:  
Para a grandeza assinalar dum século  
É necessário — Liberdade e Luz.

A leitura destes versos dá bem a medida do grande poeta que foi Manuel Segundo Wanderley. Mas deixemo-lo por enquanto neste ligeiro registro.

No mesmo ano, surge **Rio Grande do Norte**, ..... 1890-1896, jornal político, dizendo-se **órgão republicano**, com escritório e tipografia montados à Rua Tarquínio de Souza, posteriormente do Comércio, 30. O seu primeiro número circulou a 21 de Abril de 1890. Eram seus redatores ostensivos, desde Fevereiro de 1892, os Drs. Antônio de Amorim Garcia, cearense, de quem já falamos anteriormente, Amintas Barros e José Gervásio.

Em seguida vem **Tribuna Juvenil**, 1890, **periódico científico e literário**, dirigido por estudantes do Ateneu, entre outros, destacando-se José Lucas Rapôso da Câmara e Honório Carrilho, este mencionado por Ezequiel Wanderley, no seu livro **Poetas do Rio Grande do Norte**, 1922. **Quinzenal**, tinha por lema: **Liberdade e Luz**, influência talvez da ação intelectual de Segundo Wanderley. Tinha escritório e redação à Rua Coronel Bonifácio, 7, sendo impresso na Tipografia do **Rio Grande do Norte**. Segue-se-lhe **A Pátria**, 1890, **órgão do Partido Católico**, cujo primeiro número circulou a 29 de Agosto. Era impresso na tipografia da **Gazeta do Natal**, tendo escritório e redação à Rua Coronel Bonifácio, 24. Publicou apenas três números. Do mesmo ano é **Potiguarânia**, 1890, **órgão dos interesses modernos**, tendo por lema: "Tudo

é relativo: eis o único princípio absoluto”. Era impressa na tipografia de **A República**. Dêsse mesmo período é **Mocidade**, 1890, **órgão literário e noticioso**, cujo primeiro número circulou no dia 1.º de Novembro. Era redigido por estudantes do Ateneu, aparecendo, em sua secção **Lira Poética**, poesias de João Chaves, Honório Carrilho, José Cândido Barbosa, Benvenuto de Oliveira e Ezequiel Wanderley. Imprimia-se na tipografia do **Rio Grande do Norte** e circulava duas vêzes por mês. Foi o segundo dêste nome, na opinião de Luís Fernandes. Aparece ainda, em 1890, **Quinze de Novembro**, em edição especial para comemorar o primeiro aniversário da Proclamação da República. Subscrevem os artigos dêste número: Brás de Andrade Melo, Joaquim Ferreira Chaves Filho, José Gervásio de Amorim Garcia, Diógenes Nóbrega, Dr. João Gomes Ribeiro, Governador do Estado e outros.

## X V

Em 1891 começa **O Santelmo** que vive até 1893. O seu primeiro número é de 14 de Julho de 1891. São seus redatores, simultâneamente, nos dois períodos de sua existência, Seabra de Melo, Ferreira Veiga, José de Viveiros, Augusto C. Wanderley, Galdino Sampaio, Garcia Neto, Urbano Hermilo, Benvenuto de Oliveira, Segundo Wanderley e outros. Dêste, transcrevemos aqui o soneto **Catástrofe**, dedicado a Silva Jardim, por ocasião da sua morte:

### C a t á s t r o f e

À memória do invicto patriota Silva Jardim

Evocando, talvez, por fôrça estranha,  
Assombrada de ver tanta vitória,  
Êle se arroja aos cimos da montanha  
Como atingira ao vértice da glória!

Era grande demais a sua emprêsa,  
Ia além da razão o seu intento:  
Mas não teme afrontar a natureza  
Quem consegue vencer o sentimento!

E quando assim sublime êle se erguia  
Pra arrancar ao vulcão a lava ardente  
E fulminar com êle a monarquia...

Basta! lhe brada a voz da Majestade;  
E ali tombou, legando ao mundo inteiro  
Silvas de luz, jardins de Liberdade!

Jornal literário, não deixava de pagar o seu tributo à política local, dominada pelo sortilégio enfeitiçante de Pedro Velho. O seu último número saiu a 12 de Fevereiro de 1893. Imprimia-se na **Tipografia Central** e tinha a sua redação localizada à Rua 21 de Março, 24.

No mesmo ano, surge **O Artista**, 1891-1892, cujo primeiro número é de 18 de Dezembro. Redigido por Segundo Wanderley, circulava quinzenalmente e era impresso na **Tipografia Central** por Augusto C. Wanderley.

Empolgado pela política, Segundo Wanderley escreve editoriais, defendendo as idéias de Pedro Velho, enquanto deixa a poesia aos cuidados de Henrique Castriano e Francisco Palma, dois grandes expoentes das letras norte-rio-grandenses. Lamentavelmente não nos foi possível consultar a coleção dêste jornal de onde extrairíamos certamente muita coisa útil para documentar o nosso trabalho.

## X V I

De 1892-1894 é **O Caixeiro** que nada tem a ver com êste nome, a não ser que o seu redator, Pedro Avelino, fôsse empregado no comércio. Era impresso na **Tipografia de A República**. Era político, "sem descurar as letras amenas", informava **A República**, fazendo o seu elogio. Ainda em 1892-1893 circulava **O Potiguar**, órgão do **Clube Recreio Juvenil**, cujo primeiro número apareceu a 15 de Novembro de 1892. Redigido por uma comissão de sócios do referido Clube, composta a princípio de Alberto Garcia, José Bernardo Filho e Francisco Palma, teve, no segundo número, o nome dêste substituído pelo de Silvestre Néri. Impresso, inicialmente, na **Libro-Tipografia-Natalense**, passou a ser impresso, do segundo número em diante, na **Tipografia do Rio Grande do Norte**, jornal de oposição. De 1892 é ainda **O Colibri**, sem nenhuma outra referência, senão de haver sido citado por

Alfredo de Carvalho na sua relação de jornais do Rio Grande do Norte. Luís Fernandes só o conheceu através dessa fonte de informação. Vem, em seguida, **O Nortista**, 1893-1895. Teve início em São José de Mipibu, onde residia o seu redator-chefe, Elias Antônio Ferreira Souto, professor primário e político de oposição. Transferindo-se para Natal, aqui continuou publicando o seu jornal, cujo número 56 foi distribuído a 15 de Março de 1893. Órgão de publicação semanal, passou depois a diário, cabendo ao seu redator a glória de haver fundado a imprensa diária em nossa terra. Explicando os motivos que determinaram a fundação da imprensa diária em Natal, Elias Souto lembrava, muito oportunamente, o progresso da cidade, não acompanhado, culturalmente, pela imprensa semanária, sempre em atraso com os fatos ocorridos durante a semana. E dava como prova a “publicação constante dos boletins e avulsos que estão sempre a surgir nesta cidade”. Realmente, a falta de jornais diários, na Capital, e mesmo periódicos, nas cidades do interior, determinava o aparecimento de boletins e avulsos tôda vez que havia um fato a explorar, um caso a comentar, uma defesa a fazer, um assunto a tornar público.

O Nortista tinha redação e oficinas na Rua Voluntários da Pátria, antigo Beco Nôvo, 21, mudando depois a redação para a Praça André de Albuquerque, antiga Rua Grande, 14, e a oficina tipográfica para a Rua da Conceição, 43. Adquirindo, mais tarde, a Empresa Librotipográfica Natalense, melhora o seu jornal, ampliando as suas secções e colocando-o a serviço dos “interesses das classes sociais”. Essa expressão deixa ver que o mestre Elias Souto era um homem de visão aguda e penetrante, pois sendo homem do século XIX, tão individualista quanto burguês, não se aferrava a preconceitos, mas acompanhava o tempo, evoluindo com as suas transformações e novidades. Este subtítulo representa algo de nôvo e significativo. O individualismo começava a perder terreno em face das novas doutrinas sociais. O socialismo científico estava sendo divulgado por tôda parte, servindo de tema a quantos se haviam desiludido das doutrinas liberais. **A Rerum Novarum**, publicada em 1891, começava a produzir os seus efeitos. Não era de estranhar que o velho jornalista de província atento às

transformações do seu tempo, procurasse orientar o seu jornal dentro dos princípios defendidos pela Carta de Leão XIII.

Mais tarde, transfere, da Praça André de Albuquerque para a Rua da Conceição, 33, a redação do seu jornal, enquanto a Empresa Nortista, localizada à Rua Visconde do Rio Branco, antiga Rua Nova, 28, passava a ser propriedade de Elias Souto & Cia. De 1893-1894 é **O Patrão**, mensário democrata e redigido por uma associação, conforme se declara. Publicou este o seu primeiro número a 16 de Abril de 1893 e encerrou as suas atividades a 20 de Maio de 1894. Era impresso na Tipografia do **O Nortista**, do mestre Elias Souto. Diz, em seu artigo programa, por sinal bastante curioso, pautar a sua conduta pela de **O Caixeiro**, jornal de Pedro Avelino, favorável a Pedro Velho. Vê-se, pois, que **O Patrão** era político e contrário a Pedro Velho. Dêste mesmo ano, 1893, é **O Pastor**, periódico evangélico e noticioso, tendo como redator principal, o Professor Joaquim Lourival Soares da Câmara. Tinha por lema as seguintes palavras de São João: **Examinai as Escrituras... Elas mesmas são as que dão testemunho de mim.** V. 39. Impresso na Tipografia Central, circulava três vezes por mês, saindo o seu primeiro número a 1.º de Maio e o último a 31 de Outubro do mesmo ano. Em seguida vem o **Diário do Natal**, 1893, propriedade da **Companhia Libro-Tipográfica Natalense**, cujo primeiro número circulou a 1.º de Julho de 1893, encerrando as suas atividades no dia 3 de Setembro do mesmo ano. A leitura do seu artigo programa deixa ver que era muito bem escrito, devendo-se esse trabalho à pena do Doutor Manuel Porfírio de Oliveira Santos, então Juiz Seccional do Estado. Foi este, segundo Luís Fernandes, o primeiro jornal diário do Estado, cabendo ao Doutor Manuel Porfírio de Oliveira Santos, a glória de haver contribuído para essa realização. Tinha seu escritório e redação à Rua Frei Miguelinho, depois Coronel Pedro Soares e atualmente João Pessoa. No mesmo ano, 1893, aparece **O Garoto**, cujo primeiro número circulou a 31 de Julho desse ano. Dizia-se crítico, noticioso, humorístico e caricato, apresentando estampas e caricaturas gravadas em madeira. Dêste jornal possui apenas o terceiro número. Da mesma fase, 1893, é **O Atleta**, órgão do Grêmio Literário Natalense, composto

de alunos do Ateneu. Publicou o seu primeiro número no dia 7 de Setembro dêsse ano. Era redigido por José Bernardo Filho, Rodrigues Leite e Ribeiro Paiva. Era impresso na Tipografia do Rio Grande do Norte e tinha escritório à Rua São Tomé, 3, e Sete de Setembro, 18. A diretoria do Grêmio Literário Natalense era constituída de Juvenal Lamartine, Presidente; José Bernardo Filho, Vice-Presidente; José Ribeiro Paiva e Luís Pelinca, 1.º e 2.º Secretários; Afonso Macedo e José Rodrigues, Orador e Vice-Orador; Santos Machado, Tesoureiro; e Sebastião Rodrigues, Procurador. Bem escrito, **O Atleta** já antevia “a necessidade da formação de uma literatura nesta circunscrição política da pátria brasileira”. Dêste grupo destacam-se Juvenal Lamartine e Afonso Macedo. O primeiro como estudioso dos problemas econômicos do Rio Grande do Norte. O segundo como poeta e jornalista. De sua autoria é o seguinte soneto, transcrito por Ezequiel Wanderley, no seu livro **Poetas do Rio Grande do Norte**, 1922:

### Trindade Nacional

Vera Cruz, Santa Cruz, Brasil, como eu te adoro,  
Trindade Nacional! Teu batismo foi santo!  
Mas qual o de Jesus, no Lenho Sacrossanto,  
Ao pé da tua Cruz, teu martírio deploro!

Cabral sorriu ao ver-te; eu hoje ao ver-te choro...  
Como te anoja o corpo o nauseabundo manto,  
Que já pesado está das bagas do teu pranto,  
E do sanguíneo suor, que deita cada poro!

Que outra dor, que outros vis opróbrios, que outros danos  
Poderão mais causar em teu corpo e em tua alma,  
Nazareno-Brasil, teus filhos desumanos!?

Desde o berço que vens cruzando amargas ruas!  
Perante Cristo até, tens do martírio a palma:  
— Ele uma cruz sofreu... tu já sofreste duas!...

Bahia — 1920.



## XVII

Logo depois, vem **O Estado**, 1894-1895, periódico político e noticioso, sem diretores ou redatores ostensivos. Distribuiu o seu primeiro número no dia 7 de Outubro de 1894 e encerrou a sua atividade no dia 31 de Março de 1895. Era impresso na **Libro-Tipografia Natalense** e escrito pelo Dr. Manuel Dantas. Em seguida vem **OÁSIS**, 1894-1904, órgão do Grêmio Literário Le Monde Marche, fundado a 9 de Setembro de 1894, por Benvenuto de Oliveira e outros estudantes do Ateneu. O seu primeiro número circulou a 15 de Novembro do mesmo ano, dizendo-se **periódico literário e noticioso**. Com a publicação dessa revista consolida-se, em grande parte, o movimento literário da província. Nos dez anos de sua atuação, nas letras da província, passam por suas páginas, dirigindo e colaborando, os mais significativos valôres da nossa história literária. São êles: Benvenuto de Oliveira, José Próspero, Carlos L'Eraistre, Rodrigues Leite, Segundo Wanderley, Pedro Viveiros, Alfredo Carvalho, Auta de Souza, Maria Carolina C. Wanderley, Carolina Naninguer, Henrique Castriciano, Luís Lôbo, José Barbosa, Luís Trindade, Francisco Palma, Celestino Wanderley, Urbano Hermilo, Augusto Wanderley, Ferreira Itajubá, Antônio Marinho, Ezequiel Wanderley, Galdino Lima, Sebastião Fernandes, Teófilo Marinho, Cornélio Leite, Érico Souto, Luís Tôrres, Odilon Amintas, José Alcino, Antônio Soares de Araújo, Hervêncio Mariano, Uldarico Cavalcanti, Alfredo Seabra, Lourival Açucena, Elias Souto Filho, Pedro Pessoa de Melo, Lemos Filho, Aurélio Pinheiro, João Câncio, Joaquim Pinheiro, Ana Lima, Raul Fernandes, Pedro Amorim, Cícero Moura, José Júlio, Adalberto Peregrino, Tomás Salustino, Barôncio Guerra, além de alguns outros.

Logo depois vem **O Século**, 1895-1908, órgão da Associação Evangélica, dedicada à propaganda das suas idéias religiosas. Eram redatores dêste jornal, William Calvin Porter, João Ferreira, J. Soares e Seabra de Melo. Da mesma fase é **Diário do Natal**, 1895-1908, jornal político, tendo como redator-chefe, o Professor Elias Souto, jornalista combatente, em cujas páginas se encontram preciosos subsídios para o estudo da literatura norte-rio-grandense. Dô mesmo ano de 1895 é **Monitor Postal**, tendo como redatores Manuel Coelho e Joaquim

Vieira, dizendo-se **órgão consagrado aos negócios postais**. Era **quinzenal** e destinava-se a “pugnar pelo progresso e aperfeiçoamento do serviço postal, defender os interesses desta desprotegida e perseguida classe dos empregados postais, trabalhando em prol do desenvolvimento da instrução e franqueando suas colunas aos môços estudiosos, que tragam, como carta de apresentação, um pouco de talento”. (*Oásis*, 15-10-1895, Ano II, N.º 23, pág. 4). Em 1896, surge **O Eco**, **pequeno jornal literário**, na informação de Luís Fernandes. Clementina Câmara acrescenta tratar-se de um hebdomadário joco-sério, circulando aos domingos, fundado por **Ferreira Itajubá**, e polemizando com Chicó Araújo, que respondia pelas colunas de **O Fantoche**, (Discurso de posse na Academia). Em seguida vem **O Tagarela**, 1896, **pequeno no formato e grande nas idéias**, cujo primeiro número circulou no dia 22 de Março, dizendo-se **alegórico, literário e crítico**. No mesmo ano, 1896, aparece **O Peralta**, de Firmino Cabral, dado por Luís Fernandes como **jornalzinho de rapazes**. Nesse mesmo 1896 aparece **O Fantoche**, cujo primeiro número circulou a 8 de Março, dizendo-se **órgão dedicado a diversas coisas**. Nesse número, dizia *Oásis*, ..... (15-3-1896) “acha-se estampado um inspirado sonêto do insigne poeta Luís Guimarães, intitulado — **Quinze Versos**”. Alfredo de M., nosso inteligente e assíduo colaborador, e Eurico de L., êstes dois poetas potiguares que abrilhantam as páginas dos periódicos literários do Estado com suas produções poéticas, vêm figurando nas páginas do primeiro número d’ **O Fantoche**”. Alfredo de M. era Urbano Hermilo e Eurico de L. não lhe descobri o nome verdadeiro. Outro jornalzinho literário que merece destaque, nesse ano de 1896, é **O Futuro**, **periódico enciclopédico**, sob a direção de Souto Neto e Galdino Filho. O seu primeiro número circulou no dia 1.º de Abril. Era semanário e se propunha a **estimular o cultivo das letras e trabalhar pela instrução popular**. Êsse ano de 1896 é abundante em publicações dêsse gênero. Além dos citados, Luís Fernandes registra mais **O Fonógrafo**, **O Trem**, **O Maquinista**, **jornalzinho crítico**, **O Planêta**, **pequeno jornal literário**, **O Binóculo**, **A Onça**, **A Bala**, **O Passageiro**, **Carlos Gomes**, poliantéia dedicada à memória do celebrado compositor brasileiro, tendo como proprietário José A. de Viveiros e colaboradores diversos norte-rio-grandenses. Ainda nesse ano de 1896 publi-

cou-se, em Natal, **O Guarací**, periódico quinzenal, e **O Jacobino**, sob a responsabilidade de Luís Peixoto e Teófilo Marinho.

## X V I I I

O ano de 1897 se inicia com duas fortes manifestações literárias. A primeira é **A Manhã**, pertencente a Manuel Virgílio Ferreira Itajubá e Henrique J. de Oliveira, que circula a 2 de Abril. (**OASIS** — 15-4-1897, Ano IV, N.º 54, pág. 2) e a segunda é **A Tribuna**, órgão da Associação Congresso Literário, tendo como redator-chefe, José de Viveiros, redator-secretário, Ezequiel Wanderley e redatores Manuel Coelho, Francisco Palma e Antônio Marinho. Fizeram ainda parte da redação de **A Tribuna**, Ovídio Fernandes, Francisco Palma, Augusto Wanderley, José Pinto, Horácio Barreto, Henrique Castriçano, Manuel Dantas, Galdino Lima, Sérgio Barreto, Pinto de Abreu, Antônio Soares, Pedro Avelino, Honório Carrilho e Sebastião Fernandes, todos figuras marcantes na história da literatura norte-rio-grandense. Circulou até 1904. Luís Fernandes, resumindo a história dessa revista, transcreve um soneto de um dos seus colaboradores, Francisco Palma, que merece ser divulgado:

### M i g u e l i n h o

Herói! neste recanto abençoado,  
Nesta nesga de pátria soberana  
A tua história límpida espadana,  
O brilho do dever, sacramentado.

E dessa história penso que dimana  
Sôbre a alma do povo denodado  
O evangelho rútilo e sagrado  
Que lhe ensinaste em tua vida insana.

Quiseste propagar uma utopia,  
Mudar num sonho dourado a tirania,  
E esta deu-te a morte por sentença.

Porém de teu divino pensamento  
Medrou, cresceu o cândido rebento  
No colo amigo desta pátria imensa.

Depois de *A Tribuna*, segue-se *O Íris*, 1897-1898, periódico literário, puramente literário, dizia no seu programa, órgão do Grêmio Castro Alves, tendo como redatores V. Benevides, Raul Fernandes, Antônio Soares, Pedro Amorim, Adalberto Amorim, José Nunes, Lourenço Gurgel e Manuel Henrique. Publicação quinzenal, teve o seu primeiro número publicado no dia 12 de Junho de 1897 e encerrou as suas atividades no dia 23 de Setembro de 1898.

## X I X

De 1897 a 1907 vive *Oito de Setembro*, revista católica, muito bem escrita, dedicada aos problemas da Igreja e contando com a colaboração de sacerdotes e leigos. Entre os primeiros podemos citar o Padre João Maria Cavalcanti de Brito, fundador e diretor da revista, o Padre Moisés Ferreira, o Padre Matias Freire, o Cônego Severiano de Figueiredo, o Cônego João Castro, Monsenhor José Paulino, Padre Irineu Sales, e entre os segundos Auta de Souza, Segundo Wanderley, José Alcino, João Soares, Ana Lima, Cirilino Pimenta, Ivo Filho e outros.

Segundo Wanderley, já então, laureado poeta, na expressão de *Oito de Setembro*, publica, nesta revista, inúmeras produções, dentre as quais destacamos esta dedicada à veneranda memória do augusto árbitro da Igreja Católica, o Papa Leão XIII, falecido em Roma, no dia 20 de julho de 1903.

Só do Profeta a lira cintilante  
Pode cantar-te o Gênio imaculado  
Nos fulgores da Graça assinalado,  
Nos combates da Crença triunfante.

Teu fluido ascende à Glória irradiante,  
Entre as preces do mundo ajoelhado  
Como a Hóstia da Paz, transfigurado,  
Numa visão edênica de Dante.

Pode em cinzas tornar-se a fria argila,  
Mas o Verbo do Mestre não se cala,  
O Divino Ideal não se aniquila.

É rei que os reis mais nobres avassala,  
Quem tem por cetro a Cruz, que não vacila,  
Quem tem por trono a Fé que não se abala!

Ainda em 1897 surge **O Trepador**, **jornalzinho crítico**, publicado por Francisco Ferreira de Araújo, cuja atuação na imprensa periódica de Natal e de Macau é digna do melhor registro. O primeiro número deste jornal circulou no dia 2 de Agosto de 1897.

No mesmo ano, 1897, aparece **O Raio X**, igualmente publicado por Francisco Ferreira de Araújo. Dêste mesmo ano, 1897, são também **Diário Semanal**, de Teófilo Marinho, **O Recreio**, **jornal literário**, segundo dêste nome, e **O Eden**, **periódico literário, noticioso e crítico**, fundado por Gotardo Neto e Pedro Mendes, tendo como redatores Evandro Sipiús, Fulgêncio Simas, Alberto Smith, Leonel Fialho, Eduardo Seixas, Fernando Seixas e outros.

## X X

De 1898-1900 é a **Revista do Rio Grande do Norte**, dirigida por Antônio de Souza e dizendo-se órgão do Grêmio Polimático, tendo como redatores Alberto Maranhão, Manuel Dantas, Tomás Gomes, Pedro Avelino, e colaboradores Augusto Lira, Pinto de Abreu, Homem de Siqueira, Auta de Souza, Ferreira Chaves, Horácio Barreto, Henrique Castriciano, Meira e Sá, Juvenal Lamartine, Alfredo de Carvalho, pernambucano, Pedro Soares de Araújo, Luís Fernandes e outros. Nesse grupo estão, sem dúvida, os nomes mais representativos da cultura provinciana. Estão governadores, deputados federais e senadores. Estão juristas, educadores, ministros, concorrendo com poetas, literatos, jornalistas, historiadores, economistas. São os donos da política, dos destinos do Estado, quando não havia ainda luta de classe. É o grupo dos poderosos do dia, bem distante, bem separado dos demais grupos que fervilhavam nas rodas literárias de então. Esse grupo, justiça seja feita, se recomenda não só pelo valor pessoal de cada um dos seus membros, mas sobretudo pela contribuição intelectual que deixou em ensaios, livros e promoções várias. A revista que serve de órgão ao Grêmio Polimático só por si define o grupo que a mantém. É uma espécie de descoberta do Rio Grande do Norte e dos seus valores. Antônio de Souza escreve

sôbre o tricentenário da Cidade do Natal, 1597-1897. Alberto Maranhão esboça a história da Capitania, em traços rápidos e brilhantes. Manuel Dantas faz a crônica científica, demonstrando conhecimento, citando autores, divulgando escolas, discutindo problemas. Homem de Siqueira escreve sôbre hipnotismo, mostrando estar bem informado do assunto. Auta de Souza publica uma poesia que começa dizendo: **astros celestes, docemente louros...** Augusto Lira escreve sôbre política. Henrique Castriano publica **O Nada**, fragmento do capítulo VI do romance **O Tísico**. Pedro Avelino aparece com **Aspectos Sertanejos**, numa tentativa de explicação sociológica do homem e do meio sertanejos. Juvenal Lamartine, orador da sua turma, na Faculdade de Direito do Recife, a 7 de Dezembro de 1897, lê o seu discurso que é publicado sob o título — **A Evolução do Direito**. Tomás Gomes estuda **O Celibato Clerical**. Meira e Sá publica **Uma Questão Jurídica**. Alfredo de Carvalho, historiador pernambucano, publica **Catálogo dos Jornais do Rio Grande do Norte, 1832-1898**. Luís Fernandes escreve **Sôbre Processo Criminal**.

O que há de mais curioso nessa revista é a **Mensagem de simpatia e aplausos**, dirigida ao romancista francês, Emile Zola, pela atitude assumida na Questão Dreyfus, subscrita pelos membros do **Grêmio Polimático**, do **Congresso Literário**, do **Grêmio Le Monde Marche**, do **Grêmio Castro Alves**, além dos Drs. Juvenal Lamartine e Augusto Bezerra e dos Srs. Fortunato Aranha e Manoel Pinto Meireles.

Este documento, se não é o único na história da literatura norte-rio-grandense, é, sem dúvida, o primeiro que se escreve e é dirigido a homem de letras de outro continente, mostrando que as fronteiras geográficas não apagam nem limitam as fronteiras do espírito e da inteligência.

É o seguinte o manifesto dos intelectuais do Rio Grande do Norte, dirigido a Emile Zola:

“Mestre,

Permiti-nos, a nós filhos da pátria brasileira, a liberdade de enviar-vos as nossas saudações de viva simpatia e os protestos do nosso respeito e admiração os mais sinceros e profundos.

Para honra da humanidade, como um sinal de sua nobreza e supremacia entre as demais espécies e como garantia indestrutível da sua perfectibilidade, existe felizmente um laço impalpável e invisível, mas real e resistente, denominado solidariedade das almas — sublime traço de união do homem com o homem através dos tempos, através das distâncias e dos mares que dividem os continentes e apartam os povos.

E essa nota doce e pura do sentimento, traduzindo a expressão nobre e divina da alma humana, é a fôrça mater que eleva e coloca o homem ao nível de seus destinos, para além da atmosfera nebulosa do êrro, abrindo-o das correntes empolgantes das paixões que avassalam e obcecam, dos interêsses que pervertem e aviltam, do ódio que cinde, que intoxica e desnatura.

Todos quantos até hoje se têm desviado da rota comum, atravessando com a coragem dos predestinados a região árida e brumosa do egoísmo e do êrro que pejam os corações e enuviam os espíritos, extremam-se como figuras excepcionais, como sêres sintéticos da seleção biológica de tôda uma geração, consubstanciando as energias afetivas e as virtudes plásticas que surdem num dado ciclo histórico da humanidade.

E vós que haveis escalado, com valor admirável, o muro sinistro de grosseiros prejuízos sociais, demolindo-os com a ação fecunda, tenaz e incruenta na vossa pena, pelo poder do esforço infatigável e aferrado de vossa fé, pela combatividade impertérrita e firme do vosso espírito, pela pujança genial de vossa inteligência, deveis possuir a consciência dessa grandeza e ter sempre presente aos olhos dalma a visão consoladora dessa esfera do belo e do útil, onde lucila a vênus formosa da verdade, esfera sôbre a qual deve desdobrar-se, protetora e incorruptível, a providência viva de Deus.

É para êsse ponto máximo dos nossos destinos que convergem as vistas e se encaminham os passos dos guias espirituais dos homens, privilegiadas criaturas a quem cumpre, como outrora ao chefe hebreu, a missão augusta de abrir caminho, seja na agrura ardente e apavorante de ínvios desertos, seja — o que é mais perigoso e difícil — no campo subjetivo e meandroso da inteligência, muita vez refractário à semente do bem, esterilizado pelo estrato espêssos de múltiplos preconceitos que aí se conglobaram.

Mas as almas anseiam pelo amor, pela verdade, pela justiça com o pendor, com a fôrça inelutável dos corpos para o centro de gravidade. É preciso apenas para derrocar essa antemural do egoísmo e da superstição, que se interpõe e obscurece a nitidez e a beleza do supremo ideal, que surjam homens de coragem e boa vontade à altura da missão tão humana do altruismo, a mais alta expressão da dignidade e nobreza da espécie.

O mundo civilizado proclama nesta hora agitada e ominosa da história de vossa pátria uma verdade — que vós haveis, com a vossa intervenção na questão Dreyfus, realizado o tipo respeitável e augusto dos abnegados perseguidos, aos quais a divina promessa assegura o prêmio inalienável, incorruptível de uma justiça e paz inefáveis. E vós, no caso vertente, deveis ter já a prova inconcussa da verdade dessa palavra do Evangelho — pelo gôzo íntimo da satisfação em que repousa a vossa consciência, robustecida na fé, fortalecida pela certeza do dever cumprido, consolada e enaltecida por êsse culto universal de admiração, simpatia e respeito com que os representantes da cultura moral do século vão à porfia significando-vos que a extraordinária benemerência da vossa obra vos há sagrado um cidadão da humanidade.

Desapareceram para logo as fronteiras geográficas que vos tinham adstrito pelo sentimento ao solo nativo, aliás fecundo e generoso, mas, em verdade, diminuído e apoucado, qual êle agora se nos mostra, para conter uma personalidade que se desdobra numa esfera impessoal, sobrepujante das raias convencionais das nacionalidades, a qual amplifica-se e alteia-se na envergadura dos heróis do escol da espécie para repousar no seio da universal família, condigna pátria dos que se impõem, nobilitando-a por tal forma.

Conhecedores da história do célebre processo Dreyfus, temos acompanhado com vivo interêsse tudo quanto lhe diz respeito, máxime na sua fase mais importante, assinalada pela vossa inolvidável intervenção no intuito de provocar a revisão daquele acervo monstruoso de iniquidades judiciais, com que atiraram vilipendiosa afronta às faces da civilização do século e estamparam um padrão de indelével vergonha nos anais gloriosos do vosso país, pelos fatos correlatos e naturais consequências que dêles derivam.



Aos vossos sentimentos de elevado patriotismo pedimos vênia para consignar aqui a mágoa com que foi decepcionada a nossa alma de latinos por afinidade étnica, por filiação espiritual e por tendência afetiva dos sentimentos, ao contemplarmos êsse eclipse que tem empanado o opulento e poderoso cérebro francês, fazendo os vossos compatriotas recuarem, num delírio obsessional, aos tempos nefastos da ferocidade religiosa e do ódio de casta.

Essa lúgubre reminiscência da história medieval, que aflige ainda como um remorso à moderna consciência neolatina, esbatia-se já na penumbra dos tempos e tinha de mais em mais a diluir-lhe as sombras espectrais o contraste sublime da monumental epopéia de 89, em que a vossa pátria aparecia aos olhos do universo como evocada dos seios de uma aurora redentora, apresentando aos povos o evangelho nôvo da regeneração social.

E destarte é que nós, os filhos da livre América, estávamos acostumados a estremecer e a contemplar a França, grande, generosa, humanitária e fecunda, comunicando-nos através das correntes atlânticas a seiva vigorosa, sadia e juvenil de sua mentalidade, nutrindo-nos ao influxo poderoso de sua civilização.

De repente, e sem os preparos que antecedem às profundas transições históricas, assistimos, feridos de horror, ao espetáculo macabro de um delírio contagioso e maligno, afetando a amada metrópole do pensamento latino, deformando-lhe a estrutura majestosa, deturpando a beleza estética de suas formas épicas.

Vimos que sob a ação dissolvente do acúleo, do ódio sectário e do exclusivismo de raça erigiu-se na capital francesa o patíbulo oficial da difamação e do assassinio da inocência, transformando-se os templos de Themis em lôbregos tribunais de inquisição, e os sacerdotes da justiça em abomináveis sicofantas, em ferozes Torquemadas. A voz da justiça, os brados clamorosos da inocência, os direitos mais caros da civilização, tudo foi abafado numa asfixia de morte, conculcado com desprezo pelo tacão férreo da tirania e pela fúria minaz das turbas apopléticas.

Na acuidade de tal crise manifestou-se em vossa pátria um verdadeiro colapso moral; mas, quando mal respirava-se naquele ambiente de chumbo, tivestes vós

felizmente as energias precisas para um esforço supremo, quase sobre-humano, para relevantar o espírito de nobre independência e justiça paralisado numa inação cata-lética. Erguestes-vos à maior altura do século e fostes o órgão de um apêlo de justiça sancionado pelo veredicto unânime da civilização contemporânea. E desde então tendes traçado dia a dia em caracteres áureos a história da vossa grandeza imortal ao lado dessa página de lama e luto, de decadência e ignomínia, que ferreteia a França involvidavelmente.

Tendes sido desde aquêle dia o alvo dileto de toda sorte de apodos, de insultos, de suspeitas vis e infamantes, de ignóbeis desacatos, de ameaças ferozes e tentativas homicidas e, por essa via dolorosa, levaram-vos à barra dos tribunais, onde encontrastes a mesma justiça que enviou Alfredo Dreyfus para o suplício de um destêro perpétuo.

A *Cour d'Assises*, convertida numa sucursal do tribunal militar que julgou Dreyfus, proferiu a vossa condenação! E foi quando a notícia de mais essa revoltante iniquidade chegou ao Brasil que nós, mocidade do Rio Grande do Norte, por iniciativa do Grêmio Polimático, órgão da presente manifestação a que aderiram as demais associações literárias dêste Estado, resolvemos por êste meio significar ao eminente mestre da literatura moderna, a vós cidadão egrégio da grande pátria universal, a nossa admiração, as nossas profundas simpatias e o mais alto acatamento a que vos tendes sabido impor.

Ê o tributo espontâneo, fervoroso e sincero de corações e espíritos brasileiros que têm haurido preciosíssima seiva no manancial fecundo de vosso talento e do vosso saber, tanto quanto, da memorável lição de rara virtude que nesta hora ofereceis ao universo, tiram o profundo ensinamento de honra e valor moral mais edificantes de que pode um homem dar exemplo.

Com as seguranças dêstes sentimentos, aceitai também a expressão do nosso júbilo e as nossas efusivas felicitações pelo ato altamente nobre e justo que acaba de chegar-nos à notícia, de haver a *Cour de Cassation* anulado a sentença que vos condenou.

Praza aos céus que êste fato tão auspicioso seja o primeiro da série de reparações morais com que urge à França reabilitar-se perante a civilização.

Natal, 10 de Abril de 1898”.

O **Grêmio Polimático**, além da **Revista do Rio Grande do Norte**, publicou o livro **Ruínas**, versos, de Henrique Castriciano, e logo depois, **Mãe**, poemeto, do mesmo autor. Como futuras publicações, anuncia: **Hôrto**, versos, de Auta de Souza; **Alma e Pátria**, poema cívico, de Homem de Siqueira; **A Vida Potiguar**, crítica de costumes, de Antônio de Souza; **Horas de Ócio**, história e literatura, de Alberto Maranhão; **Favônios**, contos e crônicas, de Zeferino Arruda; **Corografia do Rio Grande do Norte**, de Alberto Maranhão; **O Enjeitado**, drama, de Henrique Castriciano; **Suprema Dor**, drama em verso, de Henrique Castriciano; **Cinzas**, versos, de Henrique Castriciano. Em preparação mencionava: **Livro Azul**, contos e fantasias, de Manoel Dantas; **A Redenção de Satã**, poema simbólico, de Henrique Castriciano; **O Tísico**, romance, de Henrique Castriciano; **Ensaio Filosófico**, de Antônio de Souza; **Do Canto à Bica**, crítica de costumes, de Policarpo Feitosa, pseudônimo de Antônio de Souza; **Combates**, ensaios literários, de Pedro Avelino. Todo êsse entusiasmo não passou das páginas da revista, com exceção talvez, de dois ou três livros que conseguiram vir à luz da publicidade, no período do **Grêmio Polimático**. Tem sido êste o destino efêmero das revistas, dos jornais e das associações literárias de tôdas as épocas.

Da mesma época, 1898-1899, é **O Estudo**, órgão imparcial e noticioso, tendo como diretor e redator Moisés Soares, sendo seus colaboradores Ana Lima, Gotardo Neto e Pedro Mendes. De igual período, 1898-1899, é **O Progresso**, dirigido por João Soares de Araújo, fazendo ainda parte da sua redação Moisés Soares, Teodorico Guilherme, Pedro Soares Filho e Alfredo Fernandes. Seguem-se, de 1898, **O Orador**, órgão imparcial, **O Rato** e **A Catita**, 1898-1899, órgão noticioso, sob a direção de José Ramos. No mesmo ano, 1898, vem **A Mensagem**, pequeno jornal evangélico, dirigido pelo estudante Samuel Ramos, na informação de Luís Fernandes. De 1898-1899 é **Miscelânea**, periódico literário, órgão da Academia Literária Norte-Rio-grandense, precursora dêsse tipo de instituição entre nós. O seu primeiro número, segundo Luís Fernandes, publicava **Tímida**, conto de Adrônico Guerra; **O Poeta**, de Pedro Alexandrino; **Sempre-Viva**, de João Dantas; **Inocência e Pudor**, de Osório Fernandes. Eram redatores de **Miscelânea**, Raul Fernandes, Lourenço Gur-

gel e Manuel Henrique, e secretário, José Gotardo Emerenciano. Encerrando as atividades literárias do século XIX surgem **O Gênio, literário e noticioso**, **A Abelha**, e **A Espora**, pequeno jornal infantil, todos no penúltimo ano do século, 1899.

## X X I

O século XX tem início com **Gazeta do Comércio**, 1901-1908, sob a direção de Pedro Avelino, cujo primeiro número circulou por ocasião de uma festa "na qual tomaram parte, segundo Luís Fernandes, representantes da imprensa local e das sociedades literárias e outras pessoas gradas desta cidade". Dêste jornal faziam parte, Pedro Avelino, brilhante e primoroso jornalista, Pedro Alexandrino, Severino Silva e Augusto Leite, êste encarregado da parte técnica. Pedro Alexandrino e Severino Silva eram bem dignos da companhia de Pedro Avelino. Nenhum dêstes ficará devendo menagem ao grande jornalista potiguar. Em outro capítulo serão melhor estudados.

De 1902 é **O Enciclopédico**, redatoriado por Vital Cavalcanti, João Gualberto e Milton Carrilho.

De 1902-1903 é o **Album**, órgão do Grêmio Literário Frei Miguelinho, em que colaboram Gotardo Neto, Américo Lopes, Hildebrando de Barros, Alcebíades Lisboa, Joaquim Cavalcanti, Georgino Avelino e Ciro Tavares. Dêste grupo destacaram-se Gotardo Neto, brilhante sonetista que teve publicado, depois de morto, o livro **Fôlhas Mortas**; Georgino Avelino, jornalista, orador brilhante e político; e Ciro Tavares, poeta, de cujas produções destacamos esta, a título de apresentação:

### P r i m a z i a

Eu tenho um louco amor às Julietas,  
As Lídias e Jacis causam-me agrado;  
Não posso ver jamais as Marietas  
Sem ficar aos seus pés ajoelhado.

As Eulálias são minhas prediletas,  
Elisas e Beatrizas tenho amado;  
Por Leonores, Anitas e Anicetas  
Me vejo eternamente apaixonado.

Procuro sempre ver as Olindinas;  
Amo Helenas e Coras e Corinas,  
As Amálias, Amélias e Matildes.

Nas Sofias e Inás trago o juízo,  
Com muitas, finalmente, eu simpatizo!  
— Mas guardo o coração para as Clotildes...

## X X I I

De 1903 é a **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, fundada por imposição estatutária logo depois da criação do Instituto. Da sua comissão de redação têm participado os nomes mais representativos da nossa história cultural. Alberto Maranhão, Luís Fernandes, Pedro Soares, Pinto de Abreu, Henrique Castriciano, Vicente de Lemos, Nestor Lima, Antônio Soares, Luís da Câmara Cascudo, Raimundo Norato, Tarcísio Medeiros, sem falar nos colaboradores que são muitos e valorosos. De 1903 a 1905 é **O Dia**, órgão do Grêmio Literário Sete de Setembro, tendo como redatores Nascimento Fernandes, Josué Silva e Luís Soares. Em seguida vem **A Liberdade**, 1904-1905, dizendo-se **órgão literário e independente** e tendo como diretor Francisco Pereira da Silva, redator-chefe João Galvão e mais tarde Júlio Duarte. De 1904 a 1908 vive **O Potiguar**, afirmando-se **literário, noticioso e humorístico** e pertencente ao Grêmio Doze de Outubro. Dizia-se também **alheio às questões políticas e religiosas e dedicado somente ao cultivo da literatura rio-grandense**. Deste jornal faziam parte Cirilino Pimenta, Francisco Ivo, Manuel Januário, Gomes da Silva, Angione Costa, Alves Mipibu, Ponciano Barbosa, Jorge Fernandes, Clementino Câmara, Antônio Emerenciano, Antônio Glicério, Ferreira Itajubá e Gotardo Neto, “dois inspirados cultores da lira potiguar”, na expressão de Luís Fernandes. Esta opinião é de 1912. Posteriormente, a situação mudou. Francisco Ivo, Angione Costa, Ponciano Barbosa e Jorge Fernandes assumiram posição de liderança competindo com os mais altos valores da província.

Logo depois, segue-se **União e Trabalho**, 1904-1905, órgão da Loja Maçônica Filhos da Fé, dedicado aos interesses da referida instituição. De 1905 é ainda **A Oficina**, revista maçônica. Segue-se a esta o **Vinte e Cinco de Mar-**

ço. Do mesmo ano, 1905, é **O Pirilampo**, que tinha Severino Silva como seu colaborador e Pedro Tomás como gerente. Dizia-se **órgão literário**. Em 1905, dizendo-se **órgão do Grêmio Literário Mocidade Católica**, surge **Vinte e um de Junho**, redatoriado por Luís Soares, Heitor Carrilho e Anfilóquio Câmara. De 1905 a 1907 é **O Trabalho**, **órgão literário semanal**, cujo redator era Antônio Coriolano, transformando-se depois em **órgão dos interesses do povo**, sob a direção mental e política de Pedro Avelino e gerência de Augusto Leite. Ainda em 1905 surge **A Verdade**, **órgão do Clube União dos Amigos**, tendo por redator-chefe Antônio Glicério e redatores: Raimundo Coelho, Diógenes Pinheiro, Gomes da Silva, Alves Mipibu e Josué Silva. Editor, Joaquim Rodrigues e procurador, Malheiro Góis, duas entidades curiosas para o tempo. Ainda neste ano de 1905 aparecem **Zé Povinho**, **pequeno jornal humorístico**, segundo informa Luís Fernandes, e **O Arurau**, que circulou de 1905 a 1908, **periódico jocoso, noticioso e fogoso**, tendo por responsáveis Pedro Tomás e Francisco Pereira, auxiliados por José Alves, Manuel Martins e Luís Gomes.

De 1906 a 1907 é **O Lavrador**, **órgão da Sociedade Agrícola do Rio Grande do Norte**, cujos redatores eram Manuel Dantas, Domingos Barros, Pinto de Abreu, Antônio de Souza e Henrique Castriciano. A êste segue-se **O Bloco**, 1906-1908, **jornal crítico**, e logo a êste **O Caboré**, 1906, também **crítico**, sôbre o qual escreveram os rapazes de **O Arurau**, contra o qual se batiam:

Depois de um viver imundo  
De feitos ruins e banais,  
Um jornaleco aqui jaz  
À sombra dum igarapé...  
Chorai por êle, chorai,  
Chorai pelo Caboré...

De 1906 a 1907 vive **A Evolução**, **jornal maçônico**. No mesmo ano, 1906, surge **OKU**, **jornalzinho apasquinado**, na expressão depreciativa de Luís Fernandes. De 1906 a 1908 é **O Potengi**, fundado por Júlio Pinheiro, Manuel Pimenta e Pedro Pimenta, **tipógrafos profissionais**, e João Pimenta.

A tipografia ficava na Rua da Campina, depois Sachet, hoje Duque de Caxias. **O Potengi** circulava aos

domingos e seus colaboradores, além dos fundadores, eram Gotardo Neto, Manuel Virgílio Ferreira Itajubá, Antônio Glicério e o normalista Gonzaga Galvão.

Júlio Pinheiro é o mesmo Júlio César da Câmara, residente em Serra Negra do Norte, tabelião aposentado. Em 1907, depois da morte do consagrado poeta Lourival Açucena, aparece **Lourival Açucena, poliantéia de seis páginas**, publicada pela **Oficina Literária Norte-Rio-grandense**, em homenagem à memória do inolvidável seresteiro potiguar. Luís Fernandes, no seu exaustivo trabalho sobre a imprensa periódica no Rio Grande do Norte, transcreve a poesia **Morrer Sonhando**, de Ivo Filho, sobre a figura do homenageado, reprodução que se impõe, pela justiça da homenagem e pelos méritos do seu autor:

### Morrer Sonhando

**Recitado pelo autor à borda do túmulo do venerando poeta, na ocasião do seu sepultamento.**

#### I

O mundo é um caus profundo, inveterado e triste...  
Vamos, musa, chorando!... A alma não resiste  
Viagem como esta empreender sòzinha...  
Anda, vamos depressa, é já quase noitinha...  
A viagem é bem longa e a estrada é deserta,  
Sinuosa, sombria e de cardos coberta.  
Isto disse o poeta à Musa enlanguescida,  
Numa alucinação tortuosa da vida

#### II

Caía, então, a noite, amena e silenciosa,  
E a luz, esmaecida e exausta de cansaço,  
Parecia sentir tristeza misteriosa  
Galgando as amplidões intérminas do espaço!  
E o poeta, ao fitá-la, ansioso e absorto,  
Na trágica expressão do olhar sanguinolento,  
Tinha a forma senil de um ente semimorto,  
Quando, contemplativo, exangue, macilento,  
Via fugir, tristonho, a última esperança...  
E disse: Ó! lua triste, angelical Diana,  
Que tens a candidez de inocente criança,

Admira o que sofre a natureza humana,  
Tôda cheia de tédio e crueis desenganos,  
— Vergando, assim, contrita, à passagem dos anos  
Não vês? Fui eu, outrora, um vate, um trovador,  
Que cantava, a sonhar, as agruras do amor...  
E, sem nunca atender nem um só preconceito,  
Vaguei, na mocidade, em plena boemia,  
Trazendo, no meu lábio, um rir de satisfeito,  
Cheio de sonho e amor, quer noite fôsse ou dia,  
E agora? Eis quase extinta a vida desejada...  
Nem sombras vejo mais da passada alegria...  
Sòmente um dobre agudo o sino salmodia  
E um leito, a mim aberto, a golpes de uma enxada!

### III

E calou-se, depois, o vate encanecido,  
Contemplando, abismado, os antros n'amplicidão,  
Como se assim ouvisse algum surdo gemido  
Vindo do coração!

E, então, nessa expressão angélica e tristonha,  
Como outrora, morreu, no Gólgota, Jesus,  
Êle deixou finar-se, em ânsias de quem sonha,  
Espalhando, no mundo, um sorriso de luz.

Depois da poliantéia **Lourival Açucena** surge **Pax**, 1907-1908, órgão do Grêmio Literário Augusto Severo, sob a orientação de Anfilóquio Câmara, Otávio Augusto Severo e Cirilino Pimenta. Deste jornal fizeram parte também Nascimento Fernandes, Luís Soares de Araújo e Gotardo Neto como colaborador. No mesmo período, 1907-1908, surge **O Binóculo**, dirigido por Zeca Gaspar e Acrísio Maia. Êste, segundo Luís Fernandes, não passava de um pasquim mal escrito e sem idéias.

Logo em seguida, vem **O Dia**, 1907-1908, **pequeno jornal literário**, depois denominado **O Natalense**, 1908. Ainda de 1908 é **Luz da Infância**, órgão da Sociedade Infantil Filhos do Concerto, sob a direção de Clementino Câmara. Segue-se a êste **O Natalense**, 1908, anteriormente mencionado, **órgão literário, noticioso e humorístico**, a cargo dos estudantes João Carlos, Henrique Ávila, aos quais juntou-se, mais tarde, Oscar Wanderley. Aparece também em 1908 **O Becho**, **órgão noticioso e crítico**, dirigido por J. H. Pivaut e Natalino, K. Piquet, decla-



rando que a correspondência deveria ser enviada a José Felismino da Silva e Gustavo Menezes, segundo informação de Luís Fernandes. A **Capital** é de 1908, dirigida por Galdino Lima, Honório Carrilho e Juvenal Antunes. Faziam parte da redação Gotardo Neto, **redator literário**, e Nestor Lima. Entre as grandes iniciativas dêste jornal, destaca-se a publicação de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, em Folhetim, talvez inédita, em tôda a história do jornalismo brasileiro. Nestor Lima nos dizia que a redação de **A Capital** constituiu-se naquela época em um dos mais atuantes centros do euclidianismo brasileiro, comprovado aliás pela publicação do livro, em rodapé, como também pela inauguração do retrato do escritor na sala de trabalhos do jornal. Isto se deu antes da morte do autor de **Os Sertões**. Luís Fernandes, tão minucioso no estudo da imprensa norte-rio-grandense, não faz menção a êsse fato. **O Torpedo**, órgão da Divisão Branca, é de 1908. **Jornal crítico e literário**, é de pouco interêsse para a história da literatura norte-rio-grandense.

(Continua)

# ATAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO HISTÓRICO

1964 — 1965

## ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 1964

Presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich.

Aos vinte e dois de fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, realizou-se uma sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, às 16 horas, conforme convocação feita pelo Diário Oficial do Estado, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Tarcísio da Natividade de Medeiros, Abelardo Calafange, Francisco Ivo Cavalcanti, João Epitácio Fernandes Pimenta, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Monsenhor José Alves Landim, Professôres Ulisses Celestino de Góis e Caetana de Brito Guerra e Sr. Antônio Antídio de Azevedo.

Deixaram de comparecer por motivos justificados os sócios: Drs. Rômulo Chaves Wanderley, Manoel Vareia

de Albuquerque, Hélio Mamede de Freitas Galvão e Professor Moacir de Góis.

Em virtude da ausência do 2.º secretário, deixou de ser lida a ata da sessão anterior.

O Sr. Presidente prestou as seguintes informações acêrca de algumas medidas tomadas depois da última sessão.

1 — Realização solene da entrega do Pelourinho ao Instituto Histórico no dia 24 de dezembro de 1963. Falaram na solenidade o Prefeito da Capital, Djalma Maranhão, fazendo a entrega e o Dr. Enélio Lima Petrovich, fazendo um ligeiro relato da vida do Pelourinho, e agradecendo, em nome do Instituto Histórico, a sua devolução.

2 — Providência sôbre a entrega da biblioteca do Dr. Nestor Lima ao Instituto Histórico e Geográfico.

3 — Conversa com o Chefe da Casa Civil do Estado acêrca de providências em benefício do Instituto.

4 — Providência junto à Prefeitura para o pagamento das subvenções federais:

De Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) para o Museu do Instituto Histórico.

De Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) para o Instituto Histórico.

Sôbre as aludidas verbas federais, o Sr. Presidente manteve contactos diários, digo, diretos quando estêve no Rio, em janeiro findo, com quem de direito para recebimento imediato das mesmas.

Em seguida o 1.º secretário procedeu à leitura do expediente que constou do seguinte:

Ofício do Sr. Fernando Barbosa de Carvalho, Presidente em exercício do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão;

Ofício do Sr. Virgílio Corrêa Filho, 1.º secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;

Ofício do Monsenhor Senador Walfredo Gurgel, todos agradecendo a comunicação da eleição do Presidente e do 2.º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte;

Carta do Dr. Fernando Meira de Vasconcelos, comunicando o falecimento do Dr. Luís Potiguar de Oliveira Fernandes, no Recife, a 12 de dezembro de 1963 e o legado que deixou para o Instituto de oito volumes

da obra "Nouveau Larousse Illustrée", que se acha em seu poder para ser entregue ao mesmo Instituto;

Officio circular do Dr. Geraldo José de Melo, Presidente da Fundação de Habitação Popular do Rio Grande do Norte, comunicando sua eleição para Presidente da referida Organização;

Officio do Tenente-Coronel Waston Veiga de Almeida, Bibliotecário da Diretoria Geral da Intendência do Exército, solicitando a remessa de obras editadas pelo Instituto;

Officio do Sr. Moacir Medeiros de Santana, Diretor do Arquivo Público de Alagoas, enviando um exemplar n.º 1 da Revista dessa Instituição;

Officio do General Ademar de Oliveira Cruz, Diretor do Serviço Geográfico do Estado Maior do Exército, solicitando a cooperação do Instituto no sentido de ser encontrado o manuscrito intitulado "Mapa da Comarca do Rio das Mortes", desaparecido daquela repartição;

Officio do Sr. Nicanor Freire de Lira comunicando a instalação do Município de Vila Flor, no dia 1.º de Fevereiro dêste ano e a sua posse do cargo de Prefeito;

Telegrama dos Srs. Gentil Garcia e Exedito Garcia agradecendo os pêsames enviados pelo Instituto por motivo do falecimento de seu genitor, Prof. Alexandre Celso Garcia e pedindo agradecer ao Desembargador Silvino Bezerra Neto a proposta da inserção de um voto de pesar na ata da sessão;

Officio da Biblioteca de Ciências da Hungria solicitando permuta de publicações daquela corporação com as do Instituto;

Catálogo da G. K. Hall & Co. de Boston, Estados Unidos;

Programa do Concurso da "A Tribuna", de Santos, sobre a vida ou Obra de Aquilino Ribeiro.

Terminada a leitura do expediente o Sr. Presidente propôs que constasse em ata um voto de pesar pelo falecimento do Dr. Luís Potiguar Fernandes, ilustre norte-rio-grandense, falecido em Recife, em dezembro do ano passado, conforme comunicação do Dr. Fernando Meira, lida no expediente.

Constou também em ata a valiosa doação que o ilustre desaparecido fêz ao Instituto Histórico de 8 (oito) volumes de "Nouveau Larousse Illustrée", que o Sr. Pre-

sidente agradeceu em nome da casa, por telegrama, cujo teor é o seguinte: “Dr. Fernando Meira de Vasconcelos — Recife — Nome Instituto agradeço legado Dr. Luiz Potiguar Fernandes, eminente conterrâneo falecido aí fins 1963. Encareço todavia aguardar portador êste Instituto. Mandarei constar ata sessão sábado valiosa doação. Saudações. Enélio Lima Petrovich — Presidente Instituto Histórico e Geográfico - Rio Grande do Norte”.

Com a palavra ainda o Sr. Presidente solicitou aos confrades que entregassem à Secretaria do Instituto ou ao Dr. Tarcísio da Natividade Medeiros alguns trabalhos para serem publicados no próximo número da Revista.

E como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, às dezesseis horas e quarenta minutos. Para constar, eu, Manoel Rodrigues de Melo, 1.º Secretário, na ausência do 2.º redigi a presente ata que escrita pelo 2.º secretário será devidamente assinada.

**NOTA:** Emenda apresentada pelo Desembargador Silvino Bezerra: Um dos signatários do telegrama, agradecendo pêsames enviados pelo Instituto pela morte do Professor Alexandre Celso Garcia, é Esperidião e não Expedito.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA EM 18 DE ABRIL DE 1964**

Aos dezoito dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, conforme convocação feita pelo Diário Oficial do Estado, edições de 15 e 17 do mês em curso, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Tarcísio da Natividade Medeiros, Boanerges Januário Soares de Araujo, João Epitácio Fernandes Pimenta, Paulo Viveiros, Veríssimo de Melo, Manoel Varela Santiago, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Dr. Moacir de Góis, professores Antô-

nio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Santa Guerra e Sr. Antônio Antídio de Azevedo.

Iniciando a sessão o Sr. Presidente determinou que o Segundo Secretário procedesse à leitura das atas de 21 de dezembro de 1963 e de 22 de fevereiro de 1964, — ambas aprovadas — a primeira com uma emenda.

Terminada a leitura das atas, o Sr. Presidente fêz as seguintes participações:

1 — A entrega da biblioteca do Dr. Nestor dos Santos Lima, constante de oito estantes, com mais ou menos seis mil livros, de História, Direito, Sociologia, Literatura, etc. Uma vitória conquistada.

2 — As providências que vem tomando junto ao Governo do Estado, não só sôbre a designação de três técnicos em biblioteconomia para organizarem e catalogarem todos os livros do Instituto. Leu officio dirigido ao Chefe da Casa Civil, do seguinte teor: "Natal, 14 de abril de 1964. Exmo. Sr. Jornalista Agnelo Alves, DD. Chefe da Casa Civil. Chega ao meu poder, na qualidade de Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o presente processo, com o despacho de V. Excia.

"Ao I.H.G. para informar a situação funcional dos funcionários requisitados — Agnelo Alves".

Esclareço, todavia, ao digno Chefe da Casa Civil, que os indicados pelo Instituto, para procederem imediatamente à organização e catalogação de todos os livros da biblioteca da referida entidade, não pertencem ao quadro dos servidores do Estado, conforme fiz referência na carta que encaminhei a Sua Excia., o Governador Aluísio Alves.

A verdade é que aceitam o contrato, digo, um contrato de trabalho, com o Estado, mediante 6 (seis) meses, a fim de realizarem aquêle serviço. E para êsse importante mister, cada um propõe receber Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) mensais.

Ressalto, porém, que, dos indicados, apenas Carmen Lêda Pereira não pode aceitar mais o aludido contrato, porquanto já é funcionária em repartição federal.

Em seu lugar, entretanto, apresento o nome de Frederico Petrônio Pessoa Jofily. Aliás, é bom repetir que os nomes escolhidos figuram entre os 9 (nove) aprovados no curso que realizou a Biblioteca Pública do Estado.

Abrindo um parênteses, participo a V. Excia. que

a biblioteca do Dr. Nestor Lima, composta de sete (7) estantes com mais ou menos três mil livros, já foi transportada para o nosso Instituto. Por aí se vê que é imperativo o trabalho de catalogação e organização dos milhares de volumes lá existentes.

Por outro lado, relembro a V. Excia. da necessidade de ser providenciada, também e com o devido tempo, a instalação do sanitário do Instituto, inclusive alguns reparos no teto do prédio e limpeza da parte externa do mesmo.

Certo, portanto, das medidas urgentes e indispensáveis de V. Excia. sobre os assuntos aqui ventilados, transmito-lhe os meus sinceros e cordiais cumprimentos, confiando, decisivamente, na imprescindível colaboração do nosso eminente Governador a nossa vetusta instituição (da qual também faz parte como sócio efetivo). Aliás, êsse propósito de Sua Excia. em querer ajudar o nosso Instituto Histórico está manifestamente claro através do seu preciso e precioso despacho constante neste processo:

“Tenho todo interêsse em ajudar ao Instituto Histórico e Geográfico — — — — Aluísio Alves”.

Atenciosamente, Enélio Lima Petrovich — Presidente do Instituto”.

3 — A valiosa colaboração que o Dr. Hélio Dantas vai prestar ao Instituto, ou seja a organização do índice geral, em ordem alfabética, das Revistas do Instituto, dos números 1.º ao último 6.º. Irá tomar as medidas para a devida impressão.

4 — Reiterou o Sr. Presidente o pedido aos sócios para que entreguem a biografia de cada um à Secretaria do Instituto, a fim de se transcrever no livro próprio da Instituição.

5 — Disse da conversa que manteve com o Dr. Osvaldo de Sousa acêrca de vários assuntos de interêsse do Instituto, inclusive o convite que fêz ao mesmo para proferir uma palestra nesta casa.

6 — Leitura de uma carta circular a todos os prefeitos do Estado. O teor da referida carta é o seguinte:

“Exmo. Sr. Prefeito Municipal. Sabe V. Excia. que uma das finalidades do Instituto Histórico é zelar pelo patrimônio histórico, geográfico e artístico do Rio G. do Norte, evitando que a documentação existente nos arquivos públicos e particulares desapareça, completamen-

te, tornando impossível o estudo da vida social, política, econômica e religiosa do nosso povo e da nossa terra.

Dizia Capistrano de Abreu que a História do Brasil só seria convenientemente escrita quando fôsse escrita a história da Companhia de Jesus.

O mesmo se poderá dizer com relação à História do Rio Grande do Norte. Enquanto não se conhecer a história dos municípios norte-rio-grandenses, não se poderá escrever com segurança a história do nosso Estado.

É, portanto em face dessa realidade que nos dirigimos a V. Excia. solicitando o maior empenho na defesa e no resguardo do Arquivo dessa Prefeitura, fonte de preciosas informações sôbre a vida administrativa do município e as atividades de sua gente.

Reconhecemos que a falta de espaço concorre, muitas vêzes, para o extravio e a destruição de material que deveria ter melhor destino.

Neste caso, lembramos a V. Excia. que a medida mais acertada não seria o extravio ou destruição, mas a entrega dêsse material a êste Instituto Histórico e Geográfico que o receberia com o maior prazer, fazendo em seguida, a sua escolha e catalogação, de acôrdo com a técnica mais moderna em assuntos de organização de arquivos.

Certos de que V. Excia. tomará na devida consideração o nosso apêlo, subscrevemo-nos, acontecimento, digo, atenciosamente. Enélio Lima Petrovich — Presidente”.

**Expediente:** Pelo 1.º Secretário, escritor Manoel Rodrigues de Melo, foi lido o expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Monsenhor Alair Vilar de Melo, Vigário Geral da Arquidiocese de Natal, agradecendo o recebimento da comunicação da eleição do Presidente e do 2.º Secretário do Instituto e apresentando aos eleitos votos de felicidades;

Uma circular da Universidade do Rio Grande do Norte enviando uma ficha para ser preenchida sôbre a biblioteca do Instituto;

Officio acompanhado de um questionário do Diretor do Musée de la Mer — Bearritz — França;

Um officio do Bibliotecário de Programas Graduados da Biblioteca da Universidade de Pôrto Rico, solicitando publicações do Instituto.



Concluída a leitura do expediente o 1.º Secretário leu a proposta, assinada pelos sócios Veríssimo de Melo, Manoel Rodrigues de Melo e Boanerges Januário Soares de Araújo, de sócio correspondente do Instituto, do Professor Paulo Natanael Pereira de Sousa, historiador paulista. O Sr. Presidente, então, submeteu a aludida proposta à discussão e aprovação dos sócios presentes, tendo a mesma sido aprovada por unanimidade.

Com a palavra o consócio Tarcísio da Natividade Medeiros, informou das dificuldades que vem tendo em concluir a impressão da Revista do Instituto, nas oficinas da Imprensa do Estado, pelo que o Sr. Presidente manifestou o máximo interêsse de manter entendimento com o Governador do Estado, visando a rápida publicação da Revista.

O folclorista Veríssimo de Melo solicitou à presidência que fôsse inserida em ata um voto de pesar pelo falecimento do escritor conterrâneo Jaime Adour da Câmara, comunicando-se à família enlutada.

Em seguida, o escritor Manoel Rodrigues também solicitou que constasse na ata um voto de pesar pelo falecimento de outra figura do Rio Grande do Norte, ou seja, o professor Augusto Meira, recentemente falecido em Belém do Pará.

Igualmente o Dr. Enélio Lima Petrovich atendeu à solicitação traduzindo o pensamento da casa, comprometendo-se a telegrafar ao Dr. Otávio Meira, filho do ilustre desaparecido.

E como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão às 17 horas e 10 minutos, pelo que, para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, segundo Secretário, lavrei a presente ata que vai assinada pela mesa.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 9 DE MAIO DE 1964**

Presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich.

Aos nove dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,

à Rua da Conceição, 622, realizou-se uma sessão ordinária desta Associação, de acôrdo com o edital de convocação publicado no Diário Oficial, de 7 e 9 dêste mês, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Tarcísio da Natividade Medeiros, Francisco Ivo Cavalcanti, Moacir de Góes, Veríssimo de Melo e Antônio Soares Filho, desembargador Silvino Bezerra Neto, Monsenhor José Alves Landim, Professôres Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Luiz Correia Soares de Araújo, Ulisses de Góes, Manoel Jácome de Lima e Santa Guerra, Srs. Antônio Antídio de Azevedo e Gumercindo Saraiva.

Estando presente o sócio Gumercindo Saraiva, o Presidente deu posse, dizendo que confiava na sua participação em benefício da entidade.

Pediu o presidente que o 1.º Secretário, escritor Manoel Rodrigues de Melo, procedesse à leitura do aviso n.º 2/64, através do qual foi proibida a entrada de pessoas estranhas ao quadro social do Instituto, quer para visitas, quer para consultas, durante o período em que estão sendo organizados e classificados os livros e revistas da referida instituição, pelos técnicos em biblioteconomia; do aviso n.º 3/64 que trata da execução do art. 10 dos estatutos que prescreve: "O sócio efetivo que deixar de comparecer às sessões do Instituto, sem causa justificada, durante três meses consecutivos, considerar-se-á ter renunciado esta qualidade".

Também foram lidas as seguintes portarias: ns. 1/64, 2/64 e 3/64 que dizem respeito, respectivamente, a 1.ª, à constituição de uma Comissão de Revisão de Manuscritos e Pesquisa de Documentos integrada pelos sócios Desembargador João Vicente da Costa, Dr. Boanerges Januário Soares de Araújo e Professor Manoel Jácome de Lima, com a finalidade de emitir juízo sôbre a importância histórica dos referidos manuscritos ou documentos; a segunda, tornando sem efeito a nomeação do Dr. Luciano Nóbrega para levantamento do acervo histórico dos objetos e relíquias existentes neste Instituto e designando para substituí-lo o sócio Antônio Campos e Silva e a terceira, designando o 1.º secretário Manoel Rodrigues de Melo, para no prazo de 30 dias, a partir de 8 de maio, relacionar todos os acontecimentos de real significação histórica do Estado e do País, com as res-

pectivas datas, a fim de que o Instituto possa comemorá-los condignamente.

O Presidente, Dr. Enélio Lima Petrovich, participou, ainda, das seguintes medidas tomadas:

I — Informou haver adquirido o material indispensável para a completa organização e classificação dos livros e periódicos do Instituto (compra de quatro fichários, impressão de fichas, cartões, fôlhas para o livro de tombo).

II — comunicou que os três técnicos escolhidos pela presidência e colocados à disposição pelo Governo Estadual, já estão trabalhando assiduamente. Também na próxima semana já ficou acertada a designação de uma funcionária para servir na Secretaria do Instituto.

III — participou do recebimento de oito volumes do "Nouveau Larousse Illustré" doados pelo Dr. Luís Potiguar Fernandes, em testamento.

IV — informou das providências já em fase bem adiantadas sobre a limpeza e retoques do prédio do Instituto, junto ao Governador Aluízio Alves.

V — disse haver tomado as providências sobre a impressão da Revista, com a devida brevidade.

VI — comunicou que recebeu a visita do repórter de "A Ordem", a qual deu origem a uma entrevista com ele, o Presidente, sobre as atividades do Instituto, seu trabalho, e as medidas tomadas em seu benefício, entrevista esta que foi publicada naquele dia (9 de maio).

VII — apresentou um voto de felicitações pela passagem do aniversário natalício do Desembargador Silvíno Bezerra Neto, a 30 de abril findo, pedindo para constar em ata o que foi aprovado por unanimidade.

VIII — agradeceu, em nome do Instituto, os retratos oferecidos pela sócia D. Caetana de Brito Guerra e os livros — Monografia histórico-geográfica de Pau dos Ferros e Revista do Bicentenário da Paróquia de Pau dos Ferros e Centenário do Município, do professor Manoel Jácome de Lima e Pirilampos de Antônio Antídio de Azevedo.

Em seguida passou-se à leitura do expediente que constou do seguinte:

Ofício do Diretório de Bibliotecários de La América Latina acompanhado de questionários sobre os bibliotecários existentes no Estado com o nome e endereço de cada um.

Ofício de Carlos, digo do Dr. Carlos Penteado de Rezende, Diretor — 1.º bibliotecário do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo solicitando a remessa de vários números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado para completar a coleção da Revista na biblioteca daquela corporação.

Ofício do Cel. Luiz Tenório de Brito, 1.º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo comunicando que aquêlê Instituto em sessão plenária deliberara pedir ao Ministro da Educação e Cultura da República a publicação do Livro — Porque me ufano do meu País — do Conde de Afonso Celso para ser distribuído por todos os estabelecimentos de ensino e solicitando que êste Instituto fizesse ao Sr. Ministro o mesmo pedido, sugestão apresentada a todos os Institutos Históricos e Geográficos do País.

Após a leitura do expediente, o Dr. Enélio Lima Petrovich, facultou a palavra para que os sócios pudessem se manifestar acêrca de algum assunto de interêsse da entidade.

Pedindo a palavra, falou inicialmente o sócio Gumerindo Saraiva, agradecendo, em palavras eloqüentes, a sua escolha como sócio efetivo do Instituto, dizendo do propósito de colaborar com a entidade participando de suas promoções.

Com a palavra o Desembargador Silvino Bezerra Neto fêz alusão ao Aviso 3/64, apoiando as medidas tomadas pela presidência, sugerindo, porém, que a aplicação do artigo 10 dos Estatutos, através do qual, se “o sócio efetivo deixar de comparecer sem causa justificada durante três meses consecutivos, às sessões do Instituto considerar-se-á ter renunciado esta qualidade”, fôsse uma aplicação, feita, mas de uma maneira que a todos os sócios se desse oportunidade de comparecer às sessões e só, em última hipótese, quando todos os esforços fôsem debalde é que se applicaria o mesmo.

Então, o Sr. Presidente, acatando alguns pontos de vista do Desembargador Silvino Bezerra disse dos seus propósitos de engrandecer, cada vez mais, a entidade, com a participação efetiva, constante e tão necessária à sobrevivência da instituição, e que, aquêlê aviso tinha a finalidade de mostrar aos sócios faltosos, ou mais propriamente àqueles que nunca foram a nenhuma sessão do Instituto, o dever que têm para com a entidade.

Adiantou que essa norma estatutária deve ser cumprida, não ao pé da letra, com rigidez, mas visando unicamente, o conceito sempre crescente do Instituto e a sua existência perene. Essa disposição, acrescentou o Dr. Enélio Lima Petrovich, abrange somente os sócios efetivos que não vão ao Instituto, e não todos, como os beneméritos, honorários, correspondentes e fundadores e que aquêlê preceito de nosso Estatuto foi bem escrito, pois somente será aplicado para os sócios efetivos que não comparecerem às reuniões sem qualquer causa justificada, bastando uma simples comunicação para exclusão de sua sanção. Foram afinal as palavras do Presidente, entre outras: "Quero ver é a casa cheia, pois o Instituto Histórico e Geográfico vive e sobrevive em razão do real interêsse e da participação permanente e indispensável dos seus ilustrados sócios".

Usando da palavra, o sócio Ulisses de Góis propôs que a presidência, para os confrades que ainda não compareceram ao Instituto, remetesse um ofício solicitando, dentro de três meses, a partir desta sessão de 9 de maio, virem tomar posse, sob pena de serem excluídos, com o seu silêncio, do quadro social da entidade. Submetida a proposta, foi a mesma aceita por unanimidade. O Dr. Antônio Soares Filho, dizendo da impossibilidade permanente do Desembargador Antônio Soares, seu pai, comparecer às sessões do Instituto, em virtude de doença e idade avançada, pediu que constasse em ata essa justificativa, que prevalecia para tôdas as sessões, o Sr. Presidente, lamentando essa ausência permanente, mas que tem sua razão, mandou inserir em ata.

Em prosseguimento, o consócio Veríssimo de Melo propôs congratulações pela nomeação do Brigadeiro Nelson Freire Lavenère Wanderley, Almirante Ernesto de Melo Batista e Dr. Raimundo de Brito, respectivamente Ministro da Aeronáutica, da Marinha e da Saúde, pois o primeiro é colaborador de nossa Revista e os dois últimos conterrâneos ilustres. O Sr. Presidente, reconhecendo justa a proposição, a qual foi aprovada pelos presentes, disse que iria telegrafar aos mesmos em nome do Instituto.

Pedindo a palavra o sócio Antônio Antídio de Azevedo apresentou para sócio efetivo o Sr. João Carlos de Vasconcelos, de acôrdo com as normas estatutárias, en-

tregando à presidência alguns livros e escritos esparsos da autoria do proposto.

Por sua vez, o escritor Manoel Rodrigues de Melo solicitou a dispensa dos interstícios tendo em vista ser o Sr. João Carlos de Vasconcelos pessoa bastante conhecida e digna de figurar entre os sócios do Instituto pelas qualidades de estudioso. Submetida a proposta a discussão foi a mesma aprovada.

E como nada mais houve a tratar, foi encerrada a sessão às 17,40 horas. E para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário lavrei a presente ata que após a sua leitura vai devidamente assinada.

Emenda: Nesta mesma sessão, de acôrdo com o art. 12, § 1.º dos Estatutos, a diretoria do Instituto Histórico e Geográfico propôs para a categoria de "Sócio Honorário", o nome do General Antônio Carlos da Silva Muricy, que obteve aprovação unânime, deliberando-se, porém, que a proposta em causa, feitas algumas corrigendas, fôsse integrada na próxima sessão de 28 do corrente, transcrevendo-se a mesma, em sua redação final.

## ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 28 DE MAIO DE 1964

Aos vinte e oito dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizou uma sessão ordinária, conforme convocação feita por edital publicado no Diário Oficial do Estado.

Compareceram os seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Antônio Soares Filho, Tarcísio da Natividade Medeiros, Manoel Rodrigues de Melo, Rômulo Wanderley, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Monsenhor José Alves Landim, Professor Manoel Jácome de Lima, Srs. Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos.

Não houve leitura de ata visto não ter sido ainda lavrada a ata da última sessão, o que será feito na próxima reunião.

Iniciando os trabalhos, o Sr. Presidente comunicou

aos sócios presentes haver o Govêrno do Estado, por decretos de 20 de maio de 1964, colocado à disposição do Instituto as funcionárias estaduais Ivanise Pereira Pinto e Eneida Maria Tavares.

Dado êste aviso, o Sr. Presidente declarou que a finalidade principal da presente sessão era levar ao conhecimento dos Srs. consócios a proposta apresentada pela diretoria da Entidade, do nome do General Antônio Carlos da Silva Muricy, ex-comandante da Guarnição Militar de Natal e atual comandante da sétima Região Militar, com sede no Recife, para o quadro de Sócios honorários.

A proposta que foi lida tem o teor seguinte:

“A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pela unanimidade de seus componentes, e de acôrdo com o artigo 12, § 1.º dos Estatutos,

P r o p õ e —

Que seja incluído, na categoria de Sócios Honorários desta Entidade — repositório de grandes tradições históricas do Estado e do País, o nome do General Antônio Carlos da Silva Muricy, atual Comandante da Sétima Região Militar.

tendo em vista

I — Os seus méritos como intelectual e estudioso dos problemas contemporâneos, tão bem consagrados através de seu erudito trabalho “Guerra Revolucionária”, em anexo, para justificar de modo cabal esta proposta, e que, sem dúvida, representa um grito de alerta aos seus comandados e um advertência sensata e oportuna a nossa gente.

Um estudo sintético, mas suficientemente esclarecido e fundamentado do fenômeno deplorável do regime comunista, que tem afligido vários países do globo e que seus adeptos vinham tentando eclodir no Brasil.

“Guerra Revolucionária” — um trabalho que não apenas revela o espírito cívico do autor, como também o talento do brioso soldado que, à frente de tropas em Minas Gerais, foi um dos chefes militares que mais contribuíram para o êxito da histórica Revolução de abril último.

Tendo em vista:

II — Por outro lado, a sua eficiente, decisiva e corajosa participação, como militar destemido e cumpri-

dor do dever para com a Pátria, no referido movimento revolucionário, que, graças a Deus, trouxe a paz à nossa família e a tranquilidade aos nossos lares, restaurando a hierarquia e a ordem política e social da nação, enfim, o respeito aos poderes constituídos, numa confirmação autêntica de que sobrevive e há de sobreviver a Democracia — único sistema de governo compatível com a índole e o sentimento cristão do povo brasileiro.

Assim, por essas razões, conhecidas e proclamadas, e que nesta oportunidade, tão somente para honrar a nossa vetusta Casa, achou por bem a Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — a mais antiga instituição cultural do Estado, através de seu Presidente e demais membros, formular a presente proposta, certa de que, com a sua aprovação, estaremos enaltecendo a cultura, reafirmando o patriotismo e valorizando a pessoa humana, tão bem representados na figura do General Antônio Carlos da Silva Muricy. E por que não dizer? É a homenagem sincera e justa, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte ao próprio Exército Brasileiro. Sala das Sessões, em 28 de maio de 1964. (ass.) Enélio Lima Petrovich, Presidente; Antônio Soares Filho, por procuração, Antônio Soares de Araújo, 1.º Vice-Presidente; Silvino Bezerra Neto, 2.º Vice-Presidente; Manoel Rodrigues de Melo, 1.º Secretário; Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário; Rômulo Wanderley, Adjunto 2.º Secretário; Luiz da Câmara Cascudo, Orador; Paulo Pinheiro de Viveiros, Vice-Orador; Manoel Varela de Albuquerque, Tesoureiro; Boanerges Januário Soares de Araújo, Adjunto do tesoureiro; João Eptácio Fernandes Pimenta, Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo; Hélio Mamede de Freitas Galvão, Adjunto de Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo; Tarcísio da N. Medeiros, integrante da Comissão da Revista”.

Após a leitura da referida proposta foi a mesma submetida a apreciação dos sócios presentes, sendo aprovada por unanimidade.

O Sr. Presidente informou que tendo em vista a chegada do homenageado a esta cidade, no próximo dia 30, para tomar parte nas festividades cívicas promovidas pelo povo e Governo do Estado em homenagem às Forças Armadas, o Instituto, através de uma comis-



são de sócios participaria ao General Muricy a sua designação para o quadro social de "honorário".

Como nada mais houve a tratar encerrou-se a sessão às dezessete horas. E para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 4 DE JULHO DE 1964**

Aos quatro dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizou uma sessão ordinária em sua sede social, na Rua da Conceição, 622, conforme convocação feita pelo Diário Oficial, de 2, 3 e 4 do mês em curso. A sessão foi presidida, Dr. Enélio Lima Petrovich, digo, pelo Dr. Enélio Lima Petrovich, a ela comparecendo os seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Tarcísio da Natividade Medeiros, Manoel Varela Santiago, Manoel Varela de Albuquerque, Manoel Rodrigues de Melo, Antônio Campos e Silva, Francisco Ivo Cavalcanti, Abelardo Calafange, Bruno Pereira, Cristóvão Bezerra Dantas, Alvamar Furtado de Mendonça, Veríssimo de Melo, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Monsenhor José Alves Landim, Professores Luiz Correia Soares de Araújo, Manoel Jácome de Lima, Santa Guerra, Srs. Gumercindo Saraiva, Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos.

O Sr. Presidente, abrindo a sessão, determinou que o 2.º Secretário fizesse a leitura das atas das sessões anteriores, sendo lida a de 9 de maio, a qual foi aprovada por unanimidade.

Achando-se presentes os Drs. Cristóvão Bezerra Dantas e Alvamar Furtado de Mendonça, o Sr. Presidente os empossou nos cargos de sócios efetivos, manifestando a sua satisfação com a inclusão dos mesmos no quadro social da entidade. O Instituto sentia-se honrado com os novos sócios dos quais esperava valiosa colaboração para o seu desenvolvimento.

Em seguida apresentou uma bandeira brasileira ofer-

tada pelo Diretor Geral do Departamento de Educação, Professor Geraldo Magela da Cruz.

Comunicou também haver recebido por doação feita ao Instituto pelo Sr. Severino Bezerra, Sub-Chefe de Assistência aos Municípios, de alguns livros.

Informou ainda que os trabalhos de catalogação e classificação dos livros da Biblioteca continuam com regularidade como também os das comissões designadas para diversos fins, conforme as Portarias ns. 1, 2 e 3 do corrente ano.

Levou ao conhecimento dos Srs. sócios as medidas que vem tomando junto ao Sr. Governador Aluísio Alves, no sentido de serem feitos os reparos e a limpeza do prédio do Instituto, esperando que na próxima reunião estará satisfatoriamente solucionado o referido assunto.

Externou o desejo que tem de inaugurar, no dia 1.º de agosto, a Sala "Dr. Nestor Lima", com a biblioteca doada pelo saudoso ex-presidente do Instituto, mas a realização desta homenagem está dependendo da conclusão dos serviços de catalogação da referida biblioteca.

Solicitou aos sócios que colaborem com o Instituto enviando à presidência uma relação de fatos e acontecimentos que mereçam ser solenizados.

Após estas comunicações, o 1.º Secretário leu o expediente que constou o seguinte:

Um cartão do Major Brigadeiro do Ar Nelson Freire Lavanère Wanderley, agradecendo as felicitações que lhe enviara o Instituto por motivo de sua nomeação para Ministro da Aeronáutica;

Uma carta do Sr. Luís de França Morais, enviando para o arquivo do Instituto um número do "Jornal do Comércio", desta Capital, contendo um artigo de sua autoria, sobre a personalidade do Sr. Gumercindo Sarai-va como poeta e músico;

Cópia de um telegrama de congratulações dirigido pelo Sr. Presidente ao Professor Luís Soares, Diretor do Instituto "Pe. Miguelinho", pela homenagem prestada por aquêlê estabelecimento de ensino ao seu patrono, a 12 de junho, data em que se comemora o seu martírio.

Fêz parte ainda da leitura do expediente a proposta apresentada pelos Srs. Antônio Campos e Silva, Alvar Furtado e Veríssimo de Melo, do nome do Professor José Nunes Cabral e Carvalho, Presidente do Insti-

tuto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte, para sócio efetivo do Instituto, proposta que foi aprovada por unanimidade, dispensando-se os interstícios.

Facultada a palavra aos presentes, falou, em primeiro lugar, o Professor Luís Soares, agradecendo ao Presidente o telegrama de felicitações que lhe enviara por ocasião das solenidades realizadas em homenagem ao Padre Miguelinho, a 12 de junho próximo findo.

Seguiu-se com a palavra o Dr. Cristóvão Dantas que em seu nome e no do Dr. Alvarado Furtado agradeceu a sua eleição e a do seu colega para sócios efetivos da entidade, prometendo, que muito se esforçariam pelo progresso do Instituto.

Acrescentou que muito se sentia honrado como membro desta douta instituição à qual pertenceu o seu saudoso pai — Dr. Manoel Dantas.

O Dr. Antônio Campos e Silva em ligeiras palavras fêz uma exposição do trabalho de que foi incumbido — o levantamento de todos os objetos, retratos e relíquias pertencentes ao Instituto e para melhor desempenho desta missão apresentou algumas sugestões que foram acatadas pelo Presidente.

Finalmente falou o Dr. Tarcísio Medeiros, expondo as dificuldades que vem encontrando para a publicação da Revista. O Presidente declarou que estêve há poucos dias na Imprensa Oficial, tratando do mesmo assunto e que a Diretoria daquela Repartição lhe afirmara que dentro em breve os trabalhos da impressão da Revista seriam iniciados.

E como nada mais houve a tratar, foi encerrada a sessão às 16,50 horas, pelo que, para constar, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 15 DE AGOSTO DE 1964**

Aos quinze dias do mês de agosto de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária, em sua sede social, na Rua da

Conceição, 622, conforme convocação feita pelo Diário Oficial, de 14 e 15 dêste mês.

A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich com o comparecimento dos seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Israel Nazareno de Sousa, Tarcísio da Natividade Medeiros, Manoel Varela de Albuquerque, Rômulo Wanderley, José Nunes Cabral de Carvalho, Desembargador Adalberto Amorim, Professôres Luiz Correia Soares de Araújo, Ulisses de Góes, Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Srs. Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos.

O Sr. Presidente, abrindo a sessão, declarou que o fim da sessão era para tratar de assuntos de interêsse da entidade, determinando que o 2.º Secretário procedesse à leitura das atas das duas últimas reuniões, as quais postas em discussão foram aprovadas sem emendas.

Após a leitura e aprovação das atas, o Sr. Presidente passou a dar as seguintes informações:

1 — Disse que os trabalhos de reparos, limpeza interna e externa do prédio do Instituto continuavam em andamento, como todos estavam observando, mas a verba de Cr\$ 760.000,00 que o Sr. Governador do Estado havia destinado para aquêle fim fôra insuficiente. A fim de evitar interrupção dos referidos serviços o Sr. Presidente havia solicitado de Sua Excia. a complementação da mencionada verba, em longo e circunstanciado officio e o Sr. Governador já autorizara a complementação de mais Cr\$ 400.000,00 que serão pagos na próxima semana. Com esta importância, declarou o Presidente, esperava terminar todos os serviços no mês de setembro.

2 — Expôs a deficiência do mobiliário do Instituto, alegando que, nas suas reuniões solenes, tinha de recorrer ao empréstimo de cadeiras. Para melhorar esta situação, lançou um apêlo aos consócios no sentido de que cada um, digo, cada sócio fizesse doação de uma cadeira e assim o salão nobre do Instituto pudesse acolher comodamente todos os que quisessem tomar parte em suas festividades.

3 — Propôs que se constasse em ata um voto de pesar pelo falecimento, em 1.º do corrente mês, do Major Newton Roberti Leite, genro do escritor Luiz da Câmara Cascudo, eminente sócio desta casa, o que foi aprovado por unanimidade.

4 — Participou haver comparecido à inauguração do Grupo Escolar “Nestor Lima”, no dia 11, e em nome do Instituto, transmitiu ao Governo do Estado os agradecimentos pela justa homenagem que se prestava ao insigne presidente perpétuo do Instituto.

5 — Agradeceu à Academia Potiguar de Letras a oferta de sua Revista (Ano 7, n.º 2), pelo sócio Antônio Antídio de Azevedo.

Comunicou, também, haver a “Tribuna do Norte” (suplemento do dia 2), feito uma boa reportagem sobre o Instituto, de autoria do Jornalista Cassiano Arruda e fotos de Mário Justino.

6 — Justificou os motivos da ausência do sócio Antônio Campos e Silva, escolhido pela presidência para, na sessão pronunciar uma palestra subordinada ao tema: “Aspecto da Geologia no Rio Grande do Norte”.

Em prosseguimento aos trabalhos, deu posse ao Dr. José Nunes Cabral de Carvalho, no quadro dos sócios efetivos desta corporação, manifestando a satisfação e a honra de tê-lo como membro do Instituto, ao mesmo tempo em que confiava na sua colaboração, a fim de, cada vez mais elevar o nome do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Com a palavra o Dr. José Nunes Cabral de Carvalho disse da grande honra de fazer parte desta Instituição, agradecendo profundamente aos colegas pela escolha de seu nome.

Prometeu, ao lado de todos, emprestar o maior de seus esforços em prol da entidade. Corroborando as palavras do presidente, justificou também a ausência do sócio Antônio Campos e Silva, que se encontrava naquele momento a serviço da Universidade, em viagem pelo interior do Estado com uma equipe de americanos, realizando estudos e pesquisas.

Na oportunidade foram lidas duas propostas para sócios efetivos do Instituto. Uma apresentando o nome do Magnífico Reitor Onofre Lopes e outra o do Dr. Protásio Melo. Ambas, submetidas a apreciação e discussão pela presidência, foram aprovadas sem discrepância de votos, dispensados os interstícios regulamentares.

O Dr. Tarcísio Medeiros, usando da palavra, informou aos presentes acêrca das medidas que vem tomando para que seja concluída a impressão da Revista do Instituto.

Por sua vez, o Dr. Rômulo Wanderley requereu à presidência que fôsse transmitida uma mensagem de congratulações à Ordem dos Advogados do Brasil — seção do Estado — e ao Clube dos Advogados, pelas festividades do dia 11 de agosto — dia consagrado aos Cursos Jurídicos. O presidente, acatando a sugestão, enviou as felicitações, em nome do Instituto.

O sócio Antônio Antídio de Azevedo justificou a ausência do Monsenhor José Alves Landim por motivos superiores. Os consócios Rômulo Wanderley e Ulisses de Góis justificaram o não comparecimento à sessão anterior.

E como nada mais houve a tratar foi encerrada a sessão às 17,25 horas. Para constar, eu Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada irá assinada.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 19 DE SETEMBRO DE 1964**

Aos dezenove dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, em sua sede social, na Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária para tratar de assuntos da entidade, de acordo com a convocação publicada no Diário Oficial.

Presidiu a reunião o Dr. Enélio Lima Petrovich a ela comparecendo os Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Varela Santiago, Tarcísio da Natividade Medeiros, José Nunes Cabral de Carvalho, Rômulo Wanderley, Antônio Campos e Silva, Protásio de Melo, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Professores Antônio Gomes da Rocha Fagundes e Manuel Jácome de Lima, Srs. Antônio Antídio de Azevedo, Gumercindo Saraiva e João Carlos de Vasconcelos.

Iniciando os trabalhos o Sr. Presidente determinou que o segundo Secretário fizesse a leitura da ata da última sessão, sendo em seguida posta em discussão e aprovada por unanimidade. Não tendo comparecido por motivo justificado o 1.º Secretário Dr. Manoel Rodrigues de Melo, o Sr. Presidente convidou para substituí-lo

o adjunto do 2.º Secretário, Dr. Rômulo Wanderley que procedeu à leitura do expediente seguinte:

Ofício do Sr. Aureliano Leite, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo;

Ofício do Sr. Cláudio de Oliveira Melo, 1.º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, ambos agradecendo o recebimento de um exemplar do jornal A Ordem, de Natal, contendo a entrevista que o Sr. Presidente concedera ao referido jornal sobre o Instituto;

Ofício do Sr. Copérnico Pinto Coelho, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais comunicando a eleição da diretoria do referido Instituto para o triênio de 1964-1967;

Ofício dos Srs. Aderson Elói de Almeida, Prefeito de Ceará-Mirim e João Luiz Vitor, Prefeito de Lagoa Nova, ambos respondendo à circular do Sr. Presidente do Instituto, solicitando dos Prefeitos Municipais a remessa de documentos dos municípios para os arquivos da entidade, onde ficariam guardados com segurança;

Carta do Dr. Manoel de Medeiros Brito, Procurador do Instituto, comunicando a remessa de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) para a Delegacia Fiscal de Natal, referente à subvenção federal consignada no orçamento do corrente ano ao Instituto Histórico do Estado, pelo Ministério da Educação e Cultura;

Convite do Sr. Comandante da Guarnição Militar de Natal ao Sr. Presidente do Instituto para assistir à parada do dia 7 de setembro.

Terminada a leitura do expediente foi lida a seguinte proposta para sócio benemérito da entidade:

“A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — Considerando o que estabelecem os arts. 14, letra A e 15 dos Estatutos, Resolve:

Propor o nome do Dr. Aluizio Alves, Governador do Estado, sócio efetivo do Instituto, para o quadro de **Sócio Benemérito**, pelos motivos que abaixo passa a expor:

### j u s t i f i c a ç ã o

O Exmo. Sr. Governador Aluizio Alves, tomando conhecimento da situação precária do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em perfeito entendimento com o Presidente da referida entidade, auto-

rizou a fazer os reparos necessários na sede própria, compreendendo a limpeza interna e externa, substituição de tôdas as descidas de água e instalação da rêde de água, e esgôto, mandando, ainda, classificar e catalogar, dentro dos métodos mais modernos de biblioteconomia, os livros, revistas e todos os documentos existentes no Instituto (biblioteca e arquivo), pelo que colocou à disposição da casa pessoas habilitadas por conta do Estado. Esse gesto do eminente homem público reflete o interesse que dispensa às coisas da cultura norte-rio-grandense e do seu patrimônio histórico e geográfico. Nata!, 19 de setembro de 1964. (aa) Enélio Lima Petrovich, presidente; Antônio Soares de Araújo, 1.º Vice-Presidente; Silvino Bezerra Neto, 2.º Vice-Presidente; Manoel Rodrigues de Melo, 1.º Secretário; Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário; Rômulo Chaves Wanderley, adjunto do 2.º Secretário; Luiz da Câmara Cascudo, Orador; Paulo Pinheiro de Viveiros, Vice-Orador; Manoel Varela de Albuquerque, Tesoureiro; Boanerges Januário Soares de Araújo, adjunto do tesoureiro; João Epitácio Fernandes Pimenta, Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo; Hélio Mamede de Freitas Galvão, adjunto do Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo; Tarcísio da Natividade Medeiros, representante da comissão da Revista”.

Submetida a discussão esta proposta foi unanimemente aprovada.

O Sr. Presidente leu a cópia da carta que dirigiu ao Dr. Manoel de Medeiros Brito remetendo a documentação necessária para requerer a subvenção concedida pelo Governo Federal ao Instituto no corrente exercício de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), conforme consta do orçamento da União — págs. 328, verba 1.0.00 — Custeio — Consignação 1.6.00 — conservação, manutenção, obras e ampliação do Museu. Igualmente leu cópia dos telegramas dirigidos ao Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros convidando-o para assistir às festas da inauguração da reabertura do Instituto após os reparos que foram feitos no prédio e a inauguração da sala Nestor Lima e pedindo a confirmação de sua presença na referida solenidade no dia 27 do mês em curso. Procedeu ainda à leitura dos telegramas de congratulações dirigidos aos Presidentes da Ordem dos Advogados, do Clube dos Advogados pelo transcurso da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil, no dia 11 de



agosto, por proposta do Dr. Rômulo Wanderley, finalmente o telegrama de pesames endereçado ao Comendador Luiz da Câmara Cascudo pelo falecimento do seu genro, major Newton Roberti Leite.

Em seguida expôs em linhas gerais o programa das solenidades que pretende realizar no dia 27 do corrente mês.

Achando-se presente o Dr. Protásio de Melo eleito sócio da entidade na sessão anterior, o Sr. Presidente deu-lhe posse, dirigindo-lhe ligeira mas expressiva saudação na qual manifesta sua satisfação pela entrada do novo membro no quadro efetivo dos associados e dizendo confiar com sua valiosa cooperação em prol do progresso da corporação. Dr. Protásio Melo agradeceu a sua eleição, prometendo empregar todos os esforços pelo desenvolvimento do Instituto.

O Sr. Presidente justificou a ausência do Dr. Manoel Rodrigues de Melo como também do Dr. Francisco Ivo Cavalcanti, e o Sr. Antônio Antídio de Azevedo justificou o não comparecimento dos sócios Monsenhor José Alves Landim e do Professor Ulisses de Góis.

O Desembargador Silvino Bezerra Neto, pedindo a palavra, comunicou o falecimento do Dr. Pedro Pessoa de Melo, filho do Estado, ocorrido há poucos dias nesta Capital, propondo que fôsse lançado na ata um voto de pesar por êste acontecimento e que o Instituto enviasse condolências à família do falecido, sendo sua proposta aprovada por unanimidade.

O Dr. José Nunes Cabral de Carvalho, com a palavra propôs um voto de louvor pela atuação eficiente do Dr. Enélio Lima Petrovich na presidência do Instituto, desde as providências sobre os trabalhos iniciais da restauração do prédio, até a organização do programa elaborado para a reabertura solene do Instituto o que foi aprovado por todos os presentes, tendo o Presidente agradecido aquela manifestação espontânea, dizendo, entretanto, que apenas estava, com a colaboração dos ilustres confrades, cumprindo modestamente com o dever.

O sócio correspondente do Instituto, Sebastião de Azevedo Bastos, residente na cidade de João Pessoa, Capital da Paraíba, por intermédio do consócio Antônio Antídio de Azevedo, ofereceu ao Instituto três interessantes plaquetas intituladas: Caxias, Carlos D. Fernandes e

Castro Pinto, contendo discursos sôbre as personalidades que dão nome aos trabalhos oferecidos.

Conforme havia sido anunciado na sessão anterior, o consócio Antônio Campos e Silva proferiu interessante palestra sôbre a História da Geologia no Rio Grande do Norte, trabalho que mereceu merecidos e francos aplausos da assistência. O jovem conferencista prendeu a atenção do auditório pela segurança com que dissertou sôbre o assunto escolhido.

O Sr. Presidente designou o sócio Gumercindo Sarai-va para na sessão de outubro fazer uma palestra sôbre assunto à sua escolha.

E como nada mais houve a tratar o Sr. Presidente agradeceu o comparecimento de todos os confrades àquela sessão encerrando assim os trabalhos, às 17,10 horas.

Para constar, eu Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada irá assinada.

## **ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA NO DIA 29 DE SETEMBRO DE 1964**

Aos vinte e nove dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e quatro, às vinte horas, em sua sede social, na Rua da Conceição, 622 (seiscentos e vinte e dois), o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão solene para a reabertura da sede própria, após a execução dos trabalhos de reparos, melhoramentos, limpeza interna e externa do prédio feitos pelo Sr. Governador do Estado.

A reinauguração teve caráter solene e ela acompanhando, como convidado especial, o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, sócio Benemérito, exmas. famílias, sócios e pessoas gradas.

Inicialmente o Sr. Presidente solicitou do Dr. José Augusto descerrar o pano que cobria a placa comemorativa. Após êste ligeiro ato os convidados entraram no salão nobre do Instituto que se achava esplendidamente iluminado.

A convite do Presidente tomaram assento à mesa as seguintes autoridades: Dr. Manoel Benício de Melo

Sobrinho, Secretário de Estado de Educação e Cultura e representante do Sr. Governador do Estado; Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, sócio benemérito; Padre Antônio Moreira, representante do Sr. Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal; Dr. Manoel Rodrigues de Melo, Presidente da Academia Norte-Rio-grandense de Letras; escritor Luiz da Câmara Cascudo, que agradecendo a deferência disse "que ficaria no auditório pois via melhor o Presidente"; Dr. Aldo Fernandes, ex-presidente do Instituto e Dr. Ewerton Cortês, representante do Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Estado.

Organizada a mesa o Dr. Enélio Lima Petrovich declarou aberta a sessão, convidando o representante do Sr. Governador do Estado para assumir a presidência dos trabalhos. O Dr. Benício Sobrinho agradeceu a atenção com que fôra distinguido e convidou a irmã do Dr. Nestor Lima, para cortar a fita simbólica que separava a sala Dr. Nestor Lima do salão nobre. A sala recebeu esta denominação porque nela foi instalada a biblioteca que pertencera ao ex-presidente da entidade e que o mesmo doara ao Instituto por disposição testamentária. Este ato que constituiu a inauguração da referida sala foi encerrado com o hino do Rio Grande do Norte, letra do homenageado, entoado pelo côro da Escola Normal de Natal, sob a regência da Professôra Dulce Wanderley.

Após esta cerimônia foi concedida a palavra ao Dr. Enélio Lima Petrovich que discorreu brilhantemente sobre a vida do Instituto. Relembrou a sua fundação no início do século em curso por "uma plêiade de intelectuais", tendo à frente a figura do Dr. Vicente Lemos, cuja finalidade era "realizar um trabalho de preservação do nosso patrimônio cultural".

Citou os nomes dos que ocuparam a presidência da vetusta instituição, todos, excetuando o orador, vultos de grande relêvo na vida literária e cultural do Estado.

Referindo-se à inauguração da sala "Dr. Nestor Lima" disse "que era uma justa homenagem àquele que fêz desta casa uma célula do seu próprio corpo, um pedaço de sua alma, quase que a razão de sua vida".

Como prova do seu amor ao Instituto ali estava a sua biblioteca, sete estantes cheias de livros e periódicos além de valiosos trabalhos de sua autoria sobre História, Pedagogia, Geografia e Direito.

Passou a falar sôbre o que já realizou em um ano de administração do Instituto e o que pretende fazer, ressaltando que faz parte do seu programa “comemorar todos os fatos da história regional e do país, através de solenidades e palestras, não só nesta sede como nos próprios estabelecimentos de ensino e estações de rádios”.

Depois de tecer comentários em tôrno de seu programa administrativo, dirigiu uma afetuosa saudação do Dr. José Augusto, analisando sucintamente a sua dedicação às causas que interessam ao Estado e o interesse que sempre tem tomado pelos destinos de nossa terra “Dr. José Augusto é um patrimônio moral do Estado e uma página autêntica e edificante da história política do Rio Grande do Norte”, afirmou o orador.

Agradeceu a todos que cooperaram com êle para o realce daquela solenidade, salientando o nome do Sr. Governador do Estado a quem manifestou a sua gratidão.

Terminou os agradecimentos com as seguintes palavras: “Peço ao Exmo. Sr. Secretário de Estado de Educação e Cultura que faça chegar ao nosso Governador os mais fortes e espontâneos agradecimentos na certeza de que o seu nome será perpetuado e admirado, como perpetuadas e admiradas estão as grandes figuras que engrandeceram pelos seus atos, a terra comum.

Concluído o discurso do Dr. Enélio Lima Petrovich sob calorosos aplausos usou da palavra o Dr. José Augusto que falou acêrca da “Missão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”. O ilustre homem público prendeu por longo tempo a atenção da seleta assistência pela segurança com que dissertou a respeito do importante tema de sua palestra, sendo ao terminar cumprimentado por todos.

Os trabalhos da sessão foram encerrados com o hino nacional entoado pelo côro da Escola Normal de Natal.

O Sr. Secretário de Educação que presidira a sessão agradeceu o comparecimento de todos.

Em seguida foi servido um coquetel. Abrilhou a solenidades a Banda de Música dos Escoteiros do Alecrim, gentilmente cedida pelo Professor Luís Soares.

Tôda a solenidade foi transmitida pela Rádio Cabugi graças à gentileza de seus diretores.

E para constar, lavrou-se a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada será devidamente assinada.

## ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA NO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1964, NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Aos dez dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária em sua sede social, à Rua da Conceição, 622 para tratar de assuntos de interesse da entidade, conforme edital de convocação publicado no Diário Oficial de 9 deste mês.

Compareceram os seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Manoel Varela de Albuquerque, Tarcísio da Natividade Medeiros, Manoel, digo, José Nunes Cabral de Carvalho, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Professôres Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Luiz Correia Soares de Araújo, Gumerçindo Saraiva e Caetana de Brito Guerra, Srs. João Carlos de Vasconcelos e Antônio Antídio de Azevedo e Dr. Protásio de Melo.

Não tendo comparecido o segundo secretário por motivo justo deixou de haver a leitura da ata.

O expediente lido pelo 1.º Secretário constou do seguinte:

Telegrama do Sr. Benivaldo Azevedo agradecendo o convite para assistir à festa de reabertura do Instituto e pedindo desculpas por não poder comparecer à referida festividade;

Telegrama do Sr. João Ururai congratulando-se com o Presidente pela reabertura do Instituto;

Cartão do Dr. José Augusto agradecendo ao Presidente as congratulações que lhe enviara pelo seu aniversário a 22 de setembro;

Ofício do Sr. Diógenes da Cunha Lima Filho, Diretor de Documentação e Cultura do Município de Natal enviando cópias da Lei n.º 1.432 e do Decreto n.º 688, referentes ao prêmio literário “Câmara Cascudo” criado pela mesma Prefeitura.

Ofício da Comissão de Revisão de Manuscritos e Pesquisas de Documentos nomeada pela Portaria n.º 1/64, cujo teor é o seguinte:

“Exmo. Sr. Dr. Presidente do I.H.G. — R.N.  
Nesta.

Em atendimento à designação dessa Presidência (Portaria 1/64, de 6/5, recebida a 20/5), membros da Comissão de Revisão de Manuscritos e Pesquisas de Documentos, nos termos dos arts. 31, III, e 34, letras a e b, dos Estatutos dêste Instituto (in Rev. vol. XXIII — XVIV, 1926/1927), tendo em vista as diligências efetuadas no Arquivo da Biblioteca, declaramos:

Existem documentos de três divisões principais, que merecem ser conservados:

1 — Os 15 grandes volumes de Registro de Cartas de Datas e Sesmarias, e mais o respectivo índice, referentes às concessões territoriais na fase colonial do Rio Grande do Norte, desde 1600, 1604 até os períodos de povoamento dos séculos seguintes. A êsse serviço essencial da história do território potiguar, já houve referência precisa no Relatório, 1953-1959, do Diretor da Biblioteca do Arquivo, primeiro signatário, in Revista do Instituto, LIII, 1960. Estão reunidos êsses volumes em prateleira de estante, onde podem ficar, enquanto se não organiza secção própria.

2 — Centenas de cadernos-livros com os registros, abrangentes das várias épocas da Capitania de Província, de numerosos atos administrativos, civis, militares e eclesiásticos, etc., tais como cartas de almoxarife, cópias de edital com as ordens régias, autos de fundação de Aldeia e de ereção de Vila, despachos e provimentos da Provedoria da Fazenda Real, patentes e posses de militares, protocolo de audiências do Juízo Ordinário de Vilas, assentamentos eclesiásticos de Natal e localidades do interior, petição de administradores do corte de pau-brasil, provimentos de Ouvidores e Corregedores, decisões de Senados de Câmara, nomeações, inclusive de diretor de índios de Vila, datas de terra para edificar, certidões de visitas pastorais e de pastorais do Bispo de Pernambuco, maço de termos sôbre doação feita à Matriz de N. S. da Conceição, na Ribeira do Apodi, no lugar Pau dos Ferros, pelo Cap.-Mor Francisco Soares de Andrade, como senhorio do sítio Pau dos Ferros, de meia légua de terra para a dita Matriz, e Amaro Ferreira da Costa, por seu constituinte Simão da Rocha Pita, papéis de alistamento eleitoral, e muitos outros de natureza diver-

sa. Esses cadernos-livros acham-se em grande parte deteriorados e ilegíveis, de muito tempo, pois recolhidos à base (balcões fechados) da vasta armação de revistas, jornais e publicações outras, na sala contigua à Biblioteca. Vale ressaltar a necessidade da seleção, página a página, desses documentos paleográficos para o registro, num daqueles grandes volumes, do que fôr aproveitável, sob a direção do órgão respectivo do Instituto e com a assistência de qualquer de seus membros ou sócios. A Diretoria, após verificação e o conhecimento da matéria, apresentada pelos peritos encarregados, resolveria o problema, comunicando-o em sessão.

3 — Documentação também avultada é a que reporta ao funcionamento do Poder Legislativo, na Província (Assembléia) e Congresso Legislativo (na 1.<sup>a</sup> República) ou mesmo de Senados de Câmaras, ou Câmaras Municipais, constante de um armário.

Útil será aí um trabalho de reorganização, com índice em livro especial.

Assim, a Comissão é de parecer:

Que, na falta de técnicos em Biblioteconomia, nas condições requeridas pela Lei n.º 4.084, de 30/6/1963, promova a D. Presidência tôdas as medidas necessárias, junto aos Poderes Públicos e a Instituições outras, a fim de ficarem à sua disposição elementos idôneos e cultos, digo, práticos, por ela escolhidos — funcionários, de 4 a 6 pelo menos — que realizem os trabalhos indicados, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, 20 de julho de 1964. João Vicente da Costa, Pres., Manoel Jácome de Lima — Boanerges Januário Soares de Araújo — João Vicente da Costa — Relator”.

O Presidente comunicou já haver providenciado sobre os diplomas dos sócios de diversas categorias, cuja entrega pretende fazer solenemente, em sessão.

Levou ainda ao conhecimento da casa haver solicitado do vice-líder da bancada situacionista na Assembléia Legislativa a apresentação de uma emenda ao projeto orçamentário, consignando uma dotação de Cr\$ ..... 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros) para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Esta verba destina-se principalmente a aquisição de novas estantes de madeira e de aço para colocação de livros

que estão amontoados e desta forma se estragando; encadernação e reencadernação de livros, revistas e jornais; compra de duas máquinas de escrever; impressão da Revista do Instituto; reedição de alguns livros esgotados de autores norte-rio-grandenses, além de muitos outros serviços de grande importância para a vida da entidade.

O Instituto criado no comêço do século é um repositório de grandes tradições do nosso Estado, possuindo livros, revistas, documentos, objetos e relíquias de elevado valor histórico e tudo isto precisa ser bem conservado.

A biblioteca atinge cêrca de vinte mil volumes, milhares dos quais se acham mal acomodados por falta de estantes; numerosos documentos acumulados em grandes maços e por isto é muito justo que seja consignado no orçamento do Estado verba destinada para conservação de tudo isto.

Ainda com a palavra o Presidente propôs a nomeação de uma comissão constituída pelo escritor Luís da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Dr. Manoel Rodrigues de Melo, para elaborar uma exposição de motivos, no prazo de quinze dias, a fim de ser encaminhada ao Exmo. Sr. Governador acêrca do Hino do Rio Grande do Norte, vez que estão sendo entoados, quer nas escolas e colégios da Capital, quer nos estabelecimentos de ensino do interior do Estado, os dois hinos: um da autoria do Dr. Nestor Lima e o outro do Dr. Augusto Meira (letras). A comissão no documento em apreço deve solicitar de Sua Excia. que seja determinado por intermédio dos órgãos competentes a adoção de um só hino, a fim de que em todos os estabelecimentos escolares subordinados ao Estado seja entoado um só hino. A comissão propôs que o Presidente a acompanhasse na ocasião em que ela se dirigisse ao Sr. Governador o que foi anuído pelo mesmo Presidente.

Prosseguindo o Sr. Presidente organizou outra comissão composta dos sócios Dr. Manoel Varela de Albuquerque, Dr. José Nunes Cabral de Carvalho e Professor Luiz Correia Soares de Araújo, para elaborar, no prazo de quinze dias um anteprojeto devidamente justificado, a fim de ser remetido pelos meios cabíveis à Assembléia Legislativa, sugerindo a consulta ao Instituto



Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a mais antiga instituição cultural do Estado, em tôdas as iniciativas do Poder Público Estadual que envolvem assuntos da História e da Geografia do Estado, ou a estas digam respeito. Ambas as propostas foram aprovadas.

Seguiu-se com a palavra o ilustre consócio Gumerindo Saraiva que proferiu importante palestra subordinada ao título. ?

O Presidente designou o Dr. Protásio Melo para fazer a palestra da sessão de novembro sôbre um tema à sua escolha.

O Professor Antônio Fagundes ofereceu ao Instituto os seguintes livros de sua autoria: Vida e Apostolado de D. Joaquim Antônio de Almeida; Educação e Ensino; O Cruzeiro e O Colégio Santo Antônio.

E como nada mais houve a tratar, o Sr. Presidente agradeceu o comparecimento dos confrades àquela, digo a esta sessão, encerrando os trabalhos às dezessete e meia horas. Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida irá assinada.

## **ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE REALIZADA A 27 DE OUTUBRO DE 1964**

Aos vinte e sete dias de outubro de mil novecentos e sessenta e quatro, às vinte horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão extraordinária, conforme convocação feita por edital publicado no Diário Oficial do Estado.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Aluizio Alves, Manoel Rodrigues de Melo, Luiz da Câmara Cascudo, Alvamar Furtado de Mendonça, Tarcsio Medeiros, Boanerges Soares, Veríssimo de Melo, Dioclécio Duarte, Abelardo Calafange, Desembargadores João Vicente da Costa, Silvino Bezerra Neto, Adalberto Amorim, Professôres Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima e Srs. João Carlos de Vasconcelos e Antônio Antídio de Azevedo, exmas. famílias e pessoas gradas.

Inicialmente o Sr. Presidente declarou que a finalidade da presente sessão era para entregar ao Exmo. Sr. Dr. Aluizio Alves o diploma de sócio benemérito, conferido na reunião de dezenove de setembro último e também para ouvir a conferência do poeta e escritor pernambucano, Mauro Mota, passando em seguida a presidência ao Sr. Governador. Agradecendo a deferência, S. Excia. concedeu a palavra ao orador da solenidade, Dr. Manoel Rodrigues de Melo que proferiu longo discurso, analisando a vida pública do Sr. Governador que ainda adolescente publicou o livro — Angicos — trabalho de pesquisas históricas e sociológicas que já naquela época punha em relevo o talento de Sua Excia. Terminado o discurso do 1.º Secretário foi entregue ao Sr. Dr. Aluizio Alves o diploma de sócio benemérito do Instituto, debaixo de calorosa salva de palmas.

Seguiu-se com a palavra o escritor Mauro Mota que pronunciou interessante conferência sob o título — “Uma sociologia de rótulos” — trabalho que mereceu francos aplausos da seleta assistência.

Encerrando a sessão o Sr. Governador expressou o seu reconhecimento pela honra que acabava de receber — o título de sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ao qual já pertencia, acrescentando que o auxílio que o Estado prestava à veneranda instituição cultural, custeando os trabalhos de reparos, limpeza do prédio, organização e catalogação da biblioteca não era um favor mas um dever dos governos de auxiliar instituições desta natureza.

Nada mais havendo a tratar encerrou-se a sessão e para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFICO DO RIO GRANDE DO NORTE REALIZADA EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1964.**

No dia primeiro de novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma ses-

são extraordinária, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich, conforme convocação feita pelo Diário Oficial.

Compareceram os consócios Drs. Enélio Lima Petrovich, Aldo Fernandes, Manoel Rodrigues de Melo, Tarcísio Medeiros, Alvamar Furtado de Mendonça, Desembargadores João Vicente da Costa e Adalberto Amorim, Professôres Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Sr. João Carlos de Vasconcelos, exmas. famílias e numerosos cavalheiros.

Abrindo a sessão o Sr. Presidente declarou que havia convocado aquela reunião para que os Srs. sócios convidados ouvissem a conferência que a Sra. Vera Jane Gilbert ia proferir sôbre importante tema — Impacto dos trópicos na Europa. Em seguida concedeu a palavra ao Dr. Alvamar Furtado para fazer a apresentação da conferencista. Desincumbindo-se da missão o orador fêz um belo discurso de apresentação da oradora, explicando como a conhecera e tecendo considerações em tôrno da sua personalidade. Durante cêrca de meia hora a conferencista prendeu a atenção do seletto auditório pela segurança com que discorreu sôbre o assunto de sua preleção, tornando-a mais atraente com a exibição de slides a respeito das descrições feitas.

Ao término foi muito cumprimentada por todos os presentes.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerrou a sessão. Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei esta ata que depois de lida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA EM 19 DE NOVEMBRO DE 1964**

Aos dezenove de novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezessete horas, na sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão solene, de acôrdo com a convocação feita pelo Diário Oficial, de hoje.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Francisco Ivo Cavalcanti, Tarcísio Medeiros, Antônio Campos e Silva, Professores Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Santa Guerra, Srs. João Carlos de Vasconcelos, Antônio Antídio de Azevedo. Compareceu o Dr. Manoel Vilaça, Secretário de Estado da Educação e Cultura, notando-se ainda a presença de uma representação de alunas da Escola Doméstica de Natal, exmas. famílias e pessoas gradas.

O Sr. Presidente, abrindo a sessão, disse que a principal finalidade da reunião era fazer o lançamento do livro — Os símbolos nacionais — do Professor Antônio Fagundes. Convidou o Sr. Secretário de Educação para assumir a presidência dos trabalhos. O ilustre titular da Educação, agradecendo a honra com que foi distinguido, concedeu a palavra ao orador da solenidade, Dr. Ivo Cavalcanti.

O ilustre professor fez uma síntese da vida do velho educador, desde os tempos de estudante, da sua atuação como professor primário e secundário, dos grandes serviços prestados ao ensino nas importantes funções das escolas normais de Mossoró e Natal e sobretudo na Direção do Departamento de Educação, sobrando-lhe ainda tempo para escrever interessantes livros didáticos, sendo o último — Os Símbolos Nacionais — cujo lançamento sob o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico era o objetivo principal da presente sessão.

Falou em seguida o Professor Antônio Fagundes, agradecendo, emocionado as referências feitas à sua pessoa. O orador mostrou com argumentos sólidos os grandes prejuízos que advieram para a juventude com a supressão do ensino de Civismo nas escolas primárias.

Encerrando a sessão o Sr. Secretário de Educação teceu longos comentários em tórno do assunto focalizado pelo Professor Fagundes e terminou declarando que a Secretaria de Educação ia fazer aquisição de parte da edição do livro — Os Símbolos Nacionais — para ser distribuído com as escolas públicas do Estado.

Como nada mais havia a tratar encerrou-se a sessão e para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada irá assinada.

# ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 29 DE NOVEMBRO DE 1964

Aos vinte e nove dias do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizou uma sessão ordinária, conforme edital de convocação publicado no Diário Oficial de 26 dêste mês.

A sessão teve o comparecimento dos seguintes sócios: Dr. Enélio Lima Petrovich, Aldo Fernandes, Manoel Rodrigues de Melo, Luiz da Câmara Cascudo, Francisco Ivo Cavalcanti, Protásio de Melo, Tarcísio Medeiros, Rômulo Wanderley, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Desembargadores João Vicente da Costa e Silvino Bezerra Neto, Drs. Antônio Campos e Silva e Onofre Lopes, Professôres Antônio Fagundes e Manoel Jácome de Lima, Srs. Antônio Antídio de Azevedo, Gumercindo Saraiva e João Carlos de Vasconcelos.

Iniciando os trabalhos o Sr. Presidente deu posse ao Dr. Onofre Lopes, eleito sócio efetivo na sessão de 15 de agosto dêste ano. Explicou que o Instituto reunido em sessão ordinária, tinha o aspecto de reunião solene, vez que foi incluído na pauta dos trabalhos uma homenagem aos que defenderam, com patriotismo e coragem, o Brasil na malograda intentona comunista de 1935, pelo que convidou diversos intelectuais que tomaram parte naquele movimento em defesa da legalidade para darem o seu depoimento.

Congratulou-se com a Academia Norte-rio-grandente de Letras pela realização do Curso de Literatura durante doze dias.

Também apresentou um voto de congratulações pelo restabelecimento do Desembargador Antônio Soares, que recuperou a vista, aprovado por unanimidade.

Passou em seguida a presidência da mesa ao Sr. Coronel Eduardo d'Ávila de Melo, Comandante da Guarda Militar do Estado.

Desta forma, na segunda parte da sessão, falou inicialmente o Desembargador Silvino Bezerra Neto, membro do Tribunal de Justiça naquela época, portanto tes-

temunha dos lamentáveis acontecimentos que envergonharam e entristeceram por três dias a cidade do Natal.

O segundo orador foi o Dr. Paulo de Viveiros, Oficial de Gabinete do Governador do Estado naquele tempo e que fêz uma descrição perfeita daquele movimento.

O Dr. Aldo Fernandes, então Secretário Geral do Estado, leu trechos de um folheto que êle intitulou — a revolução do outro lado — isto é, o movimento relatado por um comunista que se ocultou sob o pseudônimo de — Santa.

O Dr. João Medeiros Filho que naquela ocasião exercia as funções de Chefe de Polícia e que fôra prisioneiro dos comunistas, relatou muitos fatos ocorridos naqueles dias negros, cuja recordação serve apenas para realçar o valor, o patriotismo e a coragem dos que defenderam o regime democrático e cristão, alguns à custa da própria vida e muitos com sacrifícios incalculáveis. Finalmente aclamado pelo Coronel Eduardo d'Ávila falou o Dr. Luiz da Câmara Cascudo que proferiu vibrante e patriótica alocução, exaltando os sentimentos cívicos das fôrças armadas e do nosso povo e concluindo afirmou que nossa pátria jamais seria dominada por sistema de govêrno, contrário à nossa índole e à nossa formação democrática e cristã.

Concluída esta parte, ocupou a tribuna o Dr. Pro-tásio Melo que pronunciou interessante palestra sôbre aspectos da História Regional, particularmente a respeito da vida do sertanista Costa Pinheiro, membro da Comissão Rondon e que neste caráter percorreu durante muito tempo os sertões de outros Estados, digo, os sertões de Mato Grosso e de outros Estados em contacto com as populações indígenas daquelas inóspitas regiões e procurando trazê-las ao convívio social de nossa Pátria.

Encerrando a sessão o Coronel Eduardo d'Ávila agradeceu o comparecimento da seleta assistência, tendo palavras de aplausos ao Presidente do Instituto pela iniciativa de promover a presente solenidade de tão alta significação cívica.

E nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão e para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei esta ata que depois de lida e aprovada irá assinada.

# ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 19 DE DEZEMBRO DE 1964

Aos dezanove dias do mês de dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezesseis horas, em sua sede social à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária para tratar de assuntos de interesse da entidade, conforme edital de convocação publicado no Diário Oficial do Estado.

Achavam-se presentes os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Israel Nazareno de Souza, Desembargador Silvino Bezerra que se retirou antes de terminar a reunião, por motivo justificado, Professôres Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima e Santa Guerra e Srs. Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos.

Abrindo a sessão, o presidente explicou que o Instituto, tendo em consideração os altos méritos intelectuais do escritor conterrâneo Luiz da Câmara Cascudo resolveu promover uma semana de estudos em sua homenagem. O certame que tem o título de — Semana Câmara Cascudo — será iniciada a 24 do mês em curso e encerrar-se-á no dia 30, aniversário natalício do homenageado. Submeteu a apreciação dos presentes um esboço do programa, que é o seguinte:

De 24 a 30 do corrente haverá diàriamente uma sessão solene, às vinte horas, no salão nobre do Instituto, na qual falará um intelectual conterrâneo.

Dia 24 — À margem de Câmara Cascudo — por Américo de Oliveira Costa;

Dia 25 — Poesia e Folclore — por Newton Navarro;

Dia 26 — Câmara Cascudo e a Academia Norte-Rio-grandense de Letras — por Aderbal de França;

Dia 27 — Câmara Cascudo em família — por Diógenes da Cunha Lima;

Dia 28 — Câmara Cascudo — o musicista, por Geraldo de Souza;

Dia 29 — Câmara Cascudo — da Província ao mundo — por Nilo Pereira;

Dia 30 — Câmara Cascudo — o historiador — por Manoel Rodrigues de Melo.

O encerramento será presidido pelo Exmo. Sr. Governador do Estado como uma prova de apoio dado à iniciativa do Instituto. Numerosas mensagens de aplausos tem sido dirigidas ao Sr. Presidente pela idéia da realização do certame. Haverá exposição no Instituto das condecorações que o escritor tem recebido de numerosas instituições culturais.

Este programa foi aprovado por unanimidade.

Em seguida foram lidas duas propostas: a 1.<sup>a</sup> assinada pelo Dr. Enélio Lima Petrovich, Desembargador Silvino Bezerra Neto e Manoel Jácome de Lima, propondo os nomes dos Srs. Aderbal de França, Diógenes da Cunha Lima e Osvaldo de Souza para sócios efetivos do Instituto e a segunda assinada por Antônio Antídio de Azevedo, Antônio Fagundes e João Carlos de Vasconcelos propondo os Srs. Dr. João Medeiros Filho, Sandoval Wanderley para sócios efetivos e Francisco Augusto Caldas de Amorim, residente na cidade de Assu, para sócio correspondente. Submetidas à discussão as referidas propostas foram aprovadas por unanimidade, dispensados os interstícios dos Estatutos, por serem todas pessoas conhecidas. Nada mais havendo a tratar encerrou-se a sessão, fazendo antes o Sr. Presidente um apêlo a todos os sócios para assistirem às sessões da Semana Câmara Cascudo.

Para constar, eu Manoel Jácome de Lima, 2.<sup>o</sup> Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada, irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA EM 23 DE JANEIRO DE 1965**

Aos vinte e três dias do mês de janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco, às dezesseis horas, em sua sede social à Rua da Conceição, número 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich, conforme edital de convocação publicado no Diário Oficial do Estado.



Compareceram os seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Bruno Pereira, Manoel Varela Santiago, Antônio Campos e Silva, Desembargador Silvino Bezerra Neto, professores Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Santa Guerra, Srs. Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos.

Iniciando os trabalhos o Sr. Presidente determinou ao segundo secretário que procedesse à leitura das duas últimas atas. Ambas, após a respectiva leitura, foram discutidas e aprovadas sem emendas.

Em seguida o Sr. Presidente comunicou aos confrades presentes haver oficiado ao Exmo. Sr. Governador do Estado pedindo autorização para renovar o contrato de Roberto Nobre Valença e para contratar Elifá Bezerra Mamede, ambos técnicos em biblioteconomia, para continuarem os trabalhos de organização e classificação dos livros e revistas do Instituto, tendo conseguido a permissão solicitada.

Leu a cópia de outro ofício dirigido ao Sr. Chefe do Executivo Estadual solicitando o adiantamento de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros), do auxílio de Cr\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros) consignados no Orçamento do Estado do ano em curso, para acorrer às despesas da publicação dos discursos e conferências proferidos na — Semana Câmara Cascudo — e para pagamento de outras despesas inadiáveis.

Continuando com a palavra o Sr. Presidente disse que o Instituto prestou uma homenagem póstuma ao sócio Dr. Cristóvão Dantas, falecido a 19 outubro de 1964 e para êste fim designava o dia 20 de fevereiro do ano entrante. Propôs ainda um voto de pesar ao Sr. Aderbal de França pelo falecimento de sua espôsa, proposta que foi aprovada por unanimidade.

Determinou em seguida que o 1.º secretário procedesse à leitura do expediente que foi o seguinte:

Ofício do Dr. Miguel Calmon, Magnífico Reitor da Universidade da Bahia, comunicando a sua solidariedade e a de toda a Universidade, às homenagens prestadas ao escritor Câmara Cascudo.

Ofício do Sr. Luiz da Rosa Oiticica, Diretor do Museu do Açúcar, comunicando a sua posse no dia 7 dêste mês, na direção da referida Instituição.

Oferta — Pelo sócio João Carlos de Vasconcelos foi oferecido ao Instituto um exemplar da revista — Regina — que se publica nesta capital.

Voltando a falar o Sr. Presidente autorizou o sócio Antônio Campos e Silva a convidar o sócio correspondente Dr. Vingt-Un Rosado, residente em Mossoró para fazer uma ou mais palestras sôbre Antropologia, assunto em que é êle especializado.

Facultada a palavra o sócio João Carlos de Vasconcelos propôs um voto de louvor ao Presidente do Instituto pelo brilhantismo da Semana Câmara Cascudo, tornando extensivo êste voto ao Dr. Varela Santiago pela sua presença todos os dias às solenidades da referida semana. Estas propostas foram aprovadas por unanimidade.

Foram lidas duas propostas: a 1.<sup>a</sup> assinada pelos sócios e a 2.<sup>a</sup> pelo Dr. Enélio Lima Petrovich. Estas propostas foram lidas na sessão anterior.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão, para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.<sup>o</sup> Secretário, lavrei esta ata que depois de lida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 20 DE FEVEREIRO DE 1965**

Aos vinte dias do mês de fevereiro de mil novecentos e sessenta e cinco, às vinte horas, na sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão solene, conforme convocação feita por edital no Diário Oficial. Presidiu a sessão o Dr. Enélio Lima Petrovich, a ela comparecendo os seguintes sócios: Drs. Francisco Ivo Cavalcanti, Diógenes da Cunha Lima, Abelardo Calafange, Boanerges Januário Soares de Araújo, Alvarado Furtado de Mendonça, Desembargador Silvino Bezerra Neto, professores Antônio Fagundes e Santa Guerra, Srs. Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos e Sandoval Wanderley. Compareceram ainda algumas famílias e pessoas de representação social.

Inicialmente falou o Sr. Presidente do Instituto, explicando a finalidade da sessão — prestar uma homenagem à memória do Dr. Cristóvão Dantas, sócio efetivo da entidade. Passou, em seguida, a palavra ao orador oficial da solenidade, historiador Luiz da Câmara Cascudo, que em belíssimo improviso falou sobre a vida e a obra do homenageado, recebendo ao término calorosos aplausos.

Em nome da família do Dr. Cristóvão agradeceu o Sr. Osório Dantas.

Encerrando a sessão, o Sr. Presidente agradeceu o comparecimento dos sócios, famílias e convidados, ressaltando que o Instituto Histórico vem cumprindo a sua missão, contribuindo dentro de suas possibilidades para o desenvolvimento cultural do Estado e também homenageando as figuras que, pelo seu exemplo de trabalho e honradéz prestaram inestimáveis serviços à terra comum.

E como nada mais houve a tratar encerrou-se os trabalhos às vinte e uma horas e para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 12 DE MARÇO DE 1965**

Aos doze dias do mês de março de mil novecentos e sessenta e cinco, às vinte horas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão solene em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, de acôrdo com o edital de convocação publicado no Diário Oficial.

A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich.

Compareceram os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Abelardo Calafange, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Alvamar Furtado de Mendonça, Professor Antônio Fagundes, Srs. Antônio Antídio de Azevedo, Sandoval Wanderley, João Carlos de Vasconcelos e Francisco Amorim, além de auidades militares, estudantes, etc.

Abrindo a sessão o Sr. Presidente disse que o motivo da reunião, em caráter solene, era a abertura das comemorações do centenário da Guerra do Paraguai, oportunidade em que o General Umberto Peregrino pronunciará uma conferência sob o título: A Guerra do Paraguai na obra de Machado de Assis.

Achando-se presente o Exmo. Sr. Comandante da Guarnição Militar de Natal, General Gomes Tinôco, o Dr. Enélio Lima Petrovich achou por bem convidá-lo para presidir a solenidade. Como início discursou o escritor Câmara Cascudo, fazendo a apresentação do conferencista que também é sócio desta casa e tecendo alguns comentários em torno do grande acontecimento histórico.

Em seguida usou da palavra o Sr. General Umberto Peregrino, discorrendo sobre o tema acima referido, sendo, ao terminar, muito aplaudido.

Após a conclusão da interessante conferência falou o Sr. Presidente da sessão, o General Gomes Tinôco, agradecendo a presença de todos. Aproveitou o ensejo para manifestar a satisfação e a honra de presidir à primeira reunião depois de sua chegada a Natal e principalmente, no Instituto Histórico e Geográfico, “casa cara, digna e intocável, onde se respeita o passado, vive-se o presente para um futuro feliz”.

A sessão encerrou-se às 21,20 horas. E para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada, será assinada.

## **ATA DA SESSÃO DE ASSEMBLÉIA GERAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 3 DE ABRIL DE 1965**

Aos três dias do mês de abril do ano de mil novecentos e sessenta e cinco (1965), às dezesseis horas, realizou-se uma sessão de Assembléia Geral do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, conforme edital de convocação publicado no Diário Oficial. A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich, a ela com-

parecendo os seguintes consócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, José Nunes Cabral de Carvalho, Hélio Dantas, Antônio Soares Filho, Luís da Câmara Cascudo, Tarcísio da Natividade Medeiros, Diógenes da Cunha Lima, Manoel Varela de Albuquerque, Américo de Oliveira Costa, Alvarado Furtado de Mendonça, Israel Nazareno de Souza, Manoel Varela Santiago Sob.º, Protásio Pinheiro de Melo e Paulo Pinheiro de Viveiros; Desembargadores Silvino Bezerra Neto e Adalberto Amorim; Mosenhores José Alves Landim e Alair Vilar; Professores Osvaldo de Souza, Antônio Campos e Silva, Ulisses Celestino de Góis, Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Luiz Soares de Araújo, Manoel Jácome de Lima e Caetana de Brito Guerra; Srs. Sandoval Wanderley, Francisco Caldas de Amorim, Gumercindo Saraiva, João Carlos de Vasconcelos, Antônio Antídio de Azevedo, Newton Navarro e Aderbal de França.

De início, o Dr. Enélio Lima Petrovich disse que a principal finalidade da presente sessão era proceder à eleição da nova diretoria para o biênio 1965-1966, bem como das comissões permanentes do Instituto. Explicado o objetivo da reunião, leu um telegrama do ilustre confrade General Antônio Carlos da Silva Muricy, que, em resposta a um seu convite, comunicou a impossibilidade de atender ao referido convite para receber o título de "sócio honorário" que o Instituto lhe conferira em sessão do ano passado, e, também, para pronunciar conferência, comprometendo-se, porém, a vir a Natal em meados do corrente mês.

Em seguida, o Dr. Enélio Lima Petrovich procedeu à leitura do Relatório das atividades durante o biênio que se encerrava, tendo o mesmo sido aprovado por unanimidade.

Estando presentes os confrades, recentemente eleitos, Sandoval Wanderley e Hélio Dantas, o Sr. Presidente deu-lhes posse, externando a certeza de que ambos continuariam a prestar, agora como sócios, valiosos serviços à nossa instituição.

Com a palavra o distinto sócio Dr. Tarcísio da Natividade Medeiros, propôs um voto de louvor ao relatório que o Sr. Presidente acabava de ler e, ao mesmo tempo, tendo em vista o dinamismo, a abnegação, enfim, o gran-

de devotamento à entidade, como que ressuscitando de certa obscuridade por que passava o nosso tradicional Instituto, sugeriu que o atual presidente e demais membros da diretoria fossem reeleitos por aclamação.

Antes, porém, de ser submetida à apreciação dos srs. sócios a referida proposta, o Sr. Presidente aproveitou o ensejo para ler uma carta do ilustre consócio Dr. João Epitácio Fernandes Pimenta, na qual solicitava a sua exclusão do cargo de Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo do Instituto, por motivo de saúde.

Na oportunidade, o Dr. Manoel Varela de Albuquerque propôs que, face ao pedido do colega, em caráter irrevogável, deveria o mesmo ser acatado. Propunha que fôsse exarado na ata um voto de aplausos pela sua atuação até a presente data no desempenho de suas funções. Ambas as propostas foram unânimemente aprovadas. Por sua vez, o confrade Antônio Soares Filho sugeriu que, em substituição ao Dr. João Epitácio Fernandes Pimenta, fôsse eleito o sócio João Carlos de Vasconcelos.

Em prosseguimento aos trabalhos, usou da palavra o historiador Câmara Cascudo, apresentando uma moção de aplausos ao esforço desenvolvido, no campo da pesquisa, pelo confrade Osvaldo de Souza e que a mesma fôsse transmitida ao Diretor do Museu Nacional, sendo a referida proposta aceita pelos presentes.

Em seguida, o comendador Câmara Cascudo, acatando a proposta do Dr. Tarcísio da Natividade Medeiros, manifestou sua alegria em ver o atual Presidente, Dr. Enélio Lima Petrovich, reeleito, ou como disse "prorrogado o seu mandato", pois nêle via, digo, nêle reconhecia grande fôrça valorizadora em defesa do patrimônio intelectual do nosso Estado, além de cumprir a ingente tarefa de resguardar, sob o aspecto material, o nosso Instituto, atualizando o seu fichário e reorganizando a sua biblioteca, a fim de que a história seja mais revivida e as nossas tradições mais cultivadas. Agradecendo, sensibilizado, as palavras de estímulo do orador, o Sr. Presidente submeteu à votação a proposta do sócio Tarcísio da Natividade Medeiros, isto é, da reeleição da atual diretoria, apenas alterada com a substituição do Dr. João Epitácio Fernandes Pimenta pelo Sr. João Carlos de Vasconcelos.

Sem discrepância de votos, a aludida proposta foi aprovada.

Desta forma, a Diretoria e Comissões Permanentes do Instituto, para o biênio de 1965-1966, ficaram assim constituídas:

Presidente — Dr. Enélio Lima Petrovich;

1.º Vice-Presidente — Desembargador Antônio Soares de Araújo;

2.º Vice-Presidente — Desembargador Silvino Bezerra Neto;

1.º Secretário — Dr. Manoel Rodrigues de Melo;

2.º Secretário — Prof. Manoel Jácome de Lima;

Adjunto do 2.º Secretário — Dr. Rômulo Chaves Wanderley;

Orador — Dr. Luís da Câmara Cascudo;

Vice-Orador — Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros;

Tesoureiro — Dr. Manel Varela de Albuquerque;

Adjunto de Tesoureiro — Dr. Boanerges Januário Soares de Araújo;

Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo — João Carlos de Vasconcelos;

Adjunto do Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo — Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão.

Comissão da Revista: Dr. Luís da Câmara Cascudo, Dr. Boanerges Januário Soares de Araújo e Dr. Tarcísio da Natividade Medeiros.

Afinal, por sugestão do Professor Ulisses Celestino de Góis, ainda usou da palavra o historiador Câmara Cascudo que, em nome dos presentes e sócios fez eloquente saudação aos eleitos.

Encerrando os trabalhos, o Sr. Presidente empossou a diretoria recém-eleita e os membros das Comissões Permanentes, ocasião em que também agradeceu a confiança nêle depositada, manifestando a honra que sentia em exercer, mais uma vez, aquêle elevado cargo ou seja, presidir a mais antiga instituição cultural do Estado, e prometendo tudo fazer para corresponder aos anseios da classe. Aos presentes foi servida uma taça de champanha.

E para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada, vai devidamente assinada.

## ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA NO DIA 5 DE MAIO DE 1965

Aos cinco dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e cinco, às vinte horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão solene, conforme convocação feita por edital publicado no Diário Oficial do Estado.

A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich e contou com o comparecimento dos sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Abelardo Calafange, Aldo Fernandes, Israel Nazareno de Sousa, Antônio Soares Filho, Hélio Dantas, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Rômulo Wanderley, Boanerges Januário Soares de Araújo, professores Luís Correia Soares de Araújo e Antônio Fagundes, Srs. João Carlos de Vasconcelos, Antônio Antídio de Azevedo e Sandoval Wanderley.

O Dr. Enélio Lima Petrovich, abrindo a sessão, declarou que a finalidade da reunião era prestar homenagem à memória do grande sertanista Marechal Cândido Rondon, cujo centenário de nascimento transcorre hoje. Em seguida facultou a palavra ao orador da solenidade, professor Luís Correia Soares de Araújo que discorreu sobre o tema: "A importância do Marechal Rondon na História do Brasil".

Depois falou o vereador Antônio Felix da Silva em nome da Câmara Municipal de Natal, congratulando-se com o Instituto pela justa homenagem ao grande brasileiro que inestimáveis serviços prestou à nossa Pátria. No mesmo sentido falou o deputado estadual Lauro Aruda representando a Assembléia Legislativa.

O Sr. Luís de França Morais fez entrega à mesa de algumas moedas antigas acompanhadas de uma carta cujo teor é o seguinte: "Natal, 5 de maio de 1965. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Na qualidade de reconhecedor que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte é uma instituição digna de todo acatamento e respeito do povo potiguar, não somente pelo seu rico patrimônio histórico como também pela fecunda orientação dos seus



dirigentes. Nada de importante tenho a ofertar-lhe, apenas estas poucas moedas antigas que deponho agora sôbre a mesa da presidência. Concluindo minhas simples palavras quero hipotecar minha solidariedade ao esforçado e inteligente môço que está à frente da presidência que é o doutor Enélio Lima Petrovich cuja direção eficiente ao mesmo, vem servindo de admiração em nossa capital, através de comentários pela imprensa, nos âares, nas ruas, etc., os quais sou testemunha ocular. Luiz de França Moraes — Telegrafista do DCT em Natal e residente à Rua da Laranjeiras, 32, Natal”.

Falou ainda o escritor Câmara Cascudo congratulando-se com o Instituto pela realização da solenidade e transmitindo cumprimentos ao professor Luiz Soares.

Finalmente, o Sr. Presidente encerrou os trabalhos evocando também passagens da vida do Marechal Rondon e agradecendo aos presentes o comparecimento.

E nada mais havendo a tratar, às 21,15 horas encerrou-se a sessão. Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 15 DE MAIO DE 1965**

Aos quinze dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e cinco, às dezesseis horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte realizou uma sessão ordinária, conforme convocação feita por edital publicado no Diário Oficial.

A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich com a presença dos seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Veríssimo de Melo, Protásio de Melo, Francisco Ivo Cavalcanti, Bruno Pereira, Tarcísio da Natividade Medeiros, Rômulo Wanderley, Boanerges Januário Soares de Araújo, Desembargador Silvino Bezerra Neto, Professôres Antônio Fagundes, Luiz Soares, Manoel Jácome de Lima, Monseñhor José Alves Pereira Landim, Srs. Antônio Antídio

de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos. Compareceram ainda convidados, estudantes e algumas famílias.

Iniciando os trabalhos, o Dr. Enélio Lima Petrovich declarou que nesta sessão seria prestada uma homenagem à memória do poeta pernambucano Ascenço Ferreira falecido no Recife no dia 5 dêste mês, muito conhecido e apreciado em nosso meio social e cultural. Antes, porém, queria o Sr. Presidente fazer aos srs. consócios as seguintes comunicações:

I — Apresentou o relatório do último biênio lido na sessão de 3 de abril findo e que seria distribuído entre os consócios após a sessão. Louvou o esforço e a boa vontade do confrade João Carlos de Vasconcelos que em tão curto espaço de tempo concluiu a impressão do citado relatório.

II — Comunicou o falecimento do Dr. Matias Maciel, membro do Instituto, acrescentando que o mesmo fôra representado no entêrro do extinto pelos Desembargador Adalberto Amorim e Dr. Antônio Soares Filho. Oportunamente, adiantou, o Sr. Presidente, seria prestada ao falecido consócio as homenagens que a instituição costuma tributar aos sósios desaparecidos.

III — Levou ainda ao conhecimento da casa que o Instituto irá comemorar o centenário do nascimento do Dr. Epitácio Pessoa, no próximo dia 23 do corrente, em sessão solene, às 20,30 horas e que será orador da solenidade o historiador Luís da Câmara Cascudo.

Antecipadamente convidava todos os presentes para assistirem àquela importante sessão.

O Dr. Tarcísio Medeiros, tendo em vista a presteza com que foi impresso o relatório, sugeriu que a publicação do próximo número da Revista do Instituto poderia ser feita na oficina tipográfica do Sr. João Carlos de Vasconcelos. Interpelado êste sr. sôbre o assunto respondeu que, sendo trabalho de grande vulto só poderia responder depois. Ficou então deliberado que o Sr. Presidente resolveria o assunto.

IV — O Sr. Presidente determinou que o 1.º Secretário procedesse à leitura das propostas que se achavam sôbre a mesa para sócios dos seguintes senhores:

Pelos Drs. Enélio Lima Petrovich e Manoel Rodrigues de Melo para a categoria de sócio efetivo, o Dr. Graciliano Lordão; pelos Srs. Antônio Antídio de Aze-

vedo, Antônio Fagundes e João Carlos de Vasconcelos para a classe de sócio honorário, D. Nivaldo Monte, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal e para a categoria de sócios efetivos: Professor Severino Bezerra de Melo, José Melquíades de Macedo e Honório Ribeiro Dantas; pelo Desembargador Silvino Bezerra Neto, Drs. Aldo Fernandes e Bruno Pereira para o quadro de sócio efetivo — Dr. José Tavares da Silva. Submetidas a apreciação dos sócios presentes tôdas estas propostas foram aprovadas por unanimidade, dispensados os interstícios, por se tratar de pessoas conhecidas por todos.

Em seguida, o Sr. Presidente facultou a palavra ao Dr. Veríssimo de Melo, orador da solenidade, que discorreu sôbre o tema: Lembrança de Ascenço Ferreira. Além de fazer o resumo biográfico do homenageado, o orador relembrou diversos episódios da vida do poeta e recitou alguns poemas de sua autoria, tornando, assim, muito interessante a palestra. Ao terminar foi muito cumprimentado pela seleta assistência.

E nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente agradeceu a presença dos sócios e convidados, encerrando a sessão às dezessete horas e vinte minutos.

Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 1.º Secretário, lavrei a presente ata que irá devidamente assinada depois de lida e aprovada.

## **ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 23 DE MAIO DE 1965**

Aos vinte e três dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta cinco, às vinte horas e trinta minutos realizou-se no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, uma sessão solene, sob a presidência do Dr. Enélio Lima Petrovich. A sessão fôra convocada por edital publicado no Diário Oficial e noticiada pela imprensa falada e escrita da capital. Compareceram os seguintes sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Rômulo Wanderley, Dioclécio Duarte, Paulo Viveiros, Boanerges Januário Soares de Araújo, Luís da Câmara Cascudo, Francisco Ivo Cavalcanti, professores Ulisses de Góis, Severino Bezerra de Melo, San-

ta Guerra, e João Carlos de Vasconcelos. Além dos sócios compareceram muitos convidados e exmas. famílias.

Abrindo a sessão, o Sr. Presidente declarou que o objetivo da reunião era homenagear a memória do Dr. Epitácio Pessoa, ex-Presidente da República, cujo centenário de nascimento transcorre nesta data. A respeito da comemoração que estava se efetuando leu os seguintes telegramas: "Dr. Enélio Lima Petrovich — Felicitações solidariedade nosso querido Instituto celebração centenário Epitácio Pessoa. Palavra mestre Cascudo representa consciência brasileira exaltação grande revalorizador região. Abraços — Nilo Pereira". "Dr. Paulo Viveiro. Acatando vosso, digo, sugestão vosso 474600, 12 corrente, estou providenciando entre outras homenagens, projeto lei denominando rua desta cidade nome grande brasileiro Epitácio Pessoa. Saudações — Geraldo Galvão — Prefeito Acari".

Em seguida, o Sr. Prefeito da Capital, Almirante Tertius Rebelo pronunciou um discurso sobre a personalidade do homenageado, terminando com a assinatura da lei que naquele momento sancionava, dando a denominação de Epitácio Pessoa a uma das ruas de Natal.

Após isto, o historiador Luís da Câmara Cascudo, orador oficial da solenidade, pronunciou brilhante discurso subordinado ao tema: "Lembrando Epitácio", recebendo calorosos aplausos ao terminar.

Antes de encerrar os trabalhos o Dr. Enélio Lima Petrovich proferiu breve discurso, tecendo interessantes comentários em torno do homenageado. Registrou com muita satisfação a presença da conhecida pianista Lêda Maranhão, acompanhada de sua progenitora e neta do Dr. Alberto Maranhão, ex-Governador do Estado em dois períodos e sócio fundador deste Instituto, por cujo desenvolvimento muito se esforçou. Determinou que a visita da ilustre artista a esta casa e a sua presença a esta localidade constassem na ata. Comunicou à seleta assistência que o Instituto pretende continuar o seu programa de comemorações de fatos históricos e vultos notáveis de nossa pátria. E assim iria celebrar festivamente o dia 11 de junho próximo, centenário da batalha naval de Riachuelo e 12 do mesmo mês, aniversário da exe-

ção do Padre Miguelinho, para cujas festividades convidava todos os presentes. Anunciou que serão oradores destas comemorações, respectivamente, o comendador Câmara Cascudo e o consócio João Carlos de Vasconcelos. Às 21,20 horas encerrou-se a sessão.

E para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada irá devidamente assinada.

## **ATA DA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 11 DE JUNHO DE 1965**

Aos onze dias do mês de junho de mil novecentos e sessenta e cinco, às vinte horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, continuando seu programa de comemorações, realizou uma sessão solene, conforme convocação feita pelo Diário Oficial.

A sessão teve o comparecimento dos sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Tarcísio da Natividade Medeiros, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Manoel Varela de Albuquerque, Abelardo Calafange, Hélio Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Francisco Ivo Cavalcanti, professores Ulisses de Góis, Luiz Correia Soares de Araújo, Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Santa Guerra, Sandoval Wanderley, Antônio Antídio de Azevedo e João Carlos de Vasconcelos. Compareceram ainda numerosos oficiais da Marinha de Guerra, o representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, uma representação da Escola Doméstica de Natal, professores, estudantes e muitas pessoas de representação.

A mesa que presidiu os trabalhos ficou assim constituída: Presidente — Almirante Mário da Costa Furtado de Mendonça, Inspetor Geral da Marinha e dos Srs. Capitão de Mar e Guerra Luís Cirilo de Albuquerque, Comandante da Base Naval de Natal; Coronel José Paulino, representante do Sr. Governador do Estado; Sr. Raimundo Elpídio, Prefeito da Capital, em exercício; Professor Lourival Vilanova, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Recife; Professor Fávita Ri-

beiro, da Universidade do Ceará; Dr. Arnaldo Arsênio de Azevedo, representante da Ordem dos Advogados; Desembargador Robison da Silva, Presidente do Tribunal de Justiça e do Tribunal Eleitoral; Capitão de Mar e Guerra Alberto Pimentel.

Inicialmente, o Dr. Enélio Lima Petrovich disse que não ia fazer um discurso mas apenas dar ligeiras explicações: tinha grande satisfação de comunicar aos presentes que o insigne confrade mestre Câmara Cascudo, pela manhã, havia recebido das mãos do Almirante que preside à mesa a condecoração de Grande Oficial do Mérito Naval — a maior da Marinha Brasileira. Êste fato é para os que fazem parte desta casa, afirmou o Dr. Enélio, de indiscutível significação e por isto queria manifestar ao eminente mestre a homenagem de seus consócios, determinando que êste acontecimento fôsse consignado na ata dos trabalhos de hoje. Em segundo lugar leu um telegrama de D. Laurita Pessoa Raja Gabaglia, hoje Irmã Maria Regina Santo Rosário, filha do grande brasileiro Epiácio Pessoa, a propósito da comemoração do centenário do nascimento do mesmo, solenidade efetuada por êste Instituto, a 23 de maio findo. O telegrama tem o seguinte teor: “Dr. Enélio Lima Petrovich — Presidente do Instituto Histórico — Natal. Profundamente comovida agradeço comemoração centenário Epiácio Pessoa magnífico Instituto Histórico dia 23 conferência notável Câmara Cascudo. Delicada homenagem honra sumamente sentimento cívico norte-rio-grandense. Impossibilitada falta absoluta tempo saúde enviar mensagem como mereceis e o meu coração pedira. Sirvo-me desta para transmitir-vos palavras Epiácio Pessoa que faço minhas: “Quanto mais caminho mais me sinto filha do Brasil, mais confiança tenho nas suas possibilidades, mais clara se me apresenta a visão do seu futuro”. Atenciosas saudações. (a) Irmã Maria Regina Santo Rosário.” D. Laurita Pessoa Raja Gabaglia, atualmente Irmã Maria Regina, carmelita do Mosteiro de Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, escreveu dois volumes, sôbre a vida de seu pai, considerada uma obra-prima e imperecível, na opinião de Câmara Cascudo.

Terminadas estas considerações, usou da palavra o orador da solenidade, comendador Câmara Cascudo, que

com a eloquência e a erudição que lhe são peculiares, discorreu sôbre o memorável fato histórico, cujo centenário está sendo comemorado, fazendo interessantes comentários em torno do sinal arvorado no mastro do navio capitânia — “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. — Concluiu o seu discurso com grandes aplausos.

O Almirante Mário da Costa Furtado de Mendonça encerrou a sessão agradecendo aos presentes o seu comparecimento àquela cerimônia de tão alta significação cívica e concitando a todos a trabalharem unidos pela grandeza do Brasil.

Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada irá assinada.

Observação: Em virtude da falta de luz em tôda a cidade, a presente sessão foi realizada sob a luz de velas, contando, apesar disto, com grande comparecimento, superlotando todo o salão nobre.

E frente ao Instituto, a banda de música da Polícia Militar, de ordem do Sr. Comandante daquela corporação, executou várias peças, dando assim realce à solenidade.

## **ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, REALIZADA A 12 DE JUNHO DE 1965**

Aos doze dias do mês de junho de mil novecentos e sessenta e cinco, às dezesseis horas, em sua sede social, à Rua da Conceição, 622, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizou uma sessão ordinária, com caráter solene, conforme convocação feita pelo Diário Oficial.

A sessão foi presidida pelo Dr. Enélio Lima Petrovich, tendo a ela comparecido os sócios: Drs. Enélio Lima Petrovich, Manoel Rodrigues de Melo, Francisco Ivo Cavalcanti, Dioclécio Duarte, Boanerges Soares, Israel Nazareno de Sousa, Antônio Soares Filho, Tarcísio da Natividade Medeiros, Luís da Câmara Cascudo, Hélio

Dantas, Manoel Varela de Albuquerque, Deseembargador Adalberto Amorim, Monsenhor José Alves Ferreira Landim, professôres Severino Bezerra de Melo, Luís Correia Soares de Araújo, Antônio Fagundes, Manoel Jácome de Lima, Srs. João Carlos de Vasconcelos e Antônio Antídio de Azevedo. Compareceram ainda numerosos convidados, Escoteiros do Alecrim, acompanhados de sua banda de música e diversos estudantes.

O Sr. Presidente deu início aos trabalhos, declarando que, apesar de sessão ordinária, tinha caráter solene pela comemoração que ia se realizar do centésimo quadragésimo oitavo aniversário da morte do Padre Miguelinho, herói da revolução de 1817.

Em seguida procedeu à leitura de uma proposta para sócios honorários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte dos Srs.: Almirante Mário da Costa Furtado de Mendonça, Inspetor Geral da Marinha; Professor Lourival Vilanova, Catedrático de Teoria Geral do Estado, da Faculdade de Direito do Recife, digo, da Universidade do Recife, autor de vários trabalhos no âmbito do direito de larga repercussão nacional; Professor Fávila Ribeiro, Catedrático de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará, atual Procurador Geral da República naquele Estado e autor de diversos trabalhos de direito e sociologia. Submetida a referida proposta à apreciação da casa foi aprovada por unanimidade, dispensados os interstícios. Achando-se presentes os dois últimos foram pelo Sr. Presidente proclamados sócios honorários.

Os novos sócios foram saudados pelo Dr. Boanerges Soares, em nome do Instituto. Agradeceu a saudação, em belo e substancial improviso o Professor Lourival Vilanova que além de manifestar o seu reconhecimento pela distinção que recebera de ser incluído como sócio honorário desta casa, teceu interessante comentário em tôrno dos institutos desta natureza e do papel importante que desempenham na vida cultural do meio em que funcionam. O ilustre professor foi muito felicitado ao terminar sua oração.

Seguiu-se com a palavra o consócio João Carlos de Vasconcelos que proferiu sua anunciada palestra sobre o Padre Miguelinho, recebendo ao concluir muitos cumprimentos.



Finalmente o Sr. Presidente agradeceu o comparecimento da seleta assistência, encerrando a sessão às dezessete horas e trinta minutos.

Para constar, eu, Manoel Jácome de Lima, 2.º Secretário, lavrei a presente ata que depois de lida, discutida irá devidamente assinada.

Observação: Como a sessão anterior, a última parte da presente reunião efetuou-se à luz de velas, em virtude de continuar a cidade às escuras.

**Í N D I C E**

**dos Volumes LVI — LVII — LVIII**

**Anos: 1964-1965-1966**

|  |     |
|--|-----|
| ENÉLIO LIMA PETROVICH — Uma justificativa  | 3   |
| LUÍS DA CÂMARA CASCU DO — Lourival Açucena .....   | 5   |
| HÉLIO VIANNA — Governador desencantado congratula-se com habitual resignatário ....            | 45  |
| ENÉLIO LIMA PETROVICH — Inauguração de uma placa .....   | 49  |
| ANTÔNIO FAGUNDES — Dr. Francisco Pinto de Abreu .....  | 51  |
| MANOEL JÁCOME DE LIMA — O Poder Legislativo do Rio Grande do Norte no Regime Republicano ..... | 61  |
| GUMERCINDO SARAIVA — Dualidade do “Hino do Rio Grande do Norte” .....                          | 86  |
| M. RODRIGUES DE MELO — Grupos Literários da Província .....                                    | 95  |
| ATAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (1964-1965) .....                         | 162 |



Publicação do INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO  
NORTE com o auxílio do CONSELHO  
FEDERAL DE CULTURA.